



VERUS
EDITORA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A
garota DO
CALENDÁRIO

MARÇO

Audrey Carlan

Audrey Carlan

A
garota DO
CALENDÁRIO



MARÇO

Tradução
Andréia Barboza



VERUS
EDITORA

Star Books Digital



Editora

Raïssa Castro

Coordenadora**editorial**

Ana Paula

Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia

A. Maier

**Capa,
projeto
gráfico e
diagramação
da versão
impressa**

André S.

Tavares da

Silva

Foto da capa

©

Svyatoslava

Vladzimirska/

Shutterstock (casal)

Título original
Calendar Girl: March

ISBN: 978-85-7686-539-1

Copyright © Audrey Carlan, 2015
Todos os direitos reservados.
Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase
Literary Agency



Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo
fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de
dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP,
13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário: março [recurso eletrônico] / Audrey Carlan;
tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, São Paulo: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 3)

Tradução de: Calendar Girl: March
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: A garota do calendário: fevereiro
ISBN 978-85-7686-539-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II.
Título. III. Série.

16-34510

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Heather White

Mia está em Chicago por sua causa.

Você também deixou o que era familiar e partiu em uma jornada.

O livro deste mês mostra que correr riscos pode ser incrível.

Às vezes eles significam mudanças de vida, não raro profundas. Normalmente, valem a
pena.

Você é linda e eu adoro sua presença em minha vida.

Besos, minha querida.

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

A garota do Calendário | Março

Agradecimentos



No exato instante em que meus pés tocaram o chão da área de desembarque no aeroporto de Las Vegas, fui esmagada entre duas formas: uma alta e magra, a outra pequena e firme. Minhas narinas foram invadidas pelo cheiro de chiclete de menta e cereja quando os dois corpos se enroscaram no meu, saltitando e gritando. O som parecia o das hienas que uivavam na jaula quando Alec e eu visitamos o zoológico em Seattle.

— Nossa, eu senti tanto a sua falta — Gin choramingou, antes de me dar um selinho. Ah, era dela o chiclete de menta. Em seguida minha irmã caçula, Maddy, a tirou do caminho e me puxou para seus braços longos. Cereja. Desde pequena ela tem cheiro de cereja, e eu nunca me interessei em saber por quê. Como todo o resto, eu simplesmente aceitava esse fato. Era tudo o que importava. Maddy me abraçou, seu porte me fazendo parecer pequena com meu um metro e setenta e três. Ainda que eu fosse a mais velha, ela detinha o recorde de altura em nossa pequena família, com um metro e oitenta. Aos dezenove anos, Maddy era definitivamente bonita, mas ainda não tinha encorpado como eu na idade dela. Seu metabolismo imbatível a mantinha magérrima. Garota de sorte.

Os olhos de Maddy se encheram de lágrimas. Segurei seu rosto com ambas as mãos.

— A menina mais linda do mundo — eu me derreti. — Mas só quando sorri...

— Você sempre diz isso. — Seus lábios se curvaram para cima e eu ganhei o sorriso que adorava mais que o de qualquer outra pessoa.

— Porque é verdade. Você é a menina mais linda do mundo. Não é, Gin?

Minha amiga fez uma bola com o chiclete e enroscou o braço no meu.

— É. Agora vamos picar o burro.

Revirei os olhos.

— É picar a *mula*, Gin. — Ela parou no meio do setor de desembarque do aeroporto.

— Que seja, você entendeu. Engoliu o dicionário, é?

Dei uma gargalhada. Como aquilo era bom. Ótimo, na verdade. A tensão saiu pelos meus poros de maneira quase física, como se pudesse cair no chão e se esparramar pelo piso emborrachado. Deus, era bom estar em casa. As garotas me levaram até o Honda de Gin.

— Onde está o carro do papai, Mads? — Coloquei minha bagagem no porta-malas e sentei no banco do passageiro. Maddy entrou pela porta de trás e enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

— Hum... — Olhou pela janela, os olhos se movendo de um ponto a outro, como se estivesse tentando pensar em algo para dizer.

Meus ombros caíram.

— O que aconteceu com o carro dele?

— Nada. — Ela deixou escapar um longo suspiro e continuou enrolando a mecha de cabelo loiro, recostada no banco de trás. O que quer que fosse, ela não queria me contar.

— Conte para ela, Mads — Gin pressionou.

Minha irmã bufou e se endireitou. Fechou os olhos e depois abriu. A determinação surgiu em poderosas rajadas de cor naquelas profundezas verdes.

— Os caras que espancaram o papai destruíram o carro dele também.

Meu estômago queimou.

— Por que você não me contou antes? — A raiva desceu pela minha coluna e foi até as mãos. Fechei-as em punhos. Se alguém chegasse perto de mim agora, estaria ferrado.

— Eu só...

— Só o quê? Como você tem ido para a faculdade?

— Normalmente de ônibus, mas às vezes a Ginelle me leva. — Seu olhar se desviou para minha melhor amiga. Gin sorriu brevemente. — E tem o Matt, o cara de quem eu te falei. Ele me dá carona às vezes. Disse que vai me ajudar como puder. — A voz dela ficou tensa.

— Aposto que vai. Mads, isso não é seguro. Você não mora perto da faculdade e fica morta de cansaço depois das aulas. Como você faz quando precisa ficar até mais tarde na biblioteca? — Inspirei profundamente e expirei com raiva, me virando no banco. Minha irmã estava em risco, caramba. Não podia usar o carro do nosso pai porque Blaine e a porra dos capangas dele o destruíram. O que mais? O que mais poderia acontecer?

A mão de Maddy tocou meu ombro calorosamente.

— Está tudo bem, Mia. Eu estou bem. A gente se vira com o que tem, certo?

— Não mesmo. Vamos arrumar um carro pra você amanhã. Não acredito que você ficou a pé esse tempo todo. — Cutuquei o braço de Ginelle com o dedo. — Você, hein? Devia ter me contado. — Com um suspiro profundo, tirei o cabelo do rosto.

— Você não pode pagar, Mia... — Maddy tentou protestar.

— Não se atreva a me dizer o que eu posso ou não pagar. Você está sob a minha responsabilidade nos últimos quinze anos. Só porque está com dezenove, não significa que eu vou parar de cuidar de você num passe de mágica. — Apertei os dentes, tentando controlar a irritação. — Meu Deus. Só de pensar em você andando do ponto de ônibus até a nossa casa, *naquele bairro*, me dá urticária, Mads! Não faça mais isso. Por favor, por mim — suavizei o tom. — Vou te comprar um carro amanhã. Ganhei um dinheiro extra com os dois últimos clientes.

— É mesmo? — Gin me olhou de soslaio, sabendo muito bem de onde viera o pagamento extra. — E como foi que você conseguiu isso, meu bem? Com o traseiro? — Ela riu.

Soquei seu braço... com força.

— Ai! Sua vaca! Isso foi totalmente desnecessário.

— Você me chamou de puta! Foi totalmente necessário. — Estreitei os olhos e a encarei. Mesmo dirigindo, eu sabia que ela podia sentir a intensidade do meu olhar.

— Tá bom, foi necessário. Mas eu vou fazer você olhar para o hematoma o tempo todo e morrer de remorso.

— Nem ligo. Você pode levar a Mads e eu para comprar o carro amanhã?

Ela assentiu.

— Tirei folga pelos dias que você vai ficar aqui.

— Ah, muito meigo da sua parte.

— Eu sei ser meiga. — Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu não disse que não sabia.

— Mas deu a entender que eu geralmente não sou. Deixa eu te contar: ontem à noite eu estava com um cara, e ele foi lá pra baixo e disse que a minha vag... — Eu me inclinei e tapei sua boca com a mão.

— Que tal deixar isso para outra hora, vadia? — Fiz um gesto com os olhos, apontando para Maddy.

— Ah, me poupe — Maddy se intrometeu. — Como se eu não soubesse do que ela está falando. Você acha que eu sou muito inocente.

Soltei Gin e me virei num flash.

— Você quer dizer que *não* é inocente? — Eu apostaria cinquenta dólares que minha pele, normalmente bronzeada, empalideceu naquele momento.

Maddy cruzou os braços e revirou os olhos.

— Eu ainda sou virgem. Você sabe que eu te contaria. Poxa. Mas eu sei o que quer dizer “ir lá pra baixo”. Não sou idiota.

— Já aconteceu com você? — Prendi a respiração, sem ter certeza de que queria saber a verdade.

Ela balançou a cabeça, mordeu o lábio e olhou pela janela.

— Não, mas às vezes me irrita você agir como se eu fosse uma criança. Eu já sou adulta, sabia? Você precisa aceitar isso. Se eu quiser deixar um cara ir lá pra baixo e beijar a minha pepeca, vou fazer e pronto.

— Beijar a sua pepeca? — Gin repetiu. — Você quer dizer a sua boc... — Apertei sua perna antes que ela pudesse soltar algo que aborresse Maddy ainda mais.

— Nem mais um pio — grunhi baixo. Seus olhos se arregalaram e ela bateu na minha mão. — Mads, você sabe que pode contar comigo, né? Se quiser falar sobre qualquer coisa desse tipo. — Estiquei o braço até o banco de trás e ela segurou minha mão. — Mesmo que eu não esteja aqui em Vegas, você pode me ligar sempre que quiser. De dia ou de noite, tá?

Ela se inclinou para a frente e encostou a testa em minha mão.

— Eu estava com saudade — sussurrou.

Apertei seus dedos.

— Eu estava mais.

Ela abriu seu sorriso perfeito. Nossa, Deus estava de bem com a vida quando me deu Maddy como irmã mais nova. Não poderia ter escolhido melhor.

— Então, para o centro de recuperação? — Gin perguntou, quebrando o momento.

— Sim. Eu preciso ver o pops.



O centro de recuperação ficava no alto de uma colina com vista para um longo trecho do deserto. Era estranho. Como se tivesse sido construído para manter as pessoas doentes e em recuperação adequadamente longe de Vegas, para que elas não maculassem o brilho e o glamour da Strip.

Involuntariamente, desacelerei o passo enquanto caminhávamos pelos corredores. As paredes eram pintadas de amarelo-claro. Mosaicos retratando o deserto decoravam o corredor.

Maddy parou diante de uma porta aberta.

— Ele está neste quarto. Quer entrar sozinha?

— Você não se importa? — Ela sorriu de um jeito suave. Minha irmã é uma alma velha. Sempre considerei um dom a forma como ela consegue ler as pessoas. Um dom que eu, certamente, não tenho. Talvez, se eu tivesse uma personalidade como a dela e aqueles olhos gentis, também conseguisse ficar longe de homens que não são bons para mim. Provavelmente era por isso que ela ainda era virgem. Consequia enxergar um cretino a quilômetros de distância.

— Venha, Gin. Vamos até a cafeteria ver se a sra. Hathaway fez os famosos biscoitos dela.

Os olhos de Ginelle se iluminaram, como se tivessem acabado de ver um diamante.

— Estamos lá fora. — Ela se agarrou ao braço de Maddy e as duas se afastaram em busca das guloseimas.

Respirei fundo e fechei as mãos trêmulas em punhos.

Eu consigo. É o meu pai. Meu pops...

A passos lentos, entrei no quarto, caminhei ao redor da cortina, que havia sido puxada para garantir privacidade, e encontrei meu pai. Ele parecia estar dormindo, embora eu soubesse que não estava. As lágrimas turvaram minha visão quando me aproximei e sentei na cadeira perto da cama.

Sua mão estava ao lado do corpo. Eu a segurei, me inclinei e a beijei.

— Pops... — falei, embora mal pudesse ouvir minha própria voz. Pigarreando, tentei novamente: — Pai, sou eu, a Mia. Estou aqui — sussurrei. Segurando a mão dele contra o peito, cheguei o mais perto possível. Ele parecia um milhão de vezes melhor do que quando o encontrei, depois de ter sido espancado por Blaine e seus capangas, dois meses antes. Os hematomas do rosto tinham desaparecido. Duas finas cicatrizes rosadas cortavam sua testa e a lateral do rosto. Talvez ficassem lá para sempre, talvez desaparecessem. Só o tempo diria.

O restante do corpo parecia bem. Ele tinha perdido muito peso. Tanto que não parecia mais o meu pops fofinho. Era apenas uma casca sem vida que um dia abrigou um grande homem. Pelo menos ele foi um grande homem, antes de minha mãe ir embora. Sufoquei os soluços, mas as lágrimas caíram de qualquer jeito.

— Por que você teve que se envolver com o Blaine? Por quê?

Esfreguei o queixo em sua mão, inclinei o rosto em seu peito e deixei tudo sair. Minha raiva por ele ter se machucado, por ter pegado tantos empréstimos, por jogar, por ser um alcoólatra e por me deixar sozinha para arrumar a bagunça. Mais uma vez. Como sempre.

— Pai, você se superou dessa vez. As coisas que eu estou fazendo por você... — Deixei as palavras morrerem, sem querer admitir que era uma acompanhante de luxo.

Não importava se eu transava ou não com meus clientes, sempre seria uma coisa ruim. A palavra *acompanhante*, por si só, tem uma conotação pesada.

— Estou fazendo o que posso. Protegendo a Maddy. Cuidando para que ela siga em frente com a faculdade. Ela está indo muito bem. Até conheceu um cara... Talvez você precise acordar pra chutar a bunda dele. — Olhei para seu rosto, esperando, rezando para que ele abrisse os olhos. Nada aconteceu.

Peguei um lenço de papel na mesa de cabeceira e assoei o nariz.

— Eu conheci pessoas incríveis nos últimos dois meses. No começo, achei que trabalhar para a tia Millie seria um pesadelo, mas tem sido bem agradável, sabe? Meu primeiro cliente foi Weston Channing Terceiro. Sim, Terceiro. Eu debochava dele o tempo todo por causa disso.

Ri e voltei a pensar em Wes e no dia em que nos conhecemos. No momento em que o vi subir as escadas da praia, eu soube que ficaria envolvida por seu charme.

— O Wes me ensinou a surfar. E também me ensinou que nem todos os homens são iguais.

Sorrindo, eu me recostei, apoiei os pés na beirada da cama e contei sobre meus dois caras favoritos. Falei sobre os filmes de Wes e que ele tinha uma ótima família. Prometi que, se meu pai acordasse, eu o levaria para ver um dos filmes de Wes e compraria um grande balde de pipoca para nós.

— Depois eu conheci o Alec. Ele é francês, pops. Um francês de verdade, juro por Deus. Ele me chamava de *jolie*, que significa bonita. Tenho de admitir que eu gostava.

Afastei uma mecha de cabelo do rosto e inclinei a cabeça para trás, olhando para o teto. Os azulejos acima da cama eram estampados com cenas praianas. Gostei. Pensar

que, quando ele acordasse, a primeira coisa que veria seria a praia, e não a ardósia branca, tornava as coisas mais fáceis.

— O Alec me pintou, pai. Você não ia gostar muito de algumas telas, porque eu estava nua. Mas ele não se aproveitou de mim. Não mesmo. Nós nos divertimos e ele me amou. Só que foi muito diferente de qualquer tipo de amor que eu experimentei antes, ou dos sentimentos intensos e muito reais que tenho pelo Wes. Eu comparo ao meu amor pela Ginelle, mas na versão masculina e com um pouco mais de contato físico.

Muito mais, para ser sincera. Sorri e olhei para ele. Nada. Os olhos continuavam fechados.

— O Alec me ensinou que não tem problema eu amar outras pessoas além de você, da Mads e da Gin. Me mostrou que é possível se preocupar, amar de verdade e, ainda assim, não ficar com a pessoa pra sempre. Foi muito doce. O tempo que eu passei com ele me ajudou a enxergar algumas coisas sobre mim. É triste pensar que não vou mais vê-lo. Talvez eu veja o Wes. Ainda estou confusa em relação a ele, pops. — Olhei para seu rosto, tão sereno e calmo. Então soube que este seria o único momento em que eu poderia admitir o que vinha me afligindo havia mais de um mês. Dar voz aos pensamentos que estavam se arrastando em meu subconsciente.

Olhei para a porta e não vi ninguém. Sabendo que não havia bisbilhoteiros à vista, despejei tudo.

— Pai. — Minha voz tremeu. Umedeci os lábios e suspirei. — Talvez eu esteja apaixonada pelo Wes. Apaixonada de verdade. E sabe o que mais? — perguntei, mesmo sabendo que ele não poderia responder. — Isso me assusta demais. O meu histórico é um lixo. Uma verdadeira porcaria. O meu coração quer se jogar, mas o cérebro me lembra de todos os idiotas que vieram antes. Fora isso, eu ainda tenho mais dez meses de trabalho até que a dívida com o Blaine seja paga. — Bufei. — Claro que o Wes se ofereceu para pagar. Me pediu para ficar. Mas eu não aceitei. Ele ficou em Malibu.

Descansei os olhos e me recostei na cadeira antes de colocar a mão sobre meu coração. Doía. Estava machucado pela perda da promessa de algo mais com Wes. Eu não podia aceitar. Mas queria. Mais do que já quis qualquer coisa. Eu não era o tipo de mulher que tem ideias de grandeza, que acredita que a vida é dinheiro, carros e juventude sem fim. Não. Eu cresci pobre, trabalhei duro, tive de cuidar da minha irmã e ajudar meu pai a sobreviver. A vida de Wes não chegava nem perto da vida que eu levava, e isso ajudava a fazer dele um cara atraente. Porém não era o momento para mim e Wes. Por isso tinha sido tão fácil cair nos braços de Alec. Até que realmente pudesse acontecer, havia muita vida e experiências para encarar.

— Eu gostaria que você acordasse. — Segurei sua mão e a beijei mais uma vez. — Anda, pai, acorda. Nós precisamos de você. A Maddy precisa de você. Eu preciso de você.

Minha irmã e Ginelle voltaram alguns minutos depois. Ouvi Maddy contar ao nosso pai sobre a faculdade, deixando de lado, propositalmente, o cara. Planejei especular a respeito daquilo mais tarde. Então Gin contou algumas piadas que tinha aprendido

recentemente. Em meio a tudo isso, três pares de olhos o observavam, esperando algum sinal de que ele ainda estava lá. De que meu pai já não tinha nos deixado.

Antes de irmos embora, o médico fez um resumo de seu quadro. Fisicamente ele estava bem, quase totalmente curado de todas as lesões. Um fisioterapeuta vinha todos os dias trabalhar com suas pernas e seus braços. Eles ensinariam Maddy a fazer isso, para dar mais estímulos ao nosso pai. Eu odiava o fato de ela ter que aprender aquilo. Me matava saber que não seria eu a pessoa que ajudaria minha família a passar por isso.

Quando saímos, eu estava muito chateada e precisava desabafar. Casa. Precisava ir para casa. Comer comida caseira, tomar cerveja com minha melhor amiga e descansar dos últimos dois meses. No dia seguinte, eu me encontraria com Blaine.



Ginelle e eu atravessamos o cassino determinadas a cumprir nossa missão: chegar ao escritório de Blaine, entregar o cheque da terceira parcela da dívida e cair fora. No dia seguinte eu teria vários compromissos de beleza e depois, no primeiro horário da próxima manhã, entraria em um avião para encontrar meu novo cliente, em Chicago.

— Por que você acha que o escritório dele fica num hotel? — Gin perguntou quando passamos por algumas mulheres seminuas servindo bebidas.

Não eram nem dez horas da manhã e a bebida já estava rolando solta. Há uma razão para que os jogadores não possam ver o lado de fora do hotel enquanto jogam. Isso os faz perder a noção do tempo. O ambiente costuma ser preenchido por ruídos artificiais e música, além de comida e bebida que eles não precisam pagar, desde que continuem jogando. Quando todas essas coisas se juntam, as pessoas se tornam zumbis bêbados, desesperados por mais uma vitória no jogo. Mas elas nunca conseguem vencer. A casa sempre ganha. Todo mundo sabe disso, provavelmente no mundo inteiro, mas as pessoas são burras o suficiente para continuar tentando a sorte e mandar pelo ralo o dinheiro da faculdade dos filhos ou do aluguel.

Jogadores viciados, como meu pai, pegam dinheiro emprestado. *Muito* dinheiro. Mais do que jamais poderão pagar. Tudo pela vitória, pela Dama da Sorte. Só que, em minha experiência, a Dama da Sorte é uma megera fria e implacável, que fuma, tem peitos siliconados e DST.

— Uma vez o Blaine me falou que não tem necessidade de esconder o que faz. Ele disse que é um investidor, e que ter um escritório e uma equipe faz com que ele pareça menos o criminoso que é e mais o empresário que ele *acha* que é.

Gin bufou e mascou seu chiclete.

— Muito inteligente, por sinal.

— É. Bom, eu nunca disse que ele era burro. Só um canalha insensível e desalmado.

Chegamos aos elevadores e subimos para o andar de Blaine. Em frente à porta, parei, ajetei o cabelo e arrumei a camiseta para me certificar de que nenhuma parte do corpo estivesse descoberta. Eu usava minha jaqueta de couro, combinando com as botas de motoqueira com spikes no salto. O ponto alto eram os lábios pintados de vermelho intenso, com um batom de fixação vinte e quatro horas. Ele prometia manter minha boca cintilando, num tom bem marcado. Eu me sentia poderosa e pronta para lidar com

aquele idiota de pau pequeno. Na verdade ele tinha um pau mediano, mas castrá-lo em pensamento me fazia sentir melhor.

Eu me virei para Gin e parei com a mão na maçaneta.

— Você fica aqui.

Os olhos de Ginelle queimaram. Ela colocou a mão na cintura fina e me presenteou com sua postura de “ah-não-acredito”.

— Se você pensar um pouquinho... — Rápida como uma ninja, coloquei a mão sobre sua boca e me aproximei, bem perto. Tão perto que senti o cheiro de hortelã em seu hálito.

— Gin, o Blaine já machucou uma pessoa da minha família. Feio. Muito feio. Ele ameaçou a Maddy e a mim também. Não posso deixar que ele ameace mais alguém que eu amo. Preciso que você desça e me espere no bar do térreo. — Enfieei a mão no bolso e tirei uma nota de vinte. — Por favor — implorei, enquanto pressionava o dinheiro em sua mão.

Eu a soltei e seus olhos lacrimejaram.

— E se ele te machucar?

— Ele não vai me machucar. É interesse dele me manter inteira. Confie em mim. — Olhei em seus olhos e deixei que ela visse todo o meu amor e preocupação.

Ela respirou longa e lentamente.

— Tá bom. Se você não estiver lá embaixo em meia hora, vou chamar a polícia.

— Tudo bem. É justo. Agora vá, antes que alguém te veja. — Virei seu corpo e a empurrei para o elevador.

Esperei até que ela entrasse.

— Te amo pra sempre — ela disse.

— Eu também te amo pra sempre. Vejo você daqui a pouco, vadia.

Ela arregalou os olhos, mas, antes que pudesse responder, as portas do elevador se fecharam. Eu ri e em seguida fechei a cara. Era hora de enfrentar o monstro.



O escritório de Blaine era preto, vermelho e branco. Me fez lembrar aquela bandeira quadriculada das corridas de carro. A decoração não parecia muito inspiradora, mas demonstrava perfeitamente a sede de seu dono por vitória. Uma loira siliconada com bunda pequena e QI menor ainda, além de uma cintura anoréxica, me levou até a sala dele.

— Sr. Pintero, Mia Saunders está aqui para vê-lo. — A moça abriu caminho para que eu passasse. Blaine se levantou. Todo o seu um metro e noventa e três se elevou sobre mim. Ele estava forte. Havia ganhado uns vinte quilos de músculo desde a última vez que eu o vira.

— Mia. Bela, bela Mia — Blaine disse, estendendo a mão e tentando me puxar para perto. Repeli seu gesto, a mão erguida com a palma virada em sua direção.

— Não. Estou aqui a negócios, não a lazer.

— Por que nós não podemos ter um pouco dos dois? — Seu tom de voz era abafado, os olhos, verde-amarelados, como os de uma cobra. As pupilas negras me encaravam como se pudessem me hipnotizar rapidamente. Olhei ao redor e me senti perto de sua mesa. Puxei um envelope do bolso da jaqueta e o joguei sobre o tampo de vidro.

— Aqui está o que você quer.

— Como você pode saber o que eu quero, bela Mia? Faz muito tempo que nos vimos pela última vez. Tempo suficiente para curar algumas feridas, não concorda? — Em vez de se sentar à minha frente, ele escolheu uma cadeira ao lado da minha.

— O que você quer, Blaine?

— Tempo — ele disse simplesmente.

— Tá bom, espertinho. Tempo pra quê?

— Vejo que você continua com o raciocínio afiado.

— Blaine, vamos direto ao ponto?

— Quero que você jante comigo hoje.

O cara deveria ser internado.

— Você está louco?

— Da última vez que verifiquei, não.

De repente, a pequena sala com vista para a Strip ficou muito quente. Minha pele queimava, parecia coberta de ácido. Talvez fosse a raiva fervendo dentro de mim que estava transbordando.

— Você bateu tanto no meu pai que ele entrou em coma.

— Negócios. Você sabe disso. Ele não me deu escolha. — Estendeu o braço para segurar minha mão. No segundo em que sua pele tocou a minha, me afastei.

— Não encosta em mim. Você perdeu esse direito quando ferrou comigo. E agora ferrou com o meu pai. Sabia que ele ainda não acordou do coma? — Minha voz se elevou tanto que, provavelmente, as pessoas que estavam na sala ao lado podiam me ouvir. — Os médicos ainda não sabem se o dano cerebral vai afetar a capacidade dele de falar ou de se movimentar!

O olhar traiçoeiro de Blaine se prendeu ao meu.

— Foi um efeito colateral infeliz da punição dele. Eu já cuidei do homem que machucou o seu pai. Ele não é mais um problema. A violência excessiva foi vingada, eu te garanto.

— Você me garante. Você se dá conta do que está dizendo? Está falando como se a vida fosse algo que se dá ou se tira assim, com facilidade.

— A vida é passageira.

— Sim, quando se tem capangas para arrancá-la das pessoas. Não acredito nisso. — Eu me levantei e apontei para o envelope. — Aí está o seu dinheiro. A terceira parcela.

Daqui a um mês, mando a quarta.

— Você pode trazer pessoalmente. — Ele cerrou os dentes e segurou a cadeira com força suficiente para branquear seus dedos. — Você *vai* trazer pessoalmente. — Seu tom não admitia discussão, mas eu não era um de seus paus-mandados.

— Isso não faz parte do acordo.

— Acordos podem ser renegociados.

— Esse, não.

— E se eu contratar os seus serviços por um mês? — ele jogou.

Foi quando me virei sobre os saltos e cheguei bem perto de seu rosto. Eu podia ver minha respiração movimentando seus cabelos castanho-claros.

— Se eu fosse você, evitaria ficar perto de mim em uma posição vulnerável.

— Ah, mas eu gosto de arriscar. — Ele deu um sorriso presunçoso.

— Não aposte em mim, amigo. Vai ser a última aposta da sua vida. Eu não posso me responsabilizar pelo que acontecer com você enquanto estiver dormindo. Já consigo até ouvir o meu depoimento para a polícia. — Eu me indireitei, enrolei uma mecha de cabelo e fiz beicinho. — Foi um acidente, seu guarda, eu juro. A gente estava na cama, e ele gostava de sexo selvagem. Não imaginei que ele pudesse se asfixiar. Num minuto ele estava gozando, e no seguinte... — Estalei a língua e olhei para ele com o nariz empinado.

Ele engoliu em seco, mas não demonstrou nenhum outro sinal de que havia se sentido ameaçado. Só que eu o conhecia bem o suficiente para saber que Blaine não tinha certeza se eu estava blefando ou não. Não importava. Só o fato de ele ter de pensar nisso me fez vencedora.

— Eu vou embora agora. Obrigada pelo encontro. É sempre bom rever velhos amigos. Especialmente quando eles não envelheceram bem. Você devia procurar um creme para os olhos e um hidratante para o rosto. Esse calor do deserto acaba com a pele. Tchau, tchau. — Balancei os dedos em um aceno sexy e dei o fora dali.



No momento em que entrei no bar, Ginelle já estava com dois shots alinhados.

— Ah, graças a Deus. — Ela afundou na banquetta. Peguei um dos copos de Patrón Silver e virei. Em seguida, peguei o segundo e repeti o gesto. — Ei! Era pra ser uma comemoração!

— Mais dois — aponte para os copos e olhei para o barman. Ele fez um movimento de cabeça, pegou a tequila e nos serviu.

Depois de quatro doses, finalmente parei de tremer.

— Você está bem? — Gin perguntou, inclinando-se para perto de mim.

— Estou. É que nenhum outro ser humano consegue me deixar tão brava.

Ela tomou um gole de refrigerante e o colocou sobre o balcão novamente.

— Ele te ameaçou?

— Sim. Ameaçou ser o meu próximo cliente. Dá pra acreditar nisso?

Seus olhos se arregalaram.

— O quê? Que loucura.

Aponte para ela.

— Exato! Foi o que eu disse.

— E como você se livrou dessa? Você não vai deixar que ele seja o próximo cliente, vai? — Ela se encolheu na banquetta, obviamente tão desconfortável com a ideia quanto eu, quinze minutos antes.

— De jeito nenhum! Basicamente eu falei que o mataria enquanto ele estivesse dormindo.

A boca de Gin se abriu, e seus olhos se arregalaram. Em seguida, ela jogou a cabeça para trás e começou a rir.

— Só você... — Ela riu tanto que até soluçou. — Só você seria capaz de ameaçar um agiota. Um cara que, supostamente, mata pessoas a trabalho. É melhor tomar cuidado.

Por um instante, pensei no que ela disse. Blaine poderia vir atrás de mim, mas seria como matar sua galinha dos ovos de ouro. Enquanto eu lhe devesse dinheiro — ou enquanto ele entendesse que eu devia —, valia muito mais viva que morta. Essa linha de pensamento funcionava por enquanto. Teria de funcionar durante um ano, pelo menos. Tempo suficiente para eu pagar e decidir o que faria em seguida.

— E aí, que compromissos de beleza vocês marcaram para amanhã? Parte do meu “contrato” — adicionei aspas com os dedos para enfatizar meu aborrecimento — é estar impecável o tempo todo.

— Bom, com o orçamento que você me deu, eu, você e a Mads vamos a um spa. Eu tinha um cupom de “leve dois, pague um”. Vamos fazer limpeza de pele, depilação, mão, pé, o pacote completo! Ah, e você também vai cortar o cabelo. Tive que pagar a mais, mas você disse que precisava, então que seja.

— E tudo isso ficou dentro do orçamento?

— Eu conheço pessoas que conhecem pessoas que me dão grandes descontos. Então, sim, ficou dentro do orçamento — Gin respondeu enquanto remexia na bolsa e pegava um pacote de chicletes. Ela o abriu, colocou um na boca, mastigou algumas vezes e gemeu.

Olhei para ela, tentando descobrir o que havia de diferente na minha amiga. Alguma coisa estava acontecendo com ela.

— Qual é o lance com o chiclete?

Seus olhos brilharam e um pequeno sorriso surgiu em seu rosto.

— Estou tentando parar.

— Parar o quê?

Seu sorriso se desfez e a expressão passou a ser de desânimo. Ela torceu os lábios, comprimindo-os entre o polegar e o indicador.

— De fumar — respondeu baixinho.

Ah, cara, e eu não percebi. Merda. Melhores amigas deveriam perceber quando, de repente, a outra pessoa não vive mais com aquela porcaria que provoca câncer pendurada na boca.

— Caramba, Gin, isso é incrível! Como está indo? Por que você não me contou?

Ela assentiu.

— Bom, eu *teria* contado, mas você estava muito focada no Wes, no Alec e no trabalho, e não perguntou nem uma única vez como estava a minha vida em Vegas. Só me pediu pra ficar de olho na Maddy e no pops.

Fechei os olhos, respirei fundo, abri-os novamente e olhei para minha melhor amiga.

— Desculpa. Não tenho sido uma boa amiga, né?

Ela balançou a cabeça.

— Tinha muita coisa acontecendo com você. Está tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Você é importante pra mim. Quero saber o que está acontecendo na sua vida. Você ainda é a minha melhor amiga e eu ferrei com tudo. Não vai acontecer de novo. Prometo — falei do fundo do coração. Cada palavra. Eu vinha sendo uma péssima amiga para Gin, e ela não fazia nada além de me apoiar e me amar apesar de tudo. Cuidava de Maddy, visitava meu pai, tudo isso enquanto enfrentava seus próprios problemas.

— Se acontecer de novo, o que eu ganho? — Seu tom era leve e doce. Éramos assim. Nunca tínhamos ficado com raiva uma da outra por mais de um dia, a vida toda.

Pensei por um momento.

— Fotos de um dos meus gostosões nu? — ofereci, sabendo que Ginelle era movida a sexo.

— Negócio fechado! — Ela estendeu a mão e nós enganchamos os mindinhos. Então ela beijou nossos dedos unidos e eu repeti o gesto. Sem manchas de batom. Melhor. Batom. Do mundo. — Mas, sabe, você tem sido muito malvada... — Ela franziu a testa e fez cara de cachorrinho triste. — Acho que devia me dar alguma coisa pra provar que tem a mercadoria.

Umedeci os lábios e olhei para ela. Sorrindo, mantive o olhar preso no dela, mas peguei o celular no bolso de trás da calça. Com movimentos rápidos, abri a galeria de fotos. Rolei até chegar em uma e virei o aparelho.

Ginelle olhou para a tela e abriu a boca.

— Sua vaca maldita dos infernos — ela sussurrou de queixo caído, os olhos colados no visor. Afastei o celular e olhei para a foto que eu havia tirado de Alec dormindo, de braços. Suas costas largas e musculosas e a bunda definida estavam em plena exibição. O longo cabelo dourado-avermelhado estava espalhado no travesseiro, destacando sua perfeição. A luz brilhava naquele início de manhã, e eu tive de capturar a imagem.

Achei outra foto no celular. Era Wes, na praia, depois de surfarmos sem o instrutor, durante o mês em que comecei a apreciar essa arte. Naquele dia, eu já tinha saído da água e estava verificando o celular quando ele veio para a areia e começou a tirar a roupa

molhada. O tecido prendeu, e minha câmera clicou quando a roupa estava quase passando do ponto em que não havia mais volta. A foto mostrava seu peito bronzeado e, mais abaixo, a cintura totalmente em forma. O adorável caminho da felicidade levava até um pequeno tufo de pelos onde seu pau se escondia debaixo do neoprene molhado.

Ginelle virou seu copo de tequila de uma vez.

— Odeio você — xingou enquanto olhava para a imagem.

— É, eu me odeio também — falei, olhando para o meu doce Wes. A pessoa que me pediu para ficar. Ainda havia coisas para resolver com o roteirista de cinema e surfista californiano, mas eu jamais admitiria. Nem por um momento.



O mordomo me levou através da cobertura até um conjunto de portas duplas na ponta de uma sala espaçosa, no quadragésimo andar. O elevador parecia um brinquedo em um parque de diversões, pelo tempo que levou para chegar. Eu podia apostar que a vista era impressionante.

Distraído, o homem colocou minha mala em um apoio acolchoado na frente de uma cama enorme, se virou e desapareceu. Foi quando ouvi o som de água corrente. Alguém estava tomando banho.

Merda. Merda. Merda.

Era a última coisa de que eu precisava. Conhecer meu novo cliente quando ele estava nu. Segurei a alça da bolsa ainda mais apertado, planejando fazer uma saída apressada, quando a porta se abriu. Uma figura enorme emergiu de uma nuvem de vapor. A iluminação ao redor da silhueta criava uma imagem etérea que poderia facilmente fazer parte de uma produção cinematográfica. Aquilo me fez parar, de tão maravilhoso que era.

Foi quando meu cliente entrou no quarto, usando apenas uma pequena toalha precariamente pendurada nos quadris. Gotas de água escorriam em cada centímetro de sua estrutura musculosa. Minha boca secou e meu coração quase parou de bater. Mas tudo bem. Eu tinha acabado de decidir que aquele seria um bom jeito de morrer. Basicamente, aos vinte e quatro anos, eu finalmente via a perfeição em toda a sua glória nua.

— Santa Mãe de Deus. — A baba poderia ter escorrido pelos meus lábios e queixo.

Wes e Alec eram dignos de se escrever a respeito. E eu escrevi. Bastante. Para Ginelle, que se derretia com minhas cartas. Anthony Fasano, porém, estava além do campo da compreensão feminina. Ele era enorme. Muito musculoso. Com base no que eu podia ver das coxas que apareciam debaixo da toalha, elas eram da grossura de troncos de árvore. Peitoral quadrado e músculos retangulares cortavam o tórax e o abdome. E os braços... Eu nem conseguia pensar direito em quanto queria tocar aqueles braços. Pedir que me segurassem firme, se enrolassem em mim. Fazendo toda a dor dos últimos dois meses ir embora.

O cabelo preto de Anthony estava penteado para trás; a água escorria das pontas e caía sobre os ombros mais largos que eu já tinha visto. E eu tinha visto uma porção de caras gostosos nus. Esse era todo definido, mas não do jeito bruto de um fisiculturista,

que tem os músculos inchados e as veias saltadas como cordas. Não. Ele estava em uma categoria à parte. Eu sabia que ele havia sido lutador, tinha visto uma foto dele usando calção de boxe, mas aquilo não era nada em comparação a vê-lo ao vivo e em cores. Puta merda, era bom demais para ser verdade. Era como uma mão cheia de ases no pôquer.

Lambi os lábios e o encarei, deixando a bolsa cair no banco ao pé da cama. O dono daquele corpo divino me avaliou de cima a baixo. Ele apoiou o ombro, de aparência forte e arredondada, no batente da porta e colocou no pescoço a toalha que segurava. Depois, cruzou aqueles antebraços sobre o peito. Ah, cara. Eu queria que ele não tivesse feito aquilo. Instantaneamente meus sensores explodiram, e eu tive de controlar a respiração para não desmaiar diante da pura perfeição masculina à minha frente.

— *Papi*, a Mia chegou — foram as primeiras palavras que saíram daquela boca perfeita.

Espere... Papi?

Outro homem entrou no ambiente e passou o braço ao redor da cintura daquele corpo divino. Um sorriso enorme enfeitava seu rosto. Enquanto Anthony era imenso, esse cara era menor, mas também estava em forma, com seu abdome tanquinho e pouco ou nenhuma gordura visível. E quase tudo estava visível. Seu tipo de corpo me fez lembrar do meu francês. Não era pequeno, mas a parede maciça de músculos na qual ele se inclinava faria qualquer gostosão de porte parecer abaixo da média.

Independentemente disso, ele tinha o rosto incrivelmente bonito. Lindo, quase andrógino. Um rosto que faria qualquer pessoa querer tirar fotos e pendurá-las na parede. Por viver na Califórnia, eu tinha quase certeza de que ele era hispânico. Cabelos, olhos e pele escuros, traços marcantes.

A forma casual como os dois estavam parados, praticamente nus, abraçados, pintava um quadro muito poderoso. E foi quando aquilo me atingiu na cabeça como um peso de papel. Tenho certeza de que minha boca se abriu e eu estendi um dedo para eles.

— Ah! Uau. Hum, certo. Tudo bem. Agora eu entendi por que você precisa de mim.

— Garota esperta essa que você escolheu — disse o homem sem nome. Então, seus olhos me observaram da cabeça aos pés. — E absurdamente linda. — Suas sobrancelhas se estreitaram. — Você tinha que escolher a mais bonita? — Ele se afastou de Anthony, cruzou os braços e soltou o ar de forma dramática. — Devo ficar preocupado? — E bateu o pé, realmente bateu o pé, como uma garota prestes a acabar com seu homem.

Anthony pareceu apreciar minhas curvas antes de sorrir maliciosamente.

— Tal-vez — falou pausadamente. — E, sim, eu tinha que escolher a melhor. Minha família vai gostar de saber que eu estou com uma moça perfeita. — Ele estendeu a mão, mas olhou para o homem a seu lado. — E ela é basicamente perfeita, você não acha?

O hispânico franziu os lábios e fez uma careta.

— *Sí*. Você é muito bonita — ele finalmente falou comigo.

— Hum, obrigada. Eu acho. E você, quem é? — Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

— Sou Hector Chavez. *Parceiro* do Anthony.

— Não, este mês você não é. — Anthony riu.

A expressão de Hector se fechou.

— Não tem graça nenhuma. Nós só precisamos passar logo por isso. E eu não estou nem um pouco ansioso pela experiência. — O volume de sua voz aumentou quando ele se afastou e desapareceu atrás de uma porta. Provavelmente o closet.

— Vocês são um casal? — Balancei a mão em direção à porta.

Anthony abriu um grande sorriso e inclinou o queixo. Meu coração começou a bater novamente. Droga, eu sabia que nem todos os caras bons eram gays, mas este era bom à beça e definitivamente gay.

— Que tal se a gente se vestir antes de conversar?

— Ah, claro. Lógico. — Eu me virei, me atrapalhando enquanto pegava a bolsa e a mala.

— O segundo quarto à esquerda é seu durante este mês. Acredito que você vá encontrar tudo o que precisa para os próximos dias. Amanhã o Hector vai te levar para comprar o que estiver faltando. — Eu me encolhi. Anthony inclinou a cabeça para o lado, os olhos azul-gelo cravados em mim. — Vejo que a ideia não te deixou animada. A maioria das garotas adoraria a oportunidade de comprar uma quantidade absurda de roupas caras.

Bufei.

— Bom, acho que você vai descobrir muito rápido que eu não sou como a maioria das garotas. Sem mencionar o fato de que eu sou uma mulher, não uma garota. — Pisquei e olhei para baixo. — Talvez seja bom prender melhor a toalha. Estou vendo o seu pau. — Olhei para baixo mais uma vez. Dava para ver o caminho da felicidade chegando até a base do membro.

Ele não moveu um músculo. Apenas lambeu o lábio inferior e me avaliou com seu olhar de aço.

— Vai ser bem interessante ter você aqui, já posso dizer.

Eu me virei e caminhei para a porta.

— Qual é a graça na vida se tudo for previsível? — falei de costas e saí para o corredor.

Ele riu, balançou a cabeça e, em seguida, fechou a porta.



Eu estava sentada no balcão da cozinha, comendo um sanduíche de salada de frango, quando Hector e Anthony apareceram, meia hora mais tarde.

— De longe, a melhor salada de frango que eu já comi — eu disse a Renaldo e girei a banqueta para cumprimentar o casal.

Renaldo tinha me contado tudo enquanto preparava o almoço. Aparentemente, ele não era só o mordomo: cuidava da casa, cozinhava e fazia tudo que os caras precisassem. Além disso, era fluente na arte da fofoca. Parecia que, pelo fato de eu ser uma funcionária contratada, tinha o direito de ser atualizada sobre os últimos acontecimentos na vida dos nossos chefes bonitões.

Ele colocou dois pratos sobre a bancada, cada um de um lado, me deixando no meio, e continuou trabalhando, cantarolando baixinho. Gostei dele. De ascendência latina ou hispânica, ele era gorducho, na casa dos cinquenta anos, cerca de um metro e sessenta e cinco e evidentemente gay, a julgar pela maneira como falou sobre a boa aparência dos patrões, além de parecer amigável como um cachorrinho.

— Mia Saunders. — Hector se aproximou com os braços abertos e me puxou para um abraço apertado. — Obrigado por ter vindo.

— Não precisa agradecer. Você pagaram para eu estar aqui.

Ele se afastou e tirou uma mecha de cabelo do meu ombro.

— Sim, mas você aceitou. Estamos felizes por isso.

Dei de ombros.

— Legal. É bom conhecer vocês. — Olhei para o gigante bonitão e estendi a mão.

— Anthony Fasano, meu noivo, suponho.

Ele riu e expirou rapidamente antes de segurar minha mão num aperto firme.

— Primeiro e único. É bom conhecer minha futura esposa.

A cabeça de Hector girou tão rápido que poderia ser confundida com um pião.

— Com licença! Você quer dizer *noiva de mentira*. Se alguém vai entrar na igreja com você, garotão, esse alguém sou eu! — Ele franziu os lábios e murmurou alguma coisa enquanto se sentava a meu lado.

— *Papi*, não. Você sabe que eu estava brincando. Não precisa levar tudo ao pé da letra. — Anthony balançou a cabeça e descansou a mão nas laterais do corpo. — E você pode me chamar de Tony. Se vai ser a minha noiva de mentira, podemos dispensar as formalidades. — Ele se moveu para a frente e ajustou sua estrutura gigante sobre a banquetta. Esperei para ver se as pernas de madeira quebrariam sob a pressão de todos aqueles músculos.

Hector bateu o ombro no meu, quebrando meu estado de estupor.

— Ei, olhe para o seu sanduíche, senhorita. Essa gostosura toda — ele apontou com o queixo para Tony e depois de volta para mim — é minha e só minha. Se você entender isso, nós vamos nos dar bem.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas, em vez disso, soltei um suspiro e assenti.

— Então, qual vai ser a minha primeira missão? — Mordi o sanduíche e olhei de um lado para o outro, onde os dois estavam. Com apenas três mordidas, Tony comeu metade do seu sanduíche. Caramba, ele era grande.

Ele limpou a boca com o guardanapo.

— Hoje à noite, nós três vamos nos conhecer melhor. Amanhã de manhã, você vai encontrar a Ma, minha mãe.

Tenho certeza de que meu rosto pareceu achatado como uma panqueca com a informação que ele jogou na minha cara.

— Amanhã? Depois de uma noite, você já espera que eu aja como se estivesse apaixonada e engane a sua mãe? Aquela que te deu à luz?

Os dois assentiram. Então Hector falou:

— A sua descrição dizia que você é atriz. Nós achamos que isso seria uma vantagem. Além disso, toda sexta-feira nós jantamos com a família.

— A família?

Tony sorriu e deu uma mordida enorme em seu sanduíche, enfiando o pedaço restante na boca. Renaldo colocou mais um no prato e um copo de leite à sua frente. Tony virou metade da bebida de uma só vez.

— Impressionante — falei.

Hector empurrou meu ombro novamente.

— Eu sei. — Arqueou as sobrancelhas e sorriu.

Balancei a cabeça e voltei ao assunto. Virei a cadeira até ficar de frente para Hector.

— Além de fingir que eu sou noiva dele, vou ter que fazer a mãe e *toda* a família acreditarem também? Tudo numa tacada só?

Os olhos castanhos de Hector brilharam.

— *Sí*. Eu sabia que você era esperta.

— Impossível.

— Que nada. — Tony me deu um tapinha no ombro, como se eu fosse um amigo dele. — Você vai conseguir. Tenho certeza. Você é linda, realista e afiada. Os italianos gostam disso. Sabe cozinhar?

— Eu me viro.

Tony lambeu os lábios, se inclinou, apoiando o antebraço no balcão, e se espremeu contra mim.

— Gosta de comida italiana?

— O papa é católico?

Ele olhou para Hector e de volta para mim.

— Você se intimida fácil...?

Projetei o peito para a frente, endireitei a coluna e entrei em seu espaço.

— Eu pareço ser do tipo que se intimida fácil?

— Você não me deixou terminar. — Tony chegou um pouco mais perto e eu tentei não me encolher, mas não consegui deixar de me afastar um pouco. Isso me empurrou para Hector, que me amparou. — Você se sente intimidada por mulheres fortes?

— Olha, eu posso lidar com um monte de italianinhos.

Tony e Hector abriram um sorriso tão grande que um parecia o reflexo do outro.

— Muito bem. Então, vamos aos detalhes.

— Ai, saco. Vamos precisar de um caminhão de vinho. — Hector suspirou e saiu da sala, provavelmente para buscar uma garrafa.



— Ah, meu Deus! Vocês não fizeram isso! — gritei, quase virando minha taça no tapete. Em vez disso, apenas algumas gotas de vinho sujaram a mesa. Hector encostou a cabeça em meu colo, rindo tanto que eu podia sentir o calor de sua respiração em meus joelhos.

Tony limpou a bebida derramada e encheu minha taça novamente.

— Fizemos. Absolutamente nus. Corremos pelo campo de futebol inteiro usando capacetes e nada mais. Nós tínhamos pintado letras no peito e, quando fizeram o último gol, corremos para o campo. A maior parte da fraternidade estava com a gente. Nós montamos a expressão “C-H-U-PA E-S-S-A”, e ficamos ali o suficiente para que a arquibancada do time visitante pudesse ver tudo direitinho. Depois saímos correndo feito loucos.

Bati nas costas de Hector.

— Você também?

Ele assentiu e falou:

— Pouco tempo depois, o Anthony e eu começamos a namorar. Bem, reservadamente.

— Quem sabe que vocês são um casal? — perguntei. Eu estava curiosa para saber.

— Poucas pessoas — Hector revelou, de mau humor.

— *Papi*, por favor — Tony implorou.

Hector suspirou e me abraçou apertado. Caímos para trás para encostar no sofá, sua lateral colada à minha. Era bom. Como seria se eu tivesse um irmão.

— Sabe, o meu Anthony não quer ter que enfrentar a imprensa, a família e o mundo dos negócios. É por isso que ele não assume a sua orientação sexual.

— Que porcaria. — Fiquei surpresa com a força do meu tom de voz.

— Você diz isso pra mim? — Hector brindou comigo.

Tony colocou o copo sobre a mesa.

— Olha, já é difícil ser um lutador de boxe que virou empresário. Se você for gay, vai ser um desastre. A liga não me deixaria mais lutar.

Instantaneamente, me senti indignada.

— Eles não podem fazer isso, podem? Isso é calúnia, difamação ou algo assim! — Meu cérebro confuso pelo álcool não conseguia pensar em todos os motivos pelos quais aquilo era horrível, mas, assim que eu recuperasse a massa cinzenta, daria uma ótima resposta.

— Eles iriam encontrar outras razões, mas ser gay seria o motivo oculto. Além disso, tem os negócios. Eu sou italiano, dono de um restaurante *familiar*. O Fasano's sempre foi representado pelo meu pops, pela Ma, minhas quatro irmãs e eu. — Gostei do fato de ele chamar o pai pelo mesmo apelido que eu chamava o meu. Isso criou uma conexão entre nós.

Era impossível manter a boca fechada.

— Você tem *quatro* irmãs?! Puta merda. Com certeza elas vão sacar que nós não somos um casal! — Balancei a cabeça, e Hector concordou. — As mulheres têm sexto sentido. Tem certeza que elas já não sabem sobre você?

Tony se levantou e começou a andar.

— Elas não sabem. Não dei nenhuma razão para que elas imaginassem isso. O que você também não sabe, Mía, e a principal razão para você estar aqui, é o sobrenome da minha família.

— Fasano! — berrei, me sentindo como uma criança que sabe a resposta na sala de aula e a grita sem ter sido chamada.

Ele se sentou no braço do sofá.

— Sim. Eu sou o único herdeiro da empresa do meu pai, apesar de todas as minhas irmãs participarem da administração de alguma forma. Muitas das decisões são tomadas em conjunto. — Ele balançou a cabeça e a colocou entre as mãos. — É mais que isso. Eu sou o único Fasano homem que sobrou, entende? Se eu não tiver um filho, o sobrenome morre comigo. E, sendo gay... — Ele parou de falar e sua cabeça pendeu novamente, como se estivesse carregando todo o peso do mundo.

— Você quer ter filhos? — deixei escapar a pergunta, do jeito que sempre fazia quando consumia grandes quantidades de álcool.

Tony passou os dedos entre os cabelos e olhou para Hector.

— Hum... nós nunca conversamos sobre isso.

Hector se endireitou no sofá. Então se levantou, caminhou até Tony e segurou suas bochechas.

— Amor, você quer ter filhos?

Eu deveria ter saído dali à francesa. Mas não é da minha natureza. Não. Eu sou do tipo que fica quieto como um rato e descobre tudo sem ser flagrado.

Tony olhou para Hector com amor e tristeza nos olhos.

— Eu sempre quis. — Sua voz soou rouca, cheia de emoção.

— Podemos encontrar uma maneira. Adotar, ou quem sabe arranjar uma mãe de aluguel.

Abri um sorriso enorme e virei minha taça de vinho de uma vez, permitindo que a bebida me queimasse a garganta. Levantando-me, estiquei as mãos para me equilibrar ao tentar fazer as pernas voltarem a funcionar.

— Essa é a minha deixa. O meu trabalho aqui está feito. — Eu me inclinei e fiz uma reverência. Nenhum dos dois percebeu. Estavam perdidos demais um no outro. Abraçados, as testas se tocando enquanto sussurravam palavras que só eles podiam ouvir. Foi bonito. Mais que isso: foi especial, e eu estava feliz por ter participado de alguma forma daquele momento.

Sem olhar para trás, me arrastei até o quarto, onde imediatamente mergulhei na cama, completamente vestida, e desmaiei.



Tony abriu a grande porta de madeira com maçaneta redonda de metal para que Hector e eu entrássemos no restaurante. Eram seis da tarde de uma sexta-feira e o Fasano's estava movimentado, em plena atividade. Garçons de camisa muito branca, calça preta e gravata serviam bebidas e traziam pratos com o melhor aroma da comida italiana. Minha boca se encheu de água quando senti cheiro de linguiça no ar.

Um dos garçons se virou para servir vinho em uma mesa e pude olhar melhor seu uniforme. Ri baixinho quando reparei na gravata. Macarrão. A gravata era estampada com fios de macarrão.

— Alguma coisa engraçada? — Hector se inclinou enquanto Tony me levava para os fundos do restaurante.

— Você viu as gravatas?

Ele abriu um grande sorriso.

— Ideia minha, na verdade.

— Sério?

Ele anuiu e piscou. A mão de Tony passou pela dobra do meu cotovelo, deslizou pelas costas e segurou meu quadril. Sua respiração estava quente quando sussurrou em meu ouvido:

— Muito bem, todo mundo já está aqui. Acompanhe o que eu fizer, e não se surpreenda se eu te tocar... bastante.

Arrepios ondulavam pela minha coluna, chegando ao pequeno ponto na parte inferior das costas. Tony era incrivelmente bonito. Mais que isso: ele era maravilhoso... e comprometido. Com Hector. De quem eu já gostava. Muito. Inspirei lenta e profundamente. Chegamos a uma cortina vermelha grossa bem nos fundos do restaurante.

— Esta é a nossa sala particular. Só a nossa família come neste espaço. É equivalente à sala de jantar da Ma, na casa dela. Como agora nós somos um grupo grande, começamos a jantar no restaurante. Construí este lugar só para os Fasano.

— Uau. — Ofeguei quando Tony puxou a cortina e revelou um salão cheio de pessoas rindo, bebendo e comendo. Era um caos. Todos na mesa gritavam uns com os outros, gesticulando como se estivessem espantando moscas e se empurrando enquanto falavam. Loucura. Completa e absoluta loucura. Era a única maneira de descrever aquilo.

Quando entramos, uma pessoa percebeu, depois outra, e assim foi. Todos ficaram em silêncio. Uma mulher pequena, de pele cor de oliva, cabelo preto e olhos azuis familiares, se levantou. Tinha a aparência confiante. Suas costas estavam eretas, o peito para fora e os olhos concentrados em mim.

Então ela se aproximou de nós. Primeiro colocou uma das mãos em seu filho, que se inclinou e a beijou. Na boca. Não foi nada mais que um simples encostar de lábios, mas, ainda assim, eu nunca tinha visto um homem adulto beijar a mãe na boca. Com certeza eu não beijava meu pai desse jeito... De jeito nenhum, na verdade. Nós apenas nos abraçávamos de maneira desajeitada, na maior parte das vezes.

— *Mamma* — Tony disse, depois se endireitou e apontou para mim. — Esta é a Mia, minha noiva. Mia, esta é a minha mãe, Mona Fasano.

Sorri.

— É um prazer conhecê-la, sra. Fasano.

Seus lábios mal se contraíram em resposta. Ela se aproximou de mim, correndo os olhos descaradamente pelo meu corpo.

— Você é uma mulher muito bonita — finalmente respondeu. Naquele momento, eu relaxei ao lado de Tony.

— Obrigada. — Dei meu melhor sorriso.

Ela não parou com o elogio. Sua cabeça se inclinou e os lábios se contraíram.

— E é cheia de curvas. Os homens Fasano gostam que as suas mulheres tenham curvas. — Ela colocou as mãos em seu próprio quadril generoso. Se ela fosse mais magra, eu ficaria ofendida.

— Eu gosto de comer. E a comida italiana é a minha favorita — menti. Não custava tentar marcar pontos com a mãe dele.

— Você tem quadril largo. Bom para me dar netos.

— *Ãhá...* — Aquilo surgiu do nada.

— Ma — Tony tentou interromper. Mais uma vez, não funcionou. Quando a mulher tinha algo a dizer, ela dizia e as pessoas escutavam.

— Sim, você vai me dar netos lindos. Precisamos dar continuidade ao nome Fasano.

— Os olhos de Mona encararam os meus. — Você quer ter filhos, né?

Tony veio me salvar.

— Ma, já chega. Estou morrendo de fome e quero apresentar a Mia para o resto da família.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela bateu palmas, segurou meus braços e me puxou para um abraço apertado. No meu ouvido, sussurrou palavras que esmagariam qualquer mulher que tivesse metade de um coração. Sua voz estava rouca e grossa pelas lágrimas. — Eu torci para que você aparecesse. Rezei *todas as noites* para que o meu Anthony encontrasse uma companheira. Estou tão feliz por você estar aqui. — Mona se afastou, segurou minhas bochechas e me deu um beijo estalado na boca. Normalmente, beijar uma garota não era grande coisa. Gin ou Maddy às vezes me beijavam assim, mas uma mulher que acabou de me conhecer? Aquela cuja alma eu iria destruir? Não era legal.

Hector andou pela sala e abraçou várias pessoas antes de encontrar uma das três cadeiras vazias e se sentar.

— Vamos, linda — Tony disse, me levando para o outro lado da sala.

Linda. Era assim que Wes me chamava. Ele acharia tudo isso hilário. Talvez um dia até colocasse esse cenário em um de seus filmes, quem sabe uma comédia romântica. Um impressionante homem de negócios, lutador de boxe, contrata uma acompanhante porque é gay e não está pronto para se assumir perante a família.

Eu me sentei na cadeira ao lado de Hector. Claro que o movimento de Tony foi estratégico, e eu podia ver a decepção nos olhos de Hector por não estar sentado ao lado de seu companheiro. Era tudo tão deprimente. Dois homens claramente apaixonados sentindo que não podiam ficar juntos por causa da sociedade, da família, dos negócios e compromissos. Segurei a mão de Hector por baixo da mesa e a apertei. Ele olhou de soslaio para mim, apenas o canto dos lábios se curvando.

— Não se preocupe. Já estou acostumado.

Durante a hora seguinte, fui apresentada às quatro irmãs de Tony. Giovanna, de trinta e nove anos, era a mais velha. Ela devia ter recebido a maior parte dos genes da mãe, pois era pequena, pouco menos de um metro e sessenta, cabelo espesso e negro. Mas seus olhos eram castanhos, tão escuros quanto um grão de café torrado. Tanto que era impossível enxergar as pupilas. Isso não tirava sua beleza, porém. Embora tivesse algumas rugas, a maior parte linhas de expressão no canto dos olhos, isso não mudava o fato de que ela era atraente. Como todas as mulheres Fasano, aliás. Seus quatro filhos estavam ali. Eles variavam de idade e corriam pelo lugar feito galinhas sem cabeça. Consegui ouvir um monte de nomes italianos, dos quais nunca mais me lembraria, e entendi que eram dois meninos e duas meninas.

Isabella foi a próxima. Um pouco mais alta que a irmã, talvez um metro e sessenta e cinco, e mais jovem: trinta e sete anos. O mesmo cabelo preto e olhos escuros. Só que a boca tinha o formato de arco perfeito, como a de Tony. Ela me apresentou seus dois filhos, que pareciam estar em idade escolar. Não faço ideia de quantos anos eles tinham. Nunca convivi com crianças.

Sophia era a terceira na linha, com trinta e cinco anos e alguns centímetros mais alta que a irmã anterior, talvez um e setenta. Parecia que, quanto mais jovens, mais altas elas eram, fato interessante e divertido que comentei com Hector mais tarde, de brincadeira. Agora, essa mulher tinha classe. Usava saia lápis e blusa de seda. O cabelo preto estava puxado para trás, em um coque na altura da nuca. Os óculos com armação de tartaruga estavam acomodados no nariz arrebitado. Os olhos também eram escuros, mas a pele era muito mais clara que a do restante da família. Me fez imaginar a aparência do sr. Fasano. Talvez ele tivesse sido um italiano pálido.

— Acabou de chegar do trabalho? — perguntei.

Sophia tomou um gole de vinho.

— Sim, foi um dia longo. Sou diretora financeira do Grupo Fasano's.

— A garota do dinheiro. — Fingimos brindar com nossas taças de vinho.

— Eu mesma. Alguém tem que manter esses arruaceiros na linha. Se não fosse por mim e pela minha equipe, eles estariam esbanjando por aí com bugiangas. O Tony e eu fazemos questão de preservar o significado do sobrenome Fasano: culinária autêntica e excelente a preços justos.

Assenti e olhei ao redor da sala. Todos pareciam muito felizes. Sorrisos verdadeiros enfeitavam o rosto de cada um deles. Os Fasano pareciam descontraídos e em paz. Eu nunca tinha experimentado isso em minha própria família desde que minha mãe nos deixara. Meu pai fez o seu melhor, mas não tinha a mesma sutileza que minha mãe teria tido comigo e minha irmã.

— Todos vocês trabalham juntos na empresa?

— Sim, de diferentes maneiras. Nenhuma tarefa é pequena demais. As crianças ajudam a envolver malas diretas, cupons etc. Cada irmã tem um papel. A Giovanna é responsável pela creche e pelo programa de atividades extracurriculares para os filhos dos funcionários. Eu sou da área de finanças, a Isabella cuida de recursos humanos e a Angelina responde pelo marketing. Até a Ma tem um escritório, apesar de passar a maior parte do tempo na cozinha, criando receitas e planejando menus. O Tony, como você sabe, dirige a empresa. O Hector é o nosso advogado. Ele está por perto há tanto tempo que é como se fosse outro irmão.

— Aposto que sim. Ele é um cara ótimo. — Quando estava prestes a soltar algumas sugestões sutis a respeito da relação dos dois, uma mão em meu ombro me interrompeu. Eu me virei e fui recebida pelo rosto sorridente da mulher mais estonteante que eu já tinha visto. Seu cabelo era grosso e caía em ondas negras até o quadril. Os olhos tinham o mesmo tom azul de Tony. Os lábios em forma de arco estavam pintados de rosa, e o vestido fluía ao seu redor com um turbilhão de laranjas, vermelhos e amarelos.

— Eu estava louca para conhecer você, Mia! — A mulher se inclinou e me abraçou apertado. — Meu nome é Angelina, mas pode me chamar de Angie. O garanhão atrás de mim é o meu marido, Rocco. — Se já existiu um homem italiano por excelência, esse alguém era Rocco. Ele era a cara do Sylvester Stallone, numa versão mais jovem. Honestamente, a semelhança era incrível. E o nome, tão próximo de Rocky? Que loucura. Balancei a cabeça e estendi a mão.

Abri e fechei os olhos algumas vezes para focar a visão. Era um sócia mesmo.

— Você é idêntico ao...

— Sylvester Stallone? — Ele balançou as sobranceiras, pegou minha mão e me puxou para um abraço, apertando minhas costelas e me deixando sem fôlego.

Duas mãos me tiraram do aperto de Rocco.

— Vai com calma com a minha garota, irmão — Tony falou de forma protetora. Eu podia sentir a tensão vinda de Hector enquanto observava a cena.

— É incrível como você se parece com ele. É um sócia, com certeza! — Eu não conseguia parar de olhar.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu.

— Eu ouço isso o tempo todo. Além disso, eu luto boxe com o seu namorado. Foi assim que conheci a Angie. Eu treino com ele. Estamos saindo aos poucos da liga e passando mais tempo na academia para treinar a próxima geração de pugilistas. — Ele bateu com a mão no bíceps de Tony. — Eu me envolvo mais com o treinamento dos novatos do que o sr. Empresário aqui, mas não posso reclamar. Ele põe comida na mesa da família.

— Sim, sim. Que seja, Rocky Balboa. Volte para o seu lugar, tá? — Tony disse. O sotaque italiano de Chicago ficava ainda mais acentuado quando ele estava brincando.

Angelina segurou minha mão.

— Vamos nos encontrar esta semana! Amanhã, talvez, para fazer compras? Precisamos comprar um vestido para o lançamento da nova linha de congelados do Fasano's, na semana que vem. No dia anterior vamos dar uma grande festa e convidamos todas as pessoas influentes da indústria de alimentos. É a nossa maior conquista — ela se empolgou.

— O Tony precisa ir para o escritório amanhã, mas eu planejei levar a Mía para comprar um vestido. Você pode ir conosco. Ela precisa de roupas novas para o período que vai passar aqui. Seria ótimo ter uma segunda opinião — Hector ofereceu.

— Fazer compras com o Hector é a melhor coisa. — O tom de voz de Angelina aumentou com a animação. Ela era só alguns anos mais velha que Tony e a mais alta de todas as mulheres. Nós duas tínhamos a mesma altura. Eu não tinha notado mais nenhuma criança por ali. Parece que o lutador de boxe e a beldade não tinham filhos. Cara, quando isso acontecesse, as crianças seriam lindíssimas.

Então me dei conta do que eles estavam falando. Compras. *Blergh*. Eu me contorcei ao pensar que teria de comprar roupas novas.

— Isso seria... hum... legal, eu acho. Obrigada.

Angelina se sentou na cadeira ao meu lado, que Tony tinha desocupado para falar com outro membro da família.

— Você acha? Olha, Mía, vou te contar uma coisa. O Hector é gay. Ele conhece os melhores lugares para fazer compras, sabe exatamente o que fica bem em cada tipo de corpo...

Hector concordou.

— Isso é verdade. Escute o que ela está falando. Eu visto a Angie desde que ela tinha vinte e poucos anos.

— E o Hector tem um gosto incrível — ela adicionou. — Você não tem nada com que se preocupar. Ele vai te ajudar bastante. Aliás, com um corpo desses, você vai ficar incrível em tudo.

— Falou a garota mais bonita que eu já conheci — brinquei sem pensar, de maneira sarcástica.

Em vez de prestar atenção em meu tom, seus olhos se iluminaram e um enorme sorriso se espalhou pelo rosto adorável.

— Você acha que eu sou a garota mais bonita que já conheceu? — Dei de ombros e tomei um gole de vinho. — Essa é a coisa mais gentil que alguém já me disse. Vamos ser grandes amigas — ela prometeu e me puxou para outro abraço. Aquelas pessoas gostavam de tocar. Não havia absolutamente nenhuma privacidade no meio daquela multidão. Tenho certeza de que cada um deles tinha me abraçado, apertado e beijado de uma forma ou de outra nessa noite. Definitivamente, eu precisaria me acostumar com isso ao longo do mês.

Durante o jantar, nos empanturramos com a mais incrível comida italiana, servida no estilo familiar, em grandes travessas e pratos. O vinho fluía como água, e a família falava tão alto que meus ouvidos começaram a zunir. Aquilo me fez lembrar das consequências de estar em um show de rock e do zumbido que continuava dentro do ouvido quando eu saía para um local tranquilo. Mas a família Fasano era mais estridente. Essas pessoas realmente gostavam de falar... muito... em um nível de decibéis muito superior ao que seres humanos normais estavam acostumados.

De modo geral, no entanto, gostei deles. Eram turbulentos, simpáticos, joviais e lindos. Era como estar em uma sala com atores italianos esperando para fazer testes para um papel. Aquilo me levou de volta para a época em que eu estava em L.A. e meu agente me mandava fazer testes para papéis de estrangeiras, por causa das minhas curvas e do meu cabelo negro e espesso. Acho que ele pensava que eu parecia italiana, apesar de eu ter certeza de que estava mais para mil e uma utilidades — servia para quase tudo.

A noite terminou com muito tiramisu feito por Mona, é claro, e o café mais forte que já bebi. Combinados, os dois deixaram uma sensação deliciosa na língua.

Mais tarde, quando os rapazes me levaram para fora do restaurante, Tony me puxou para um grande abraço. Ele olhou por cima do ombro com uma expressão de pânico e, em seguida, seus lábios pousaram nos meus. Eram suaves, quentes e úmidos. Seus dedos se entrelaçaram na parte de trás do meu cabelo; ele inclinou a cabeça e introduziu a língua na minha boca. Eu não estava esperando ser beijada assim por Tony. Um cara gay. Um cara gay que tinha um parceiro. As coisas não estavam se encaixando. Ainda assim, não pude deixar de corresponder. Ele beijava bem à beça. Sua língua se enroscou na minha e começou a conduzir o ritmo. Ergui os braços, coloquei-os ao redor dos ombros largos dele e os pendurei em seu pescoço. Quando pressionei o corpo contra o seu, ele agarrou meus quadris e me apertou. Foi quando senti. Bem, não exatamente. Senti a *falta* de algo. Ele não estava duro. Não havia absolutamente nada acontecendo lá embaixo. Afastei a cabeça, seus lábios deixando os meus num estalo audível.

Meus olhos foram para os dele, mas ele não estava olhando para mim, e sim por cima do ombro. Eu me virei e vi sua mãe, Mona. Ela estava com as mãos entrelaçadas, e uma expressão de pura alegria preenchia cada ruga de seu rosto, fazendo-a parecer dez anos mais jovem. A culpa apertou meu coração quando me tornei testemunha da esperança que essa mulher tinha com seu filho. Seu único filho. Seu único filho, que era gay. Mas ela não sabia disso. Naquele momento, ouvi alguém pigarrear. Meus olhos se voltaram para Hector, cujo rosto demonstrava exatamente o oposto do de Mona. Mágoa,

tristeza e talvez até uma pontada de raiva preenchiam suas feições. A cobra ao redor do meu coração se apertou com tanta força que eu mal pude respirar. *Mamma* Mona se virou de repente e voltou para o restaurante.

— Hector... — sussurrei. Ele balançou a cabeça e abriu a porta do carro.

— Entre, Mía. Preciso dar uma palavra com o Tony.

— *Papi*, você sabe que foi encenação... Não significa nada — Tony jurou, as mãos em punho na lateral do corpo.

Eu sei que não deveria ficar magoada, mas não foi o que aconteceu. Senti uma queimadura lá embaixo quando ele me agarrou e me beijou como um homem beija uma mulher desejada. Mas com Tony eu tive a prova de que ele realmente não havia ficado excitado. Nada daquilo era real. Isso me fez lembrar que eu precisava deixar meus sentimentos lascivos de lado. Esse homem podia ser a encarnação do sexo e ter o corpo mais incrível da humanidade, mas jogava no time de Hector.

Fui até o carro. Hector nem sequer olhou para mim. Engoli o remorso. Antes de entrar, coloquei a mão em seu ombro e me aproximei o suficiente para sussurrar em seu ouvido:

— Isso não significou nada. A Mona estava olhando. Ele nem ficou excitado. Só você consegue mexer com ele. Acredite em mim: eu sei quando um homem me quer. Esse homem quer só uma pessoa. Você.

Quando me sentei, Hector se inclinou para dentro do carro.

— Obrigado por me dizer isso.

— Por nada. Que tal vocês pegarem um táxi? Acho que deveriam ir para um bar conversar sobre como a minha presença vai afetar o relacionamento de vocês. Não sei se chegaram a considerar o impacto da minha chegada, mas é óbvio que vocês precisam de um tempo sozinhos. — Ele anuiu e olhou para baixo, arrastando o pé no concreto. — Estou com a chave do apartamento. Vejo vocês de manhã. Tudo bem?

— Obrigado, Mía — disse Tony. Ele balançou o braço em direção à rua e um táxi parou na sua frente. — Hector, por favor, venha comigo. — O tom era suave, mas exigente.

Vi quando eles entraram no carro e foram embora. A limusine me levou de volta para a cobertura, e eu tinha acabado de entrar no quarto quando recebi uma mensagem no celular.

Pode falar?

Era Wes.



Olhei para a tela do celular. Havia duas maneiras de lidar com aquilo. 1: Ignorar até que eu não estivesse me sentindo tão esgotada emocionalmente. 2: Ligar e deixar que a voz de Wes aliviasse o aperto em meu coração, depois da tempestade de merda que eu tinha acabado de enfrentar com Tony e Hector. Eu esperava que eles conseguissem resolver o assunto. A última coisa que eu queria era ficar no meio de duas pessoas apaixonadas. Só que não era justo eles não poderem ser livres para se comportar como queriam. Ou pelo menos Tony percebia as coisas dessa forma. Talvez, se conversasse com ele, eu o fizesse enxergar que sair do armário poderia ser bom. Que planejar e construir uma família com Hector, tudo que eles queriam, era o caminho para a felicidade. Toda essa encenação poderia machucar tanto Hector que ele seria capaz de ir embora. Eu conhecia esse tipo. Eu mesma era especialista em partir.

Com a decisão tomada, cliquei alguns botões no celular. Após tocar apenas uma vez, a chamada foi atendida.

— Oi, linda. É muito tarde aí? Bem, onde quer que você esteja... — A voz rouca e profunda me fez lembrar de promessas sussurradas no escuro, gemidos e noites cheias de paixão desenfreada. Tive momentos incríveis com Alec, mas Wes provocava coisas indescritíveis dentro de mim. Tudo nele gritava sexo gostoso, profundo e selvagem. Depois da noite esquisita que tive, eu adoraria me perder nele.

— Não é muito tarde, não. Estou em Chicago.

— Hum, a Cidade dos Ventos. O que o cara faz?

Eu não tinha certeza de que nossa amizade havia chegado ao ponto em que poderíamos discutir outras conquistas na maior tranquilidade. Porém, como eu não tinha planos de transar com Tony, não faria mal compartilhar as informações com Wes.

— É dono de restaurante.

— Ah. Eu sei como você gosta de comida caseira. — Imediatamente, a imagem dele sem camisa preparando o café da manhã me veio à mente. O corpo alto e musculoso, o peito tão bronzeado do sol da Califórnia que pedia para ser devorado.

Percebi que fazia algum tempo que eu não dizia nada.

— Hum, é. Bom, você sabe como eu gosto de comer.

— Eu sei. Ele cozinha pra você?

— Ainda não, mas espero que faça isso em breve.

Um suspiro demorado soou na linha, e longos momentos se passaram antes que alguma coisa fosse dita.

— Você está com ele como ficou comigo? — Wes perguntou, e, embora doesse o fato de ele precisar perguntar aquilo, eu não lhe devia satisfações.

— Isso importa? — sussurrei e me deitei na cama, o celular aninhado em meu ouvido.

— Importa pra mim.

— Não, e não vou ficar.

— Por que não? Se eu te conheço, e acho que sim, você tem uma libido muito saudável. — Naquele momento, pude ouvir a diversão em sua voz.

Wes teve um mês para me conhecer. Muito bem, na verdade. Ele se esgueirou por minhas defesas e cavou um buraco em meu coração — uma parte que ele possuiria para sempre. Não que eu fosse dizer isso a ele.

— Porque eu acho que o Hector, parceiro dele, não ficaria muito feliz em me ver com o seu homem.

Uma risada estrondosa soou do outro lado da linha. Deus, como senti saudades daquela risada, capaz de curar nações destruídas pela guerra.

— Por que um gay contrataria a acompanhante mais sexy do mundo?

— Puxa-saco — respondi. Ele riu de novo, e o som ecoou diretamente no meu coração, iluminando os eventos da noite. — Não, é bem complicado. Ele tem um relacionamento sério. Tipo um casamento mesmo, e o cara é incrível. Só que ele se sente obrigado pela família e pelos negócios a manter as aparências de empresário descolado, italiano e lutador de boxe fodão.

— Que merda. O fardo deve ser pesado. Profissionalmente, eu entendo o fato de ele querer manter a privacidade. Se ele é o tipo de cara que pode pagar a Exquisite Acompanhantes de Luxo, é cheio da grana e provavelmente a imprensa fica no pé dele. — Ele soltou a respiração, que soou abafada quando os lábios devem ter ficado próximos demais do telefone. — Sério, Mía. Dinheiro é bom e tudo o mais, mas não substitui a privacidade e a possibilidade de ter uma vida tranquila.

Pensei no condomínio fechado em que Wes vivia, com segurança vinte e quatro horas monitorando a vizinhança, as cerimônias de tapete vermelho que ele odiava frequentar e a necessidade de contratar uma acompanhante para participar de eventos importantes — tudo isso para conseguir trabalhar em paz. Sim, Wes sabia exatamente o que Tony estava passando, mesmo sem enfrentar a questão da orientação sexual.

— Ele também tem uma certa carga familiar. É o único herdeiro homem da fortuna da família... Se não tiver filhos, o sobrenome morre com ele.

— Caramba. Quanta pressão!

Concordei com a cabeça, embora ele não pudesse me ver.

— Mas enfim, chega de falar do meu cliente. E você? Como vai o filme?

— Muito bem. A Gina está incrível no papel. — Sua voz soou animada, e meu medidor de cúme disparou. — Ela incorporou a personagem perfeitamente. Estou feliz

por ter seguido uma direção nova.

Mordi o lábio e segurei a resposta automática sobre ele ter me substituído por *ela*, pois sabia que não seria justo. O fato de ele dar o meu nome a um personagem foi uma honra. Até mesmo doce. Foi um presente, e eu precisava me lembrar de Wes desse jeito. Não podia estragar tudo com ciúme. Além disso, eu não tinha nenhum direito sobre ele. Éramos apenas amigos... coloridos.

— Você e a Gina estão se dando muito bem, não é? — Revirei os olhos e tentei manter o tom leve.

— Sim, ela é legal. Mas não tão bonita quanto a xará da sua personagem. — Seu tom foi sugestivo.

— É mesmo?

— É.

— Mas você está se divertindo com ela... Quer dizer, você está dirigindo ela.

— Não tanto quanto eu gostaria de dirigir *você*.

— Ah, é? E o que você gostaria que eu fizesse? — E então a conversa tomou um rumo diferente. Um rumo que eu nunca tinha tentado, mas estava ansiosa para explorar.

Ouvi sua língua estalar, como se ele a estivesse segurando contra o céu da boca, e a soltasse no momento em que terminei de falar.

— Bom, primeiro eu colocaria as mãos nas suas coxas e *dirigiria* você para abrir os joelhos, te deixando exposta. Lembra da gente fazendo isso, Mia? Ainda sinto você quente e molhada nos meus dedos.

Com a mão livre, toquei meu joelho e tracei um pequeno círculo ao redor dele.

— Lembro, sim. E depois?

Ele gemeu através da linha e eu soltei o celular por um segundo, agarrei a barra do vestido e o tirei rapidamente, jogando-o longe no quarto. Depois, levei o telefone de volta ao ouvido.

Peguei Wes no meio da frase.

— ... minhas mãos deslizariam pelas suas pernas, mantendo-as abertas para que eu pudesse olhar para você. Para ver você começar a ficar molhada. Então, com um dedo, eu tocaria a pontinha do seu clitóris. Você ia gostar, linda?

Mordi o lábio e gemi baixinho.

— Humm... Sim.

— O que você está usando agora? — Wes perguntou.

— Tirei o vestido quando você começou a falar... hum... sacanagem pra mim. Agora estou deitada na cama, sozinha em casa, sem ninguém por perto, só você e eu. Estou com um sutiã verde-esmeralda e calcinha combinando. O que você está usando? — Fechei os olhos, sentindo tontura e vertigem. Não podia acreditar que faríamos aquilo, mas, puta merda, era incrivelmente excitante.

Wes gemeu.

— Calça xadrez de pijama. Você conhece o tipo.

Eu conhecia mesmo. Os pijamas de Wes eram feitos do algodão mais suave que eu já havia tocado. Durante o tempo que passei com ele, eu adorava vesti-los depois do sexo ou logo de manhã. Até roubei um. Não que eu fosse admitir.

— Você está duro, lindo? — Experimentei usar a expressão carinhosa. Soou bem na minha boca. Outras coisas seriam ainda melhores se ele não estivesse a mais de três mil quilômetros de distância.

— Puta que pariu. Você está me deixando muito duro, Mia. A cabeça do meu pau está úmida.

— Use o polegar pra esfregar a ponta. Lembra como era ter a minha mão ao redor do seu pau?

— Puta merda, sim.

— Faça isso. Feche os olhos e passe a mão para cima e para baixo, devagar no começo. Imagine que sou eu que estou te acariciando. Use o polegar para espalhar a umidade, especialmente na parte que eu circularia com a língua. Se eu estivesse aí, molharia seu pau inteiro, lambendo o comprimento todo antes de tocar a parte sensível da cabeça com a ponta da língua.

Wes gemeu no telefone. Eu podia ouvir sua respiração em rápidas rajadas de ar.

— E agora, como você me *dirigiria*?

— Tire a calcinha — ele ordenou. Abaixei a peça verde e a atirei para o lado com o pé. — Está nua para mim, linda?

— Sim. — Levantei os quadris, como se um fantasma de Wes estivesse em cima de mim e eu estivesse tentando tocar seu corpo com o meu.

— Agora, toque a sua boceta como eu faria se estivesse aí. Eu a apertaria com força. Você sabe como eu gosto.

— Possessivo. — Mal falei e inclinei a cabeça para trás, fazendo o que ele pediu. O prazer era extremo, correndo por todo o meu corpo como um raio.

— Isso mesmo. Eu iria possuir essa boceta doce. Enquanto você balança os quadris tentando ter alívio, eu usaria dois dedos de uma vez. Siga as minhas instruções, Mia.

Fiz o que ele pediu, pressionando dois dedos profundamente em meu sexo. Ondas de calor percorreram meu ventre, passando pelo estômago, até chegar ao peito, onde os seios estavam cheios e pesados. Os mamilos estavam eretos e arranhavam o cetim. Delicioso. Tão bom.

— Agora, lembra quando eu assumi o controle dessa boceta na sua moto? — Suspirei em resposta. Gemidos sem sentido escaparam de meus lábios quando me lembrei de seus dedos grossos entrando e saindo de mim, encaixando do jeito certo, me puxando para seu corpo por trás, de seu domínio sobre meu ponto mais sensível. — Encaixe os dedos profundamente, linda. Do jeito que eu faria.

Tentei e falhei.

— Não alcanço. Preciso de você. — Soltei um suspiro frustrado, mas continuei a me esforçar. Em minha cabeça, estávamos na moto, na garagem de Wes, sua mão dentro da minha calça, me fodendo fundo e com força, como ele sempre fazia.

— Está perto, linda?

— Ah... Sim... Eu quero você, Wes. Quero você dentro...

Uma torrente de palavras soou através da linha quando sua respiração se acelerou. Enquanto dávamos prazer um ao outro, a minha combinou com a dele, perdidos na paixão de nos lembrarmos um do outro.

— Se eu estivesse aí, ia colocar os dedos naquele ponto fundo dentro de você... ia acariciar você. E juntaria a minha língua na brincadeira, girando-a no seu clitóris. Ele estaria inchado e duro quando eu passasse a boca nele e o chupasse até a sua boceta apertar ao redor dos meus dedos... e você gozar na minha cara.

— Ah, Wes... Vou gozar, lindo. Vou gozar muito forte. Quero você aqui. — Inclinei a cabeça para trás, todos os sentidos, neurônios e poros concentrados no prazer entre minhas coxas.

— Eu estou aí, linda. São os meus dedos em você. Agora, use o polegar pra esfregar o clitóris. Porra, eu vou gozar também, com você. É tão bom com você, Mía. Nunca foi melhor. Nossa — ele rugiu através do telefone. Fiz o que ele pediu. Usei a umidade do meu centro e girei o dedo sobre o clitóris.

Foi o empurrão de que eu precisava. Em um turbilhão de energia e luz, eu gozei, meu corpo apertando e um grito escapando de meus pulmões como se eu estivesse possuída. Onda após onda de prazer intenso balançaram meu interior. Através do telefone, ouvi Wes gritando em seu próprio clímax.

Após alguns momentos, nós dois desmoronamos. O único som era o de nossa respiração.

— Mía — Wes disse, em reverência. Meu nome parecia uma bênção em sua boca, e eu queria beijá-la, mergulhar nela, construir minha vida ao seu redor.

— Caramba, Wes, você é bom mesmo no sexo por telefone — falei. Ele riu. — Sabia que eu nunca tinha feito isso? — admiti.

— Sério? — Ele pareceu surpreso ou chocado. Isso me deixou triste, pois entendi que ele já tinha feito.

Suspirei, puxei as cobertas e me arrastei para debaixo delas. Tinha sido um longo dia, e, depois de um orgasmo como esse, tudo que eu queria era me aconchegar no homem com quem eu tinha gozado e adormecer com a batida de seu coração.

— Sério mesmo. — Bocejei e fechei os olhos.

— Estou louco para repetir a performance.

Outro bocejo.

— Eu também.

— Estou com saudade, Mía.

Sorri e segurei o celular muito perto do ouvido para escutar cada nuance de sua respiração. Isso me fazia sentir segura, como se ele estivesse ao meu lado.

— Sempre vou sentir sua falta, Wes — falei, sonolenta, já imaginando quando o veria novamente.

— Bons sonhos... — Foi a última coisa que ouvi antes de adormecer.



Quando acordei, na manhã seguinte, ainda segurava o telefone. Estava completamente morto. Virei e olhei para o teto, pensando na noite passada. O dia inteiro, do jantar ao sexo por telefone com Wes, tinha sido um passeio de montanha-russa. Pelo menos o final foi bom. Fiquei pensando em Tony e Hector, se eles tinham resolvido a situação. Aqueles dois definitivamente estavam apaixonados. E era para sempre. Não era como o amor do artista francês gostoso, com quem você transa por um mês e provavelmente nunca mais vai ver. Mesmo assim, eu sentia falta do meu francês. Era grata por tudo o que Alec trouxera para minha vida durante o mês que passamos juntos. Não só fizemos arte bonita como ele me ensinou muito sobre mim mesma, sobre o amor e a vida. Talvez eu pudesse usar o que tinha aprendido com essa experiência para ajudar Tony e Hector. No fim das contas, amor era amor, e ninguém pode escolher por quem se apaixonar, nem saber quanto tempo esse sentimento vai durar. Desde que o deles fosse para sempre, alguma coisa tinha que dar certo.

Isso era o que eu estava pensando durante o banho, enquanto me vestia e ia para a cozinha. Já dava para sentir o cheiro de bacon e ovos sendo preparados. Meu estômago roncou enquanto eu me sentava na banqueta.

Renaldo olhou para mim.

— Acho que o seu estômago está feliz em me ver, *s?*

— *S!* Como você está, Renaldo?

— Perfeito como um pêssego. E você, srta. Mia? Parece ter tido uma boa noite de descanso. — Seus lábios se curvaram e ele piscou por cima do ombro enquanto mexia o bacon.

— Tive mesmo.

Sorri, pensando na ligação de Wes. Cacete, o cara sabia falar sacanagens. Ele me deixou tão excitada que fui de zero a um milhão em poucos minutos. Fiquei tão satisfeita que, literalmente, caí no sono com o celular na orelha. Quando me maquiei esta manhã, ainda podia ver os contornos do aparelho em meu rosto. Assim que possível, eu teria que mandar uma mensagem de agradecimento, dizendo a ele como tinha gostado de nossa conversa, e não apenas do sexo. Eu gostava de falar com Wes. Parecia normal, como se nós sempre tivéssemos sido amigos ou duas pessoas que se amavam muito, mas que, devido às circunstâncias, não podiam ficar juntas. Wes acabou deixando as coisas mais fáceis. E eu esperava que elas ficassem assim pelo resto do ano. Mas só o tempo diria.

Renaldo pôs um prato fumegante de ovos, bacon e frutas na minha frente, e eu estava mastigando quando Tony e Hector entraram na cozinha. Tony tinha o braço sobre os ombros de Hector e um olhar muito satisfeito no rosto. Apertei os lábios e inclinei a cabeça.

— Parece que eu não fui a única a ter uma boa noite. — Por que raios eu disse isso, não sabia. Algo naqueles dois me fazia baixar a guarda. Muito diferente do meu normal.

As sobrancelhas de Tony se ergueram quando Hector puxou uma banquetta e se sentou a meu lado. Ele colocou os cotovelos sobre a bancada e apoiou a cabeça na mão.

— Sério? Vou te contar tudo sobre a minha noite. — Ele sorriu. — Mas você vai ter que me dizer por que a sua foi tão animada, já que nós mandamos você direto para casa.

Pensei nisso, dei outra garfada nos ovos e tomei um gole de café.

— Combinado.

E foi assim que Hector e Tony ficaram sabendo sobre Wes.



— E você simplesmente foi embora? Que frieza, garota — Hector comentou, indignado, já torcendo por Wes antes que eu tivesse chance de explicar a situação com meu pai e a razão do meu trabalho como acompanhante. Homens... Às vezes eles só ouvem o que querem. Não importa se são gays, falta-lhes o gene da compreensão da alma feminina e seus motivos.

Balancei a cabeça.

— Hector, você não está entendendo. Eu tive que ir embora. Ficar não era uma opção.

— Então é melhor você me explicar bem rápido, senhorita. Se o meu Tony me deixasse assim, sem mais nem menos, eu ficaria arrasado.

— Não, o meu relacionamento com o Wes não é assim.

— Ah, é mesmo? E como é?

— Nós somos amigos.

— Amigos que fazem sexo por telefone? Amigos que passam um mês se amando...

— Tentei interrompê-lo, mas ele ergueu a mão e me cortou. — E então imploram ao outro para ficarem juntos... para sempre?

Argh.

— Ele não disse isso! Sim, ele me pediu para ficar. Sim, eu não aceitei, mesmo querendo mais que qualquer outra coisa... mas eu simplesmente não podia!

— Por quê? — ele perguntou. Antes que eu pudesse responder, um barulho de saltos batendo no piso de cerâmica nos interrompeu. Respirei profundamente, tentando relaxar da melhor forma possível. Não daria com a língua nos dentes para a irmã de Tony, uma das pessoas que eu deveria enganar durante esse período.

— Oi, gente! Estou tão animada para as nossas compras! — Angelina, a mais jovem das irmãs, embora ainda dois anos mais velha que Tony, entrou na sala e nos abraçou.

— Meu irmão já foi trabalhar?

— Sim, há mais ou menos uma hora. Quer comer ou beber alguma coisa? — Hector ofereceu.

— Não, estou pronta para bater perna! Mía, está animada?

Gemi, estendi a mão sobre a mesa e peguei minha bolsa.

— Sim, claro.

— Não parece — ela murmurou.

Hector riu e a segurou pelo cotovelo.

— Ela não gosta de fazer compras. — A boca de Angelina se abriu e seus olhos se arregalaram.

— Você é uma mulher?

— Claro que sou. Só não faço o estilo mulherzinha. Mas eu me viro bem.

Hector falou, num tom melodioso:

— Ela só trouxe jeans, regatas lisas e camisetas de banda. Deplorável. O pijama dela é mais elegante que o resto do guarda-roupa.

E ele estava certo.

— É porque foi comprado pela stylist do Wes — deixei escapar, depois mordi o lábio.

— Wes? Quem é Wes? — Angelina estreitou os olhos para mim. Ela parou e esperou minha resposta.

— Ah, um amigo. Meu melhor amigo gay. — A mentira escapou como vômito num tapete. Ácida, vil e com um gosto muito desagradável.

— Ah, tá. Certo. — Ela jogou o lindo cabelo comprido por cima do ombro. — Bem, vamos ao que interessa! — E nos levou para fora da cobertura até o elevador. Hector me lançou um olhar de desaprovação e eu me encolhi, murmurando um “desculpa” pelas costas de Angelina.



Hector e Angelina me trancaram num provador na Gucci. Eles me coagiram a experimentar um pouco de tudo: vestidos, saias, jeans e até uma espécie de bata indiana. Roupas de bom gosto, com estilo e elegância, mas que não faziam meu tipo. Depois de colocar cada roupa, eu tinha que sair do provador e desfilar para eles. Então subia num pedestal em frente a um espelho que cobria a droga da parede inteira enquanto eles dissecavam tudo, desde o caimento da bainha até uma coisa chamada “cintura império”. Eles me cutucaram e me obrigaram a me exibir como se eu fosse um animal numa jaula. Indiscutivelmente, as roupas que escolheram caíram bem em mim, mas o processo inteiro me fez sentir degradada.

O tempo todo, Angelina manteve a conversa em torno de seu irmão e nosso relacionamento. Aquilo estava começando a me incomodar.

— Então, você e o Tony já marcaram a data do casamento? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Ainda não.

Ela puxou a blusa que eu estava vestindo, alisando-a em meus quadris.

— Sério? Vocês estão namorando há um bom tempo, entre idas e vindas, né? Pelo menos foi isso que o Tony disse.

— Podemos dizer que sim.

— Eu não entendo o motivo da demora. A *mamma* disse que vai conversar com vocês dois para que se casem este mês, enquanto você estiver aqui. Só para oficializar tudo. — Hector e eu paramos e encaramos Angelina, sem mexer um músculo sequer. — O que foi?

Ele voltou a respirar muito mais rápido que eu.

— Está falando sério? — Seus olhos escuros estavam arregalados e seus lábios se contorciam em uma carranca profunda. Ele não estava lidando muito bem com aquilo.

— Hector — avisei.

Angelina deu de ombros.

— Não é grande coisa, certo? Vocês estão apaixonados, não são mais crianças, e a *mamma* quer um herdeiro do sexo masculino. Aliás, ela está almoçando com o Tony agora.

Minha boca se abriu, e eu tinha certeza de que meus olhos estavam esbugalhados. De repente, o provador ficou quente demais. Abanei o rosto.

— Hum, o Tony e eu ainda não pensamos muito nos detalhes.

— Não importa. A *mamma* sempre consegue o que quer. Certo, Hector? — Angelina olhou para ele, que estava se afastando lentamente até encostar em uma cadeira e se jogar nela. — Certo?

Ele fez que sim, apoiou os cotovelos nos joelhos e baixou a cabeça enquanto passava as mãos nos cabelos. Eu não via um homem parecer tão derrotado desde que dissera a Wes que não poderia ficar com ele. Pulei do pedestal e me ajoelhei à sua frente. Quando levantou a cabeça, havia lágrimas empoçadas em seus olhos. Peguei seu rosto entre as mãos e tentei transmitir silenciosamente que aquilo não aconteceria. De jeito nenhum. Não tinha como. Tony o amava. Ele fechou os olhos e respirou pelo nariz. Uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha.

— Nunca serei eu — ele sussurrou.

— Mas é você — falei com o máximo de segurança que pude reunir. Aproximei nossas testas e repeti. — É *você* que ele ama.

Infelizmente, esquecemos da outra pessoa que participava de nossa pequena sessão sentimental.

— Eu sabia! — Angelina falou e caiu na cadeira ao lado de Hector.

Foi quando ele se transformou em uma pessoa diferente. Sua coluna endureceu, suas mãos se fecharam ao redor dos joelhos e ele se endireitou. Era como se tivesse voltado a ser o Hector calmo e composto que todo mundo conhecia e amava. Não era mais a bagunça emocional de um homem lutando contra problemas graves com seu parceiro.

— Hum... O Hector só está passando por um problema e eu estou ajudando...

— Você está ajudando os dois a enganarem a família.

Eu não esperava por aquilo. Os olhos de Hector assumiram um tom castanho-esverdeado surpreendente.

— Não sei do que você está falando... — ele tentou e falhou... miseravelmente.

— Nem comece. Você acha que eu não sei que você e o meu irmão são apaixonados desde a faculdade? Você acha que eu sou idiota? Eu sou a melhor amiga do Tony. Bom, depois de você.

— Ele te contou? — Hector sussurrou.

Ela balançou a cabeça.

— Não, mas eu conheço o Tony. E conheço você. Nenhum dos dois teve uma namorada durante todos esses anos. De vez em nunca o Tony trazia uma garota para jantar, mas era muito óbvio que não estava interessado nela. Quando você apareceu, Mia, eu fiquei um pouco preocupada. — Ela olhou para mim e sorriu. — Se existisse uma mulher capaz de fazer um gay virar hétero, seria você.

— Que elogio esquisito. Obrigada... eu acho. — Sentei no chão na frente dos dois. — E agora?

Angelina deu de ombros.

— O Tony precisa contar para a *mamma*.

Hector balançou a cabeça tão rápido que achei que ele deslocaria o pescoço.

— Não é uma opção. Ele não quer decepcionar a Mona e a família. Além disso, tem a empresa e a liga de boxe.

— Dane-se a liga. Ele nem luta mais tanto desde que o pops morreu. Além disso, o Rocco mantém tudo sob controle, e ele pode participar sempre que quiser. A liga é uma desculpa bem esfarrapada.

— E os negócios? — Hector insistiu. — E quanto a isso? Você acha que uma empresa familiar como o Fasano's pode lidar com a situação de ter um gay no comando de tudo?

Angelina deu de ombros.

— Trabalho é trabalho. Eu realmente não me importo com o que a empresa pensa.

— Mas o Tony se importa. A empresa é tudo pra ele.

Coloquei a mão no joelho de Hector.

— Não. Eu acho que você está errado. *Você* é tudo pra ele.

Hector se levantou abruptamente.

— Sem querer ofender, Mia, mas, se isso fosse verdade, você não estaria aqui. — Com essas palavras, ele deixou o provador.

Eu me levantei do chão e me sentei na cadeira ao lado de Angelina.

— Que confusão.

— É mesmo. Eu suspeitava há muito tempo, mas essa foi a primeira vez que achei que deveria me intrometer. Mia... — Seus olhos, azuis como os de Tony, se encheram de lágrimas. — A *mamma* realmente acredita que você é a mulher da vida dele. Ela está convencida de que precisa casar vocês dois, para que vocês comecem a tentar ter um bebê logo. — Na última parte, ela mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Ei, está tudo bem. Vou conversar com o Hector e o Tony. Vamos pensar em alguma coisa. Vai ficar tudo bem. Posso encenar um rompimento sério ou algo assim. Não precisa ficar tão chateada.

— Não é isso. É que o Rocco e eu estamos tentando ter um bebê faz algum tempo e nada acontece. A *mamma* nem pergunta sobre isso. Só se preocupa com o filho do Tony, que vai dar continuidade ao nome da família.

Acariciei suas costas.

— Deve ser difícil se sentir sempre em segundo plano.

Ela bufou.

— Nós somos cinco, Mia. — Seu tom era cansado, parecendo ter perdido toda a vitalidade. — Alguém está sempre em segundo, terceiro, quarto ou quinto plano. Só o Tony é o primeiro.

Ouvi o que ela estava dizendo e a entendi. Depois de jantar com a família e ver a forma como Mona adorava o filho e os netos, o fato de Tony ter ido tão longe a ponto de contratar uma acompanhante para fingir ser sua noiva e agradar a mãe mostrava o tipo de poder que ela exercia sobre todos ali.

— O que você acha que nós devemos fazer?

Angelina se levantou e pegou as peças que tínhamos escolhido. Fui até minhas roupas e as vesti novamente.

— Sobre a *mamma*, eu ainda não sei. A liga vai sobreviver muito bem. Quanto aos negócios... Bem, vamos contratar um relações-públicas incrível para o Tony. Alguém que possa fazer o fato de ele ser gay ficar à parte de qualquer notícia. Eu cuido do marketing da empresa. Posso debater com a equipe e buscar algumas ideias. De qualquer forma, a empresa é da *nossa* família. — Quanto mais falava, mais confiante ela parecia. — A notícia de que o presidente é gay pode gerar fofocas por um tempo, mas nós temos bons produtos. Não vamos quebrar nem perder espaço. As pessoas gostam das receitas da *mamma*, e os preços são competitivos para a classe trabalhadora.

— A comida é maravilhosa. Melhor culinária italiana que já experimentei.

— Exatamente! O Tony só precisa perder o hábito de tentar agradar a todos. Tentar ser tudo para todo mundo. Entende?

Em vez de responder, assenti. Era verdade. Eu sabia. Mais do que estava disposta a admitir para uma desconhecida. Desde que minha mãe partiu, tentei manter a família unida. Fazia tudo o que fosse preciso.

Eu cuidava do meu pai quando ele estava completamente bêbado. Sem problemas, Mia dava um jeito.

Eu ajudava Maddy na escola. Sim, eu a auxiliava com a lição de casa e ficava até tarde tentando recuperar o atraso em meus próprios estudos. Maddy sempre vinha em primeiro lugar.

Eu até garantia a comida na mesa e um teto sobre a nossa cabeça. Trabalhei feito um burro de carga desde os dezesseis anos, quando servia mesas em cassinos para ganhar um dinheirinho. Algumas noites eu levava sobras de comida para casa, antes que eles

trocassem o buffet para o dia seguinte. Eram noites de fartura, com certeza. Até meu pai me dava um tapinha nas costas e dizia “bom trabalho”, em sua fala embriagada.

Claro, tudo isso quando eu tinha menos de dezoito anos. Ao chegar a essa idade, eu já tinha passado por vários empregos, o suficiente para receber o seguro social. Mesmo hoje. Eu era acompanhante para ajudar meu pai a pagar sua dívida. Realmente não tinha o direito de dar palpite na vida de ninguém, já que era péssima em viver a minha. No entanto, tudo isso estava mudando. Lentamente as coisas estavam melhorando. Eu tinha dinheiro agora. Tinha pessoas que se preocupavam comigo. Maddy, Ginelle, Millie, Wes e até mesmo Alec me ajudariam a sair de qualquer enrascada. Isso não tinha preço. E eu gostava de Tony e de Hector. Acreditava que eles estavam destinados um ao outro.

— Eu só quero ajudar o Tony e o Hector da forma que puder.

— Como foi que eles te encontraram?

Eu não tinha certeza se deveria contar. Se eu confessasse que era acompanhante, ela pensaria mal de mim? Normalmente, ao usar o termo “acompanhante”, as pessoas imediatamente pensavam em uma prostituta ou garota de programa, mas, no meu caso, isso não era verdade. Bem, de modo geral, não era. Tecnicamente, eu transei com Wes e Alec. E admitia que havia babado por Tony, mas esse sentimento estava muito distante agora.

Angelina parecia esperar pacientemente que eu processasse a resposta em minha cabeça, e eu gostei disso. Havia calma e tranquilidade nela. Características admiráveis, com certeza. Parei e olhei para seu rosto bonito. Seus olhos eram serenos e tão azuis que despertavam o desejo de nadar dentro deles.

— Eu sou uma acompanhante.

Suas sobrancelhas se ergueram e ela ofegou. Então, em vez de me xingar ou me ofender, ela inclinou a cabeça para trás, seu cabelo uma onda de cetim preto em suas costas, e riu. Uma gargalhada enorme, que fez sua barriga tremer e seu nariz roncicar como um porquinho. Sua risada era contagiante, e eu não pude evitar fazer o mesmo.

Quando nos encontramos com Hector, no caixa, nós duas tínhamos lágrimas no rosto.

— Que raios aconteceu com vocês? — Ele olhou para Angelina e depois para mim. Tentamos parar de rir, mas falhamos. Finalmente, recuperei o ar.

— Ela descobriu o que eu faço para viver. — E ri. Isso chamou sua atenção. Ele apertou o cotovelo de Angelina e a puxou para perto.

— Não é o que parece — Hector falou, com os dentes cerrados.

— Que vocês contrataram a Mia por um mês pra tirar a *mamma* do pé do Tony, para que vocês dois possam seguir a vida?

— Certo. É exatamente o que parece.

Isso fez nós duas voltarmos a rir. Hector pagou a loja e nos levou para fora. Na limusine, conseguimos nos controlar. Ele se virou para Angelina e apertou a mão dela.

— Você não pode contar para a Mona. Ela vai ficar arrasada. Prometi para o Tony que passaríamos por isso juntos e que eu apoiaria a decisão dele. Ele acha que a Mona

não iria compreender o que nós somos um para o outro. Ele sabe que ela acredita que o amor verdadeiro é entre um homem e uma mulher.

— Mesmo que isso signifique esconder o amor de vocês para sempre?

Os ombros de Hector caíram. Ele franziu a testa e fechou os olhos, como se estivesse pensando. Nós duas esperamos.

— Se para ter o amor do seu irmão tem que ser assim, então vai ter que ser o suficiente para mim. Eu amo o Tony. Faça qualquer coisa por ele.



No fim, Hector não estava mentindo. Ele interpretou bem o papel. Durante a semana seguinte com os Fasano, fizemos aparições em eventos de negócios e familiares. Passei a maior parte do tempo com Hector e realmente servi de “acessório” ou troféu para Tony quando ele precisava de uma coisa bonita pendurada em seu braço. Isso me incomodou muito. Não por estar sendo usada pela aparência, mas por saber que, a cada vez que Tony me apresentava como noiva e as pessoas se animavam com nossa relação, aquilo acabava um pouco mais com Hector. Alguma coisa precisava ser feita. Eu só não sabia o quê.



— Ela vai chegar a qualquer momento. — Hector derrapou na cozinha, usando meias.
— Onde estão meus sapatos?

— *Papi*, por que você vai usar sapatos? — Tony sorriu, olhando para os pés do parceiro.

— *Argh* — Hector gemeu. — Ele não entende. — Enquanto passava por mim praticamente correndo, congelou. — Você vai usar isso? — Os olhos escuros avaliaram minha regata e meu jeans. A julgar pela forma como ele torceu e comprimiu os lábios, deve ter achado o visual pobre.

— Achei que a mãe dele vir fazer o jantar pra gente fosse uma ocasião informal. — Puxei a regata para baixo, me certificando de que nenhuma parte entre ela e a calça ficasse descoberta. Eu havia deixado o cabelo solto e selvagem. Era minha melhor característica. Além dos seios. Eles eram bem impressionantes.

Tony olhou em minha direção, me avaliou e encolheu os ombros.

— O Hector é um cara exigente. Você está bem para mim.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Viu? Eu estou bem para ele — falei, mostrando a língua para Hector. — Você está agindo como um louco. Qual é o problema, afinal? — Ele ignorou minha pergunta e saiu pisando duro. — Sério. Por que ele está agindo como se precisasse se empenhar tanto?

— Ah, ele está realmente empenhado em fazer a *mamma* acreditar que ele é o homem perfeito.

— Ele é — falei, e Tony assentiu, olhando na direção do corredor, por onde Hector desapareceu. — Você acha que ele é perfeito, não acha?

— Claro que sim. — Suas sobrancelhas se ergueram quando ele inclinou a cabeça para o lado. — Eu não estaria com ele há todos esses anos se não achasse.

Hora da verdade. Estive envolvida com Hector e Tony durante a maior parte das duas últimas semanas. Achei que já tinha uma boa compreensão da dinâmica entre eles. Hector parecia ser o passivo, o menos dominante dos dois, e Tony era o macho alfa. Talvez eu pudesse apelar para esse lado dele para fazê-lo enxergar além da mentira sobre minha estadia aqui. Se ele não contasse logo a verdade para sua mãe e a família, poderia perder algo que sempre teve... a confiança do parceiro.

— Olha, Tony, é ótimo estar aqui. Eu adoro passar um tempo com vocês dois.

— Nós estamos adorando ter você aqui, Mía. De verdade. Você é bem-vinda para voltar quando quiser. Nos ajudar a passar por este momento significa muito.

— Bom, tecnicamente, você está me pagando por isso. — Nós dois sorrimos. — É que... eu estava me perguntando se você já pensou em se assumir. — O sorriso de Tony se transformou em carranca. Juntei as mãos e me aproximei. — Apenas me ouça.

Seus ombros caíram e ele se apoiou no balcão, cruzando os braços sobre o peito. Cacete, que braços. Mesmo sendo gay, eu ainda babava nele. Balancei a cabeça e me apoiei no balcão oposto.

— Olha, sua irmã Angelina sabe a verdade. — Os olhos de Tony se arregalaram e sua mandíbula se retesou. — Eu não contei! Juro. Ela me falou na semana passada, quando saímos para fazer compras. Disse que sabe desde a época da faculdade.

Tony inspirou e soltou o ar, passando a mão sobre a barba que começava a crescer. Meu Deus, o homem era bonito.

— Puta merda, e o que você disse? O Hector sabe?

— Ele estava lá. — Olhei para meus pés descalços. Hector tinha pintado minhas unhas dos pés e das mãos de vermelho-vivo. E tinha feito um ótimo trabalho. — Sua irmã basicamente perguntou por que você nunca saiu do armário.

— E o que você disse?

— Eu? — Coloquei a mão no peito e balancei a cabeça. — Não disse absolutamente nada! — Eu podia ouvir minha voz ficando mais alta, mas não conseguia evitar. A irritação com a situação toda era como uma arma carregada, e o gatilho estava sendo apertado. — O Hector falou que você não quer decepcionar a família, e que os negócios e a liga de boxe poderiam complicar as coisas. Mas, principalmente, que você estava preocupado com a sua mãe... como ela encararia tudo isso.

Os ombros de Tony caíram. Ele se virou e apoiou as duas mãos no balcão. Era como se todo o peso do sobrenome Fasano estivesse pendurado em volta de seu pescoço.

— Sabe, Mía, isso é tão cansativo. Estou sempre me escondendo, me preocupando com quem pode descobrir, o que isso significaria para a *mamma* e a nossa família. Como o público iria encarar. Não suporto a ideia de magoar minha família e o Hector só pra satisfazer os meus desejos egoístas.

Dei alguns passos e coloquei as mãos em suas costas.

— Não é egoísta querer estar com a pessoa que você ama, Tony.

— Não é?

— Não, não é. É um direito humano básico. E o Hector te ama. Ele não quer nada além de te ver gritar o que sente pra todo mundo, ou que, pelo menos, permita que ele faça isso. — Eu ri e descansei a testa em suas costas. Ele se virou e me envolveu em seus braços. Sim, eles eram maravilhosos. Quentes, fortes e seguros. Assim como eu esperava. Tony possivelmente tinha o melhor abraço de todos.

— Não sei o que fazer — ele sussurrou no topo da minha cabeça.

— Sabe, sim. Sempre soube. Só tem que pôr em prática.

Ele balançou a cabeça.

— Não é o momento certo.

Eu me inclinei para trás e olhei em seus olhos. Seus braços ficaram frouxamente ao redor da minha cintura.

— Nunca vai ser o momento certo pra magoar alguém. — Tony fez uma careta e coloquei a mão em seu coração. — Mas, quando acontecer, vai ser para sempre. Você não vai mais ter que se preocupar com isso. Vai seguir em frente. Todo mundo vai.

— E a liga?

— A Angelina disse que você não está mais envolvido, e, de qualquer maneira, isso não é da conta de ninguém. — Ele inclinou a cabeça para o lado, seus olhos encarando os meus. — Além disso, como grande patrocinador, eles não vão arriscar te perder. E outra coisa: olhe para você. Você é um gigante. E é gostoso. Todo mundo, todo mundo *mesmo*, vai querer ver tudo isso... — balancei uma mão para cima e para baixo à sua frente — só de calção, dando porrada em outro cara... gay ou não. — Pisquei e sorri.

Tony riu e se afastou, então passou a mão pelos cabelos pretos.

— E a empresa?

— A Angelina falou que é a responsável pelo marketing. Ela pode contratar um guru das relações-públicas que vai fazer mágica em troca de bastante dinheiro. Ela acha que isso vai ser uma grande notícia por um curto período de tempo, não mais do que alguns meses. Depois vai ser esquecido, e o foco volta a ser o trabalho. A comida é muito boa e acessível para sofrer prejuízo por causa da orientação sexual do presidente.

Ele suspirou, foi até a geladeira, pegou uma garrafinha de cerveja e a abriu. Em dois enormes goles, tomou tudo. Ver Tony comer e beber era como assistir a uma competição profissional. O cara engolia as coisas como se sua mandíbula estivesse deslocada.

— E quanto à *mamma* e à família? A parte realmente difícil? — Seu tom se tornou um sussurro firme.

Anuí e inclinei a cabeça para o lado.

— Vai ser difícil. Ela pode ficar brava, chorar ou até mesmo jogar alguma coisa longe. Ela é uma italiana de sangue quente! — E o sorriso estava de volta. Brilhante até os dentes. Lindo demais para ser verdade. Bem, na minha experiência, a maioria dos gays era formada por caras muito bonitos, ou pelo menos de boa aparência. — E você e o Hector não estavam falando de ter uma família? — perguntei, louca para saber, mas com medo de me meter onde não era chamada.

Tony pegou mais uma cerveja e arrancou a tampa contra o balcão, jogando-a onde a outra estava.

— Sim, ele disse que quer ter filhos, e quer que seja logo. — Seu sorriso ficou ainda mais brilhante, como se o sol estivesse incidindo diretamente sobre ele. — Só que ele quer que a gente se case ou tenha algum tipo de cerimônia de compromisso antes.

— Eu entendo. Se vocês estão pensando em trazer uma criança ao mundo, a coisa mais inteligente a fazer seria se casar antes.

Tony apertou os lábios.

— Acho que eu nunca pensei que nos casaríamos. Parece tão antiquado e formal. O nosso relacionamento sempre existiu, de certa forma. Nunca teve nenhuma pompa ou circunstância. Nós apenas nos encaixamos, sabe? Como peças de um quebra-cabeça.

— O Hector também se sente assim? Porque, apesar de conhecê-lo há apenas duas semanas, ele definitivamente parece ser o tipo de cara que gosta de um pouco de pompa e circunstância. Uma grande demonstração de afeto.

— Você está passando muito tempo com a Angie, Mía. Está se transformando em uma delas.

Balancei a cabeça enfaticamente.

— Não. De jeito nenhum. As chances são mínimas, mas, se algum dia eu me casar, vou fazer isso em Las Vegas.

Tony apontou para mim. Seu sorriso agora estava aberto, de orelha a orelha.

— Olha só! Gostei disso. Um casamento em Las Vegas. Perfeito!

— Só por cima do meu cadáver — disse a voz de ninguém menos que Mona Fasano, bem atrás de nós.

— *Mamma!* Não ouvimos você entrar. — Tony foi até sua mãe, beijou-a em ambas as faces e a abraçou. Hector estava parado atrás dela, com um olhar matador. Balancei a cabeça e tentei expressar com os olhos que não era o que ele estava pensando.

Mona se aproximou de mim e me puxou para um abraço. Beijou minhas duas bochechas e me segurou bem perto. Seus olhos de aço traçaram minhas formas.

— Sim, perfeita para gerar os meus netinhos — falou e bateu palmas. — Hector, meu menino — chamou por cima do ombro.

— Sim, *mamma* — ele respondeu.

— O que nós vamos cozinhar, meu querido? — Ela se virou e segurou seu rosto. A maneira como fazia aquilo era claramente afetuosa. Ela o amava como a um filho, e eu esperava que aquilo ajudasse quando a verdade viesse à tona. Se Tony acordasse para a vida.

— Enchiladas!

— Não vai ter comida italiana? — perguntei, surpresa que a mais italiana de todas as mães não fosse fazer um de seus pratos famosos.

Mona balançou a cabeça.

— Não. Quando eu cozinho com o meu Hector, nós fazemos pratos da terra dele. Isso me ajuda a ampliar minhas habilidades. Algum dia vou criar um prato que vai ser a fusão da cultura italiana com a mexicana, e vou vendê-lo no restaurante. — Mona colocou a mão em meus quadris, me empurrando para fora da cozinha, em direção a uma das banquetas do balcão. — Agora você vai se sentar e nós vamos conversar enquanto o Hector e eu cozinhamos. *Capisce?*

Por mim, ótimo. Tony me entregou uma cerveja e se sentou numa banqueta ao lado da minha.

— O que foi aquilo que eu ouvi sobre casamento em Las Vegas? — *Mamma* Mona foi direto ao ponto.

— Ma, a gente só estava conversando. Não é nada de mais — Tony respondeu enquanto sua mãe trabalhava no fogão. Os olhos dele estavam colados em Hector. — Eu nunca fugiria para me casar com a Mia. Nunca. — Sua voz estava ofegante, como se ele estivesse sussurrando alto o suficiente para que todos nós ouvíssemos. Os olhos de Hector se fecharam lentamente. Quando se abriram, estavam novamente repletos de amor, desejo e esperança. Era muito claro que Hector adorava Tony e vice-versa. O estigma associado ao amor deles estava criando uma rachadura que poderia, no fim das contas, derrubar o muro ao redor daquele relacionamento. Se isso acontecesse, tudo poderia vir abaixo e destruir o que tinham. Esse pensamento fez doer minha alma.

— Que bom, porque você é um bom menino católico. Vai se casar na nossa igreja, a St. Peter. A mesma em que seu pai e eu nos casamos — ela disse, triunfante. — Na verdade eu estava preocupada, achando que você nunca iria se casar. Agora que nós temos a Mia... — Ela virou a cabeça, e seu sorriso em minha direção foi glorioso. Isso partiu meu coração em mil cacos culpados. — A nossa família vai ficar completa, e você vai dar continuidade ao sobrenome Fasano.

Mona largou a colher de pau, virou-se e abraçou Tony.

— Você enche de orgulho a mim e ao seu pai. Se ele estivesse aqui hoje, abençoaria esta união feliz. — Enxugou algumas lágrimas, limpou a garganta e voltou a trabalhar.

Hector engoliu em seco, reprimindo a emoção que eu sabia que o estava rasgando por dentro.

— Por falar em igreja, o padre Donahue vai gostar de realizar a cerimônia. Mas vocês vão precisar se inscrever no curso de noivos. Talvez neste fim de semana?

Tenho certeza de que meus olhos saltaram das órbitas. Igreja? Curso de noivos? Balancei a cabeça.

— Hum... não sei... — comecei, mas Tony me cortou.

— Ma, não decidimos a data ainda. Também não conversamos sobre a nossa religião.

A cabeça de Mona se virou, como se tivesse sido atingida.

— O quê? Essa é uma das primeiras coisas que vocês deveriam conversar. Mia, querida, você é católica?

— Não sou nada. Eu, hum... — Os olhos de Mona se cravaram nos meus, como uma chama. — Não fui criada em nenhuma religião.

Ela soltou um suspiro.

— Você foi batizada no cristianismo? — Seu tom era acusatório. Instantaneamente, o medo vibrou em minha coluna, o que ativou meu mecanismo de defesa.

— Não. — Contraí a mandíbula, as costas se endireitando.

— Já foi casada antes? — Ela colocou uma mão na cintura, a outra ainda segurando a colher.

Balancei a cabeça e ela imitou o movimento.

— Filho, ela vai ter que começar a frequentar a nossa igreja imediatamente. Para se casar, ela precisa estar em dia com a St. Peter, e você provavelmente vai precisar fazer a versão mais longa do curso de noivos para que o padre possa casá-lo com uma não católica. E ela vai precisar ser batizada. Logo. Isso é fundamental. Precisamos começar imediatamente.

O peso de suas palavras me achatou, como um rolo compressor. Tive que sair de lá.

— Meu Deus. — Levantei da banquetta, surtando. Meus pulmões estavam apertados, e eu podia sentir uma gota de suor se formar na linha do cabelo. Eu não conseguia respirar. Ar. Precisava de ar.

Desengonçada, corri para a varanda, abri a porta e respirei fundo o ar frio de março em Chicago. Graças a Deus. Não, Deus não. Não haveria mais conversas sobre Deus naquela noite. Eu garantiria isso.

Dois braços fortes me envolveram. Mesmo que fossem maravilhosos, não eram os braços que eu queria. Wes. Desejei que ele estivesse ali. Ele daria uma boa risada daquilo tudo. De acompanhante para noiva encomendada.

— Mía, está tudo bem. Não deixe a Ma te atingir. Vamos resolver isso. — Tony me segurou por trás. Respirei longa e lentamente. Meu coração começou a desacelerar e a voltar ao normal. Quando senti que podia me manter em pé sozinha, virei e estendi a mão para Tony, empurrando-o.

— Você precisa contar a verdade para a sua mãe. Isso está indo longe demais.

Ele abaixou a cabeça, envergonhado.

— Eu sei. É só... é tão difícil. Entende?

— Sim, eu entendo.

Nós nos sentamos nas poltronas da varanda, um de frente para o outro.

— Mas eu não sou a única abalada por aqui. O Hector não está lidando muito bem com isso.

A cabeça de Tony se ergueu rapidamente. Havia linhas de preocupação no canto de seus olhos.

— O que você quer dizer?

Juntei as mãos e as apertei.

— Se você não aceita quem é, você não o aceita também. — Os olhos de Tony se estreitaram, mas ele manteve o silêncio. — Ficar omitindo a verdade... Odeio dizer isso, Tony, mas precisa ser dito. — Ele movimentou o queixo, indicando que eu continuasse. — Olhe para a situação pelo ponto de vista do Hector. Você está basicamente dizendo que ele não é bom o suficiente. Que não vale a pena se arriscar pelo amor dele.

Ele ofegou e ficou de pé.

— Não é verdade! Eu amo o Hector.

— Sério? Então por que está escondendo isso?

— Você sabe por quê. — A voz de Tony era mordaz. Sua mandíbula estava tensionada.

— Ele não é bom o suficiente. Isso tudo são desculpas... Faz quase quinze anos que você está usando as mesmas desculpas. É hora de se libertar. Faça do Hector a sua prioridade. Da mesma forma que ele faz de você a prioridade dele. Durante todos esses anos, ele poderia ter pressionado você a se assumir para a família, os amigos, os negócios, mas não fez isso. Ele se contentou em ficar em segundo plano enquanto tivesse você. Sua felicidade é o que mais importa para ele, mas eu tenho medo de que esse seu plano de enganar a família e manter essa farsa vá... acabar com ele. Posso ver isso nos olhos dele. Você não?

— Merda! Por que tudo tem que ser tão complicado?

— É a vida, Tony. Cresça. Escolha o Hector, não importa o quanto isso vá te custar. Foi isso que ele fez por você. Colocou a sua felicidade acima da dele, pois ele escolheu *você*.

Com esse tiro de misericórdia, deixei a varanda. Hector e Mona estavam esperando na sala de estar quando passei por ali e fui para o quarto.

— Mia... — A voz de Hector vacilou quando disse meu nome, mas continuei andando. Então percebi que, por estar com raiva, acabei sendo grosseira. Com meus clientes, com Mona, com pessoas de quem eu gostava.

Parei no corredor e me virei.

— Desculpem, não estou me sentindo bem. Vou para o quarto me deitar. Obrigada, Mona, por ter vindo. Tenho certeza de que o jantar vai estar ótimo.

Hector se aproximou e me puxou para um abraço, e lágrimas encheram meus olhos.

— Sinto muito. Nós dois sentimos — Hector falou bem baixinho, para que só eu pudesse ouvir. Meu Deus, esse homem era incrível.

— Eu sei. Só preciso de um pouco de espaço.

Ele me soltou e fui para o quarto. Deitei na cama, peguei o celular e liguei para a única pessoa para a qual eu não deveria ligar. O telefone tocou quatro vezes antes de cair na caixa postal.

— Aqui é o Wes. Deixe seu recado que eu retorno assim que possível. — A voz dele foi um estrondo que atingiu direto o meu coração.

****Bipe****

— Oi, sou eu, a Mia. Eu só... — Respirei fundo e tentei pensar no que dizer, mas não consegui encontrar nada que soasse menos que desesperado. — ... precisava ouvir sua voz. — Fechei os olhos. — A gente se fala depois. Tchau.



Na semana seguinte, as coisas ficaram tensas entre nós três. Eu era uma estranha e, pela primeira vez em três semanas, me senti assim. Tony estava estressado, mal dizia “oi” e “tchau” de manhã. Hector era mais agradável e amigoso, mas também estava estressado, embora não fosse comigo. Claramente tinha problemas com Tony e estava relutante em falar comigo sobre o assunto, o que era compreensível. Eu havia surtado ao lidar com a mãe de Tony na semana anterior. Não me orgulhava disso, mas ainda acreditava que aquilo precisava ser dito. Ficar pisando em ovos a respeito do problema estava destruindo o relacionamento dos dois. Era uma tortura. Sem falar na tensão de mentir para a família, que estava pesando na consciência de ambos.

E então havia eu, a garota presa no meio daquilo.

Eu estava de sutiã e calcinha no closet, tentando decidir o que vestir. A temperatura de Chicago em março era fria, mas confortável.

— Ei, coloque aquela calça sexy e a jaqueta de couro — Hector falou da porta.

Eu estava tão perdida em pensamentos que não ouvi quando ele a abriu. Ele entrou e se sentou na cama enquanto eu pegava uma calça jeans escura e justa. Ele se levantou, pegou um suéter verde bem fino e uma incrível jaqueta de couro marrom-escuro. Em silêncio, vesti a roupa que ele escolheu para mim. Quando Hector queria conversar, fazia isso em particular, geralmente invadindo o espaço da pessoa. Arrumei no corpo o jeans e o suéter.

— Eu sei que ele me ama — ele disse, se esticando dentro do closet para pegar um par de botas de cano longo que iam até os joelhos, com tiras de couro matadoras que formavam um padrão cruzado. As botas eram incrivelmente macias e provavelmente custavam mais que o carro que eu havia comprado para minha irmã. Em vez de responder, apenas me sentei na cama, em silêncio. Hector se ajoelhou, levantou meu pé e me ajudou a calçar as botas. — Mas ele tem muito medo de decepcionar a mãe. Antes eu achava que ele tinha medo de contar para o pai. Joseph Fasano era um homem viril, um italiano muito sério e à moda antiga. Quando ele partiu, no ano passado, achei que talvez... que talvez o Tony fosse contar. A Mona me ama, me trata como filho. — Ele levantou o olhar e havia lágrimas em seus olhos castanhos gentis.

Eu me inclinei e segurei seu rosto com as duas mãos.

— Sim, ela te ama.

— Então eu pensei... — Ele balançou a cabeça. — Era muita coisa para esperar. E agora... não sei. Você aqui, e toda essa conversa sobre casamento e filhos, só me fez desejar mais. Entende? A vida que nós deveríamos ter tido todos esses anos.

Uma lágrima deslizou pelo meu rosto. Ele a secou com o polegar.

— Ah, doce Mía, nada disso é culpa sua.

— Não é? Sou eu que estou aqui.

— Porque nós te trouxemos.

— Verdade. Você está certo. Isso não é *tão* culpa minha. — Sorri e Hector riu levemente, quebrando a tensão.

— Venha. O Tony e eu vamos te levar para sair. Temos uma coisa para te mostrar.

— Ele enfiou a mão no closet e pegou um lenço verde brilhante. Tão brilhante que eu jamais usaria por livre e espontânea vontade.

— Por que todo esse verde?

Os olhos de Hector se arregalaram e ele ofegou.

— Mía, hoje é Dia de São Patrício. A cidade inteira está comemorando em grande estilo, e nós também! É o nosso feriado favorito. Sem tristeza, sem preocupações, nada além de diversão, amizade e amor hoje. Está dentro?

Uma sensação de alívio encheu meus pulmões, peito e coração.

— Estou muito dentro!

— Então venha, *señorita*, vamos lá!



Uma rajada de vento balançou meu cabelo quando saímos do carro.

— Minha nossa! — falei para os dois, conforme seguravam meus cotovelos.

— É por isso que Chicago é conhecida como a Cidade dos Ventos. Não se preocupe. Daqui a meia hora o tempo vai virar. — Encarei Tony com meu olhar “está-de-sacanagem-comigo”. — Sério, é um fenômeno. Eu morei aqui a vida toda. Nunca vi um dia em que o clima permanecesse exatamente igual.

— Você deveria mudar para a Califórnia. O clima lá é perfeito todos os dias. — Sorri e ele balançou a cabeça.

— Ei, tem lugar ali no parapeito. — Hector apontou para o outro lado de um extenso gramado, onde havia uma grade de ferro. Uma multidão estava reunida naquele ponto, observando a faixa de água.

Nós seguimos até lá e paramos no parapeito.

— Onde estamos? — perguntei, olhando para as ondas. A água estava agitada, espirrando contra o concreto abaixo de nós. Estávamos a pelo menos três metros da superfície, mas ainda era possível sentir a mudança da temperatura quanto mais perto ficávamos do rio.

— Este é o rio Chicago — Tony disse com orgulho, estufando o peito. Olhei para Hector, que revirou os olhos.

— Não olhe para mim. Isso é coisa do Tony. Eu sou de San Diego. — Com uma mão enluvada, ele apontou para si mesmo.

Empurrei seu ombro.

— Eu não sabia que você era da Califórnia.

Ele inclinou a cabeça e olhou para a água.

— É, eu saí de lá para fazer faculdade. Conheci o Tony na Universidade de Columbia e me mudei pra cá com ele depois que nos formamos.

— Columbia? Uau. — Eu sabia que esses caras eram inteligentes, mas não tinha ideia de que eram brilhantes a ponto de cursar uma faculdade de tanto prestígio. Eu havia abandonado a minha. No entanto, estava ganhando cem mil por mês. Nada mal para uma ex-garçonete de cassino em Vegas.

Tony ficou entre nós e colocou um braço sobre os ombros de cada um.

— Vai acontecer agora, Mía. Olhe para aquele barco! — Sua voz estava cheia de animação. Foi o momento em que vi Tony mais feliz durante a semana toda. Ele tinha um sorriso bonito, do qual eu senti falta. Seus grandes braços nos seguraram apertado. Do nada, ele olhou por cima do ombro, esquadrinhou a área e disse: — Que se dane! — Então se virou em minha direção e me deu um selinho, como um irmão faria. Depois se virou para Hector e lascou um beijo enorme e lascivo nele. Que durou muito tempo. Tanto que até eu estava vermelha quando acabou.

Os olhos de Hector se arregalaram.

— Feliz Dia de São Patrício, *papi* — Tony disse e o beijou novamente na boca, de leve dessa vez. Hector correspondeu, sorrindo e revelando surpresa, admiração e amor.

Alegria. A mais pura alegria nos preencheu conforme o barco descia o rio Chicago, espalhando uma coisa verde na água.

— Por que ele está poluindo a água com essa gosma? — apontei, horrorizada, para a exibição à nossa frente.

Tony balançou a cabeça.

— Eles estão tingindo o rio de verde! — Ele estava praticamente pulando. — É a tradição, e é uma tinta não tóxica! — Apertei os olhos e esperei que ele continuasse. — Há mais de cinquenta anos o rio Chicago é tingido de verde em comemoração ao Dia de São Patrício. Leva dias para voltar ao normal. Eles usam tinta vegetal, que não prejudica os peixes nem polui a água. A festa é patrocinada pelo sindicato dos encanadores.

Eu tinha de admitir: era muito legal. O barco pulverizava a mistura ao longo do rio, jorrando para a frente e para trás, por toda a extensão da água. Redemoinhos verdes fluorescentes e brilhantes se misturavam às ondas e espalhavam a cor. A forma como o verde fazia espirais na água me fez lembrar de *A noite estrelada*, de Van Gogh. Eu nunca tinha visto nada parecido. A cidade tingia um rio de verde por causa de um feriado que nem era nacional.

Balancei a cabeça várias vezes, incapaz de compreender aquela visão única e aleatória.

— Por que tanta comoção em torno do Dia de São Patrício, afinal de contas?

Tony nos puxou para perto, os olhos colados na água enquanto falava.

— É a celebração da instauração do cristianismo na Irlanda. Nesse dia, a Igreja Católica suspende a proibição de álcool e o jejum da Quaresma.

Por um momento, pensei muito seriamente no que ele disse.

— Você é irlandês? — Olhei para Hector e ele balançou a cabeça, sorrindo. Então me virei e foquei Tony.

— Não — ele respondeu.

— Então o que isso tem a ver? — A importância desse evento não fazia absolutamente nenhum sentido.

Tony apontou para a água como se fosse o apresentador da Roda da Fortuna.

— Um rio inteiro é pintado de verde em homenagem a um santo da minha fé. Qualquer coisa relacionada à igreja é importante — disse, impassível. Uma pequena curva surgiu no canto de sua boca. Eu podia sentir o aperto de seus dedos ao redor do meu bíceps enquanto ele tentava segurar o riso.

— Você só gosta da festa. Admita! — Cutuquei suas costelas com o cotovelo.

— Ai! — Ele riu alto e Hector se juntou a ele. — Vamos, Mía, o nosso pub nos espera.

Meus olhos se arregalaram enquanto o vento frio batia meu cabelo no rosto de Hector.

— Desculpa — falei. Ele piscou e continuou em frente. — Vocês têm um pub também?

Tony riu.

— Você é sempre tão literal?

— Geralmente não, mas não costumo sair com caras ricos. Acho que tudo é possível quando vocês estão brincando de Banco Imobiliário com o seu dinheiro.

— Vamos, é hora de fazer amizade com um rapaz irlandês chamado Jameson. — O corpanzil de Tony ajudou a desviar o vento que estava me castigando.

— Sabe, esse Jameson é um velho amigo meu. Vai ser bom reencontrá-lo. — Sorri.

— Agora você está falando a minha língua! — Tony irradiava alegria e nos levou até o carro.



Os dois me levaram a um lugar chamado Declan's Irish Pub. Entramos por uma porta vermelha enorme, com acabamento de madeira escura. A placa do lado de fora era preta e tinha a palavra "Declan's" escrita em letra cursiva dourada. Estava escuro lá dentro. Ouvimos um zumbido quando passamos pelos clientes e seguimos até o bar. Havia três lugares vazios. Um copo com um guardanapo de papel em cima tinha a palavra

“Reservado” escrita com marcador preto em frente aos assentos vagos. Tony segurou minha banqueta e eu me sentei.

— Lugares reservados num bar? — ri, balançando a cabeça.

— Todos os anos, *chica* — Hector disse.

— Eu conheço um cara — Tony completou, com aquele sotaque italiano de Chicago com o qual eu me acostumara ao longo das últimas semanas.

— Você acha que conhece um cara, seu italiano de merda! — O barman estendeu a mão. Tony se inclinou sobre o balcão de madeira e puxou o homem ruivo para um abraço.

— Dec, e aí, seu irlandês da porra? — Tony soltou seu próprio comentário depreciativo. Entre mulheres, seria motivo de briga. O ruivo levou numa boa.

— Ah, os negócios vão bem... — Ele estendeu os braços, apontando para o bar lotado.

— É Dia de São Patrício, idiota. Claro que está lotado. — Tony continuou a mexer com o cara que ele havia chamado de Dec.

— Quem é a gata? Eu sei que ela não é de vocês. — Os olhos verdes do homem foram até Hector com conhecimento de causa. Hector estendeu a mão e apertou a de Dec.

— Essa é a Mia. É uma amiga de fora, e nós estamos mostrando a cidade para ela.

— E é claro que vocês tinham que trazê-la para o meu pub, pois aqui tem a melhor comida e o melhor uísque da cidade.

— Com certeza! — Tony respondeu, o sotaque forte.

— Oi, Mia, é um prazer. Sou o Dec, ou Declan. — Ele estendeu a mão. Eu a segurei, mas, em vez de apertá-la, ele a levou aos lábios e beijou meus dedos. Uma pequena onda de excitação arrepiou minha mão, passando pelo braço e chegando ao corpo. Seus olhos verdes brilharam quando ele arqueou as sobrancelhas.

Tony tirou minha mão da dele.

— Para com isso, imbecil. Agora, cadê as nossas bebidas? E o cardápio?

Dec riu, jogou um pano por cima do ombro e empurrou três cardápios em nossa direção. Em seguida serviu uma dose do uísque irlandês Jameson para cada um de nós e uma para ele mesmo.

Todos nós erguemos as doses e brindamos quando Dec disse:

— Virem de uma vez!

Meu telefone vibrou no bolso de trás da calça no momento em que coloquei o copo de volta no balcão. Era uma mensagem de Wes.

Feliz Dia de São Patrício. Sabe o que dizem sobre olhos verdes?

Hector ergueu uma sobrancelha quando viu meu sorriso. Segurei o telefone perto do peito e li a mensagem. Ele descaradamente leu por cima do meu ombro, então desisti e

coloquei o aparelho à nossa frente enquanto respondia.

Não sei. O que dizem?

Instantaneamente, ele respondeu:

Onde você está?

Em um pub irlandês no centro de Chicago chamado Declan's. Vai me dizer o que falam sobre olhos verdes?

Que eles estão sempre aprontando alguma coisa. Você está aprontando algo?

Na verdade, sim. Tomando todas. Feliz Dia de São Patrício!

Esprei alguns minutos, mas não veio nenhuma resposta. Estranho. Alguém deve tê-lo chamado. Hector e eu nos olhamos. Ele deu de ombros, levantou a mão e apontou nossos copos vazios. Declan prontamente os encheu.

— Quer uma cerveja também? — perguntou.

— Pode apostar! — Virei o uísque, que desceu queimando. Aquilo não era nada em comparação aos meus pensamentos sobre Wes. Pensar nele com muita frequência era tolice, e eu não era tola. — E mais uma dose!

Durante a hora seguinte, Hector e Tony me contaram histórias sobre a juventude deles, como conheceram Declan, em Columbia, e a maneira louca como os três acabaram em Chicago. Eles eram amigos desde então. Parei para pensar em por que Declan insinuou que sabia da relação dos dois. Devia ser um dos poucos. Além disso, ele foi um dos caras que correram nus no campo de futebol.

Os três tinham me feito rir tanto que minha bexiga estava quase estourando. Levantei da cadeira e me virei.

— Aonde você vai? — Tony perguntou.

— Fazer xixi. — Alternei meu peso de um pé para o outro.

O rosto de Tony enrugou de desgosto.

— Ah, não faz isso. Você vai se foder. Vai ter que mijar a cada vinte minutos agora.

— Não posso fazer nada. E cale a boca! — Soquei seu braço e ele fingiu se sentir afrontado.

— Peso-pena — esfregou o braço, sorrindo. Eu sabia que o atingira com muita força. Com sorte, ele ficaria com um hematoma. Mas eu duvidava. Aqueles músculos eram duros demais. Provavelmente, para ele, parecia mais um beliscão que um soco. Ri comigo mesma do seu tamanho de homem das cavernas e segui para o banheiro.

Fiz o que precisava e lavei as mãos. Em um momento mulherzinha, me inclinei, joguei o cabelo para a frente e passei os dedos através dele. Joguei-os de volta para trás, dando volume. Tive que me apoiar na pia para me segurar. Hora de comer. O uísque estava fazendo efeito, e sem comida eu estaria no chão em breve. Peso-pena o caramba. Os homens acham que levam vantagem sobre as mulheres. Não sabem de nada. Sinto muito se sou metade daquele gigante, que provavelmente pode beber uma garrafa inteira sem sentir nada. Ele deveria estar feliz por eu ser uma companhia barata. *Humpf*. Indignada, saí do banheiro e segui pelo meio da multidão.

O bar tinha enchido desde que chegamos. A multidão que apareceu depois do jantar estava animada, e o pub, bastante movimentado. A música celta mantinha a vibração irlandesa em nível máximo. Comecei a me mexer no ritmo da batida quando dei de cara com alguém parado no meio do caminho.

— Ai. — Esfreguei o nariz e levantei a cabeça. Mesmo com todas as luzes coloridas formando um halo ao redor de seu corpo, meus olhos se fixaram nos dele, verdes. Engoli em seco, sem acreditar que ele estava realmente ali, na minha frente.

— Não vai dizer nada, linda? — As longas camadas de cabelo loiro-escuro caíram nos olhos.

— Não acredito que você está aqui...

Ele escaneou meu corpo de cima a baixo.

— Meu Deus, você é um colírio para os olhos. Vem cá. — Então, ali estávamos. Meu Wes. Seus lábios estavam quentes quando encontraram os meus. Ele tinha gosto de menta e cheirava a oceano. Meu Deus, senti falta do mar, da brisa salgada... *dele*. Uma das mãos de Wes segurou minha cabeça, enquanto a outra me mantinha perto. Nossos corpos estavam colados. Nada mais existia além dele e da atração elétrica entre nós. Lambi seus lábios fechados e ele os abriu, permitindo minha entrada.

Perfeito.

Beijar Wes era perfeito. A energia crepitava na bolha que nos envolvia, conforme a multidão nos empurrava para lá e para cá. Alguns “com licença” soaram ao nosso lado, mas não paramos. Não podíamos. A conexão magnética espiralava ao nosso redor. Ele me beijou como nos filmes, quando um homem volta da guerra e, finalmente, encontra a mulher que ama. Basicamente, como se eu fosse seu mundo. E agora ele era o meu.

— Puta merda, solte ela! — a voz de Tony soou no meio da multidão, segundos antes de eu ser arrancada dos braços de Wes. Estendi os meus, como uma marionete

precisando do seu mestre.

— Não, Tony, não! — Hector disse e se meteu entre os dois.

— Que merda você pensa que está fazendo? — Wes avançou, esmagando Hector e a mim no caminho.

— Não! Não, Wes, não! Esse é o Tony! — Pressionei seu peito com força, tentando segurá-lo.

— Tá, e ele precisa tirar as mãos de você, ou nós vamos ter problemas — Wes rosnou, seus olhos ardendo enquanto encaravam Tony.

— É mesmo? — Tony forçou passagem em nossa direção, seu corpo nos prendendo em um sanduíche.

— Pessoal, para com isso. Wes, este é o meu cliente. Tony, este aqui é o meu... hum, o Wes! — gritei, tentando desesperadamente ser ouvida com a música alta.

Os olhos de Tony se estreitaram, e Hector o empurrou para trás.

— Querido, é o cara dela. Sabe, aquele que eu te falei, o surfista que faz filmes? — Fechei os olhos e levantei o braço para manter Wes afastado.

— O seu cara? O surfista que faz filmes? — Wes riu e me puxou para ele. — É assim que você me chama? — ele sussurrou em meu pescoço, enviando todo tipo de formigamentos felizes ao longo do meu corpo.

Aquela altura, o uísque tinha subido à minha cabeça e arruinado qualquer filtro que eu pudesse ter. Então soltei:

— Eu deveria ter dito sr. Trepá-Como-Um-Deus? Seria melhor? — Coloquei os braços ao redor de seu pescoço e me aproximei. Me aproximei muito. Ele esfregou a testa contra a minha.

— Com certeza seria melhor. A partir de agora, diga isso a todos os seus clientes e a qualquer paquera ou possíveis namorados.

Eu ri com um ronco, de forma pouco feminina.

— Você ia gostar disso, não é?

— Muito. Posso conhecer seus amigos, agora que o grandão não vai mais me bater?

— Ah, claro! — Eu me virei e Wes colocou as mãos em meu quadril. Tony e Hector observaram. Hector sorriu, e Tony fez uma careta. — Pessoal, esse é o meu amigo Wes. Wes, esses são o Tony e seu... há... Hector — terminei.

— O Hector é meu *parceiro* — Tony admitiu, alto o suficiente para que algumas pessoas ao redor pudessem ouvir, não que alguém estivesse prestando atenção ou o conhecesse. Ainda assim, era um grande passo na direção certa. Primeiro o beijo no rio. Agora uma declaração pública? Encarei Hector. Seu rosto demonstrava surpresa, somada a uma pitada de emoção, talvez até mesmo amor. Apesar de que ele sempre olhava para Tony com amor. Era parte do motivo pelo qual eu gostava tanto dele. Ele era uma pessoa fácil de interpretar, e sempre dizia o que pensava e sentia. Honestidade como a dele era impensável nos círculos que eu frequentava.

— Wes, foi mal. Sabe como é... um monte de caras bêbados, uma mulher bonita... A mão boba corre solta. Eu só estava cuidando dela. — Tony bateu nas costas de Wes e

apertou sua mão.

— E eu agradeço. É bom saber que a minha garota está protegida — Wes disse.

Minha garota. Ele tinha usado essa expressão quando estávamos juntos em Malibu, e disse agora novamente. Cara, eu estava encrecada.

— Bom, agora que você está aqui, venha beber com a gente — Tony convidou.

— Claro. Vá na frente. — Wes estendeu a mão para que Tony e Hector liderassem o caminho.

Todos nos sentamos e Wes puxou sua cadeira de forma que pudesse colocar o braço ao meu redor. Era um sinal claro de posse, e eu não sabia o que fazer com aquilo, ou como interpretar. O uísque que corria pelo meu corpo não estava ajudando, pois eu tinha permitido o gesto sem dizer nada.

— Quanto tempo você vai ficar em Chicago? — Hector perguntou.

— Só esta noite. Pego o avião de volta para Los Angeles na primeira hora amanhã. Como eu estava por aqui, pensei em me encontrar com a Mía. Espero que esteja tudo bem.

Olhei em seus olhos, verdes da cor do mar, e me perdi. Seus lábios brilhavam com as luzes do bar, e seu cabelo estava caído na testa. Ergui a mão e o coloquei no lugar. Ele levantou a sua e segurou meu rosto. Sem perceber, me inclinei para seu toque. Não ter seu carinho nos últimos dois meses foi como sobreviver a uma seca, e só agora eu estava tomando pequenos goles de água. Eu precisava de mais. Muito mais.

— Mais que bem.



Minhas costas bateram na parede quando a porta se fechou. Os lábios e as mãos de Wes estavam sobre mim. Exatamente onde eu queria. Nós quatro, bêbados, voltamos de limusine para a cobertura. Hector levantou os polegares para mim enquanto Tony o conduzia para o quarto. Encarei aquilo como uma permissão para receber um homem na casa deles. Embora quase nada pudesse me impedir de reivindicar Wes naquela noite. O uísque, combinado com o desejo de tê-lo, era forte demais para negar. E foi assim que acabei com as costas contra a parede e o corpo definido de Wes me mantendo no lugar.

— Nossa, como eu senti sua falta. Senti falta desse corpo. — Suas mãos envolveram meus seios. — Preciso de você nua. Agora. — Ele apertou os dois seios ao mesmo tempo, me fazendo gemer baixinho.

Sem hesitar, tirei o suéter e o joguei no chão. Wes abriu o botão da minha calça jeans. Antes que eu pudesse tirá-la, sua mão estava *ali*. Bem ali, me sentindo, tocando a umidade que ele havia provocado.

Sua língua percorreu todo o caminho do espaço entre os seios ao pescoço, parando em minha orelha, me mordendo.

— Adoro o jeito como você fica. Como o seu corpo responde a mim. Isso prova que, não importa o que diga, você me quer.

Um dedo longo entrou profundamente, e outro o seguiu. Tão bom. Minha cabeça caiu para trás e bateu na parede.

— Eu nunca neguei que te quero — admiti, sem fôlego.

— Mas tentou. — Ele pressionou a mão mais fundo, os dedos encaixando no ponto certo, o polegar talentoso girando ao redor do centro da minha excitação, me levando a um limbo prazeroso. Wes tinha razão. Eu tentei negar quanto ele me afetava. Foi preciso. Isso me ajudou a manter distância entre nós, mas não agora. Naquele momento, eu estava totalmente envolvida.

— Preciso de você — sussurrei enquanto o prazer me dominava.

— Você ficou com alguém depois de mim?

— Wes — avisei. Esse não era o tipo de conversa que eu queria ter quando sua mão estava profundamente dentro de mim e sua palma estava sendo revestida com o produto do meu desejo. Ele me beijou, a língua mergulhando profundamente antes de se afastar.

— Ficou com alguém sem proteção?

— Só você. — E era verdade. Alec e eu sempre transamos com preservativo. Wes e eu, não. Mas eu confiava nele. Ainda confiava. Seus olhos estavam escuros quando procuraram os meus. Ele tirou a mão de dentro de mim e abaixou minha calça e a calcinha. Chutei-as para longe enquanto desabotoava sua calça. Ele a abaixou apenas o suficiente para revelar o pau grosso. Nossa, como senti falta daquela parte dele. Tão grande, grosso e pronto para mim.

Em um movimento rápido, Wes estava com as mãos na minha bunda e eu tinha as pernas ao redor de sua cintura.

— Segure nos meus ombros, linda. — Fiz o que ele pediu. Quando encontrou o ângulo certo, ele me empurrou para cima, de encontro à parede, minhas costas roçando a superfície rígida e minha pele queimando. A pontada de dor adicionou prazer ao momento espontâneo. Wes pressionou a cabeça do pau em minha entrada e a forçou para dentro. Uma de suas mãos me segurava pelo ombro, a outra pelo quadril. Ele me puxou para baixo com força, se enterrando em mim.

— Ah, puta merda. — Estar completamente preenchida por seu pau enorme era pura felicidade.

— Shh, linda, eles vão te ouvir. — Ele me fez lembrar onde estávamos. No meu quarto, no apartamento de Hector e Tony, transando com meu primeiro cliente enquanto ainda trabalhava para o terceiro. Eu tinha certeza de que havia algo psicologicamente distorcido naquilo, mas não me importava. Era tão bom ter Wes dentro de mim, me preenchendo totalmente com tudo o que faltava desde que eu o vira pela última vez, há dois meses.

Ele tirou e meteu de novo. Seus lábios encontraram os meus e eu suguei sua língua, devorando sua boca, seu beijo, como uma mulher faminta diante de comida.

— Lembra disso? — Ele saiu mais uma vez e entrou completamente.

Ofeguei e acenei com a cabeça, tão perdida de desejo que só conseguia focar na sensação entre as coxas, o prazer se acumulando intensamente no fundo do meu ventre enquanto ele se movia para dentro e para fora.

— Não vou deixar você esquecer como isso é bom — Wes disse, afastando os quadris, seguido por um novo movimento afiado para dentro. — Quando eu for embora, quero que você me sinta. — Para fora, e então, com ambas as mãos em meus quadris, ele me penetrou de novo.

Mordi o lábio quando uma espécie de raio passou por mim, meu corpo esquentando e vibrando por todos os poros. Mais um impulso e eu iria sucumbir. Daria tudo a Wes, exatamente como ele queria.

— Lembre-se de mim — ele disse com os dentes cerrados. Exatamente as mesmas palavras que me dissera na última vez em que fizemos amor. Agora elas estavam tingidas de dor, prazer e tudo o mais. Ele deslizou para fora, me ergueu e passou os braços ao meu redor. Apertei as coxas em volta de sua cintura e preendi os pés descalços em suas costas. Encaixada em seu pau, ele inclinou os quadris para trás, me apertou com força contra a parede e me comeu de um jeito selvagem.

O orgasmo explodiu através do meu corpo, o prazer jorrando em todas as direções. Os lábios de Wes grudaram nos meus, me prendendo em seu beijo enquanto se movia violentamente, bombeando sua libertação dentro de mim, banhando meu interior com sua essência. Sua boca impediu que meu grito saísse. Mordi seu lábio quando o último vestígio de nossa paixão diminuiu e desacelerou.

Nossa pele estava escorregadia de suor e revestida de alegria. Compartilhamos o ar, respirando ofegantes no rosto um do outro com a testa colada, selando a ligação que sentamos desde o início.

— Você não vai me esquecer? — Seu tom era gentil, mas repleto de preocupação.

— Nunca — prometi.

— Vamos te limpar. Não estou nem perto de terminar o que comecei. — Ele me segurou apertado e nos levou até o banheiro, do outro lado do quarto.

— Ainda bem, porque eu quero você de novo — anunciei, deixando beijos por todo o seu rosto, lambendo o gosto salgado de seu pescoço, apreciando o homem de quem eu jamais enjoaria.

Wes me colocou sobre a bancada e saiu de dentro de mim, e seu fluido respingou sobre a superfície de mármore. Ele ficou olhando para o espaço entre as minhas pernas, observando sua essência me deixar.

— Esta é uma cena que eu não vou esquecer tão cedo... — admitiu, com um sorriso malicioso.

Bati em seu ombro.

— Já para o chuveiro, pervertido. — Estendi a mão e molhei a toalha de rosto, então me limpei entre as coxas e peguei outra para enxugar a bancada. Joguei as duas no cesto de roupa suja.

Wes usou bem esse tempo, já que agora estava gloriosamente nu. O jeans e os sapatos estavam numa pilha no chão do banheiro. A pele bronzeada e os músculos de surfista esbelto nunca estiveram melhor. Dei alguns passos em sua direção e coloquei as mãos no peitoral quadrado. Pressionei a testa em seu peito e o beijei. Ele era quente, familiar e tudo de que eu sentia falta na vida que eu queria, mas ainda não podia ter. As lágrimas começaram a se formar quando beijei a pele sobre seu coração.

Sua mão segurou meu rosto e o polegar enxugou uma delas.

— Eu sei. Eu também — ele disse suavemente. — Vamos aproveitar o tempo que temos, está bem?

Anuí e o segui para o chuveiro. Ele passou longos minutos lavando meus cabelos.

— Cresceu um pouco.

— É, cresce rápido — falei.

— É tão bonito. — Seus olhos seguiram a espuma que deslizava pelos fios até o piso de cerâmica e para o ralo.

Enquanto eu terminava de enxugar o cabelo, ele ensabooou as mãos. Nunca foi fã de esponja quando tomávamos banho juntos em Malibu.

— Então você é o tipo de cara que põe a mão na massa? — Balancei as sobrancelhas para ele.

— Você não sabia? — Ele colocou as mãos em meus ombros e massageou minha pele vigorosamente. Foi divino. Os dedos fortes apertaram cada nó de tensão, antes de passar, sedutoramente, sobre meu peito e os seios. Ele me virou e pressionou minhas costas contra seu corpo. Em seguida, segurou meus seios, esfregando os polegares e os indicadores nas pontas eretas. Meus mamilos se contraíam e vibravam a cada toque delicioso de seus dedos, até ficar eriçados, parecidos com a borracha que vem presa no lápis. Duros, eretos, redondos.

Gemi e me apoiei nele, fechando os olhos.

— Eu amo os seus seios. São grandes, cheios, perfeitos para as minhas mãos. Eles ficam duros no momento em que eu passo os dedos neles.

Suas palavras preenchiam o ambiente de maneira tão espessa quanto o vapor ao nosso redor, contribuindo para a sensação inebriante. Wes os tocou até que eu estivesse ofegante, gemendo e remexendo os quadris, inquieta.

— O que você quer? — Ele lambeu a linha do meu pescoço enquanto continuava aquela doce tortura em meus seios, agora hipersensíveis.

— Quero você dentro de mim. Por favor — implorei descaradamente.

— Se incline para a frente, linda. Segure no suporte de toalha. Levante essa bunda gostosa pra mim.

Segurei o suporte acima da minha cabeça, na parede do chuveiro. Era do mesmo tipo que encontramos em quartos de hotéis sofisticados, onde as toalhas ficam longe do jato de água, mas convenientemente posicionadas de modo que o hóspede não tenha que deixar o calor do chuveiro sem se cobrir. Nesse caso, era um apoio perfeito para eu me agarrar.

Wes alinhou os pés a meu lado, pressionando os meus levemente para fora. Segurou meus quadris, inclinando-os do jeito que queria. Esperei, a respiração presa na garganta. A excitação zumbia ao meu redor, como um enxame de abelhas furiosas, a expectativa e o conhecimento de que seria arrebatada por uma ereção tentadora e proibida.

Wes acariciou meu traseiro. Habilmente, esticou minha carne, me abrindo por trás, e colocou a cabeça do pau em minha entrada. A simples sugestão de sua masculinidade provocou meu sexo inchado.

— Você quer isso, linda? Quer que eu te coma com força?

— Ah, sim, por favor, Wes. Faça amor comigo do jeito que você sabe fazer.

— Amor? — ele perguntou, pressionando um centímetro para dentro. Tentei apertar as coxas para forçá-lo ainda mais. Ele me segurou, só permitindo que eu me movimentasse quando ele quisesse.

— Sim, me mostre.

Com um movimento dos quadris, seus dedos cravaram nas laterais do meu corpo antes que ele me penetrasse fundo... e forte a ponto de fazer meus dentes baterem. Segurei o suporte, abalada por seu movimento, na ponta dos pés e encaixada em seu pau,

do jeito que ele gostava. Eu não conseguia respirar nem me mover. Nunca tinha me sentido tão preenchida por um homem. Quando ele se afastou, quase chorei, necessitando que ele ficasse dentro, perto de mim.

— Não vá... — ofeguei.

— Estou bem aqui. — Uma de suas mãos encontrou a minha no suporte e me segurou. Então, ele meteu novamente. — Me sinta, linda. Estou bem aqui. Com você. Dentro de você. Eu sou uma parte sua.

Uma sensação de vibração se espalhou a partir do ponto em que estávamos unidos, como asas de borboleta batendo por todo o meu corpo. Provocando, fazendo cócegas, criando ondas de prazer de dar água na boca. Foi incomum, único, diferente de qualquer experiência sexual que já tive antes.

— Vou gozar — falei, perdendo a capacidade de me expressar. O prazer levou meu corpo, a mente e o subconsciente para uma jornada da qual eu não desejava mais voltar.

— Sim. — Ele girou os quadris, mexendo o pau dentro de mim, me obrigando a ofegar. — Você vai gozar quando eu gozar também. Você vai me apertar, doce Mía, provando que eu controlo esse corpo. Quando estou dentro de você, somos só nós dois. Eu e você. Como tem que ser. — Ele tirou e enfiou de volta, com força e intensidade. Gritei, perdida no transe mais uma vez. A eletricidade quente passou por cada orifício, buscando uma saída, uma maneira de expelir a excitação reprimida.

Foi quando comecei a balbuciar. Ele me comia com estocadas longas e consistentes. E eu me perdi, dizendo coisas bobas e sem sentido.

— *Por favor... Em mim... Queimando... Agora... Amor... Quente... Wes...*

Nesse momento, Wes passou um braço ao redor da minha cintura, e com a outra mão agarrou o suporte, como se fosse dar um impulso. Ele ergueu o corpo musculoso até ficar na ponta dos pés e me pressionou contra seu pau, duro como uma rocha. Atingiu um ponto muito profundo, dividindo e alargando o tecido dentro de mim, forçando a entrada até um ponto em que nenhum homem jamais tinha chegado. Perdi o controle. O orgasmo me sacudiu. Me balançou fisicamente, me fazendo convulsionar ao redor dele, como se estivesse sendo eletrocutada. Meu interior o apertou, e ele rugiu em sua libertação, mordendo a junção entre meu ombro e o pescoço. Pontadas de dor me atingiram, acrescentando querosene a um fogo que já estava fora de controle.

Ele me provocou um orgasmo atrás do outro, até eu perder as contas de quantas vezes cheguei ao limite. Tudo o que eu sei é que, quando ele finalmente parou de me comer, a água estava gelada e nós dois tremíamos. Wes lavou meu corpo lânguido com a água fria, depois me enrolou na toalha, enquanto eu me levantava e me apoiava nele. Não havia muito mais que eu pudesse fazer. Ele me fodeu até que eu perdesse a noção. Meu cérebro já não enviava mais sinais para os membros. Tudo simplesmente parou de funcionar.

Wes me carregou no colo e me tirou do chuveiro, uma vez que já havia secado a maior parte do meu corpo. Então puxou as cobertas, me colocou na cama e se

aconchegou em mim. Seu corpo estava colado ao meu, a umidade do chuveiro nos mantendo unidos, de um jeito que eu adorava mais do que jamais admitiria.

Ele soltou um suspiro quente contra meu pescoço.

— Eu não quero deixar você amanhã.

Fechei os olhos e passei seu braço em volta de mim, entre meus seios nus. Sua mão ficou perto dos meus lábios, então beijei seus dedos.

— Você precisa ir — sussurrei, sabendo que tinha de deixá-lo partir, por mais que quisesse que ele ficasse.

— Eu sei. — Seu tom era desamparado, porém forte.

— Mas significa muito você não querer. — Eu queria que ele soubesse que era importante. Que qualquer momento com ele era especial.

— Ah, Mia, eu não vou deixar você tirar isso da gente.

— Não quero que você deixe. Pelos próximos nove meses, eu espero que você me lembre do que poderia ser. — Apertei sua mão em meu rosto e tentei memorizar seu toque. Gravá-lo em minha mente para poder voltar a ele sempre que precisasse.

— Eu nunca vou deixar você esquecer o que pode ter. O que está te esperando.

Com essas palavras, envolvida no calor de seu abraço, deslizei para a terra dos sonhos.



O sol surgindo através das cortinas abertas bateu diretamente em meus olhos, me tirando de um sonho feliz, em que Wes e eu estávamos surfando. É claro que no meu sonho eu era especialista em surfê, embora, na vida real, fosse uma novata. Eu precisava voltar para o mar e praticar, se um dia quisesse chegar perto da maneira como a Mia do sonho surfava.

Lentamente, movimentei um pé para trás, mas não senti nada, exceto os lençóis frios. Assustada, me sentei e olhei para o lado. Ele havia ido embora. Nada além de um sulco no traveseiro a meu lado e um pedaço de papel no lugar onde Wes esteve.

O papel tinha sido tirado do meu bloco de anotações, que estava sobre a mesa.

Mia,

Essa noite foi maravilhosa. Aliás, foi inestimável. Estar com você é como pegar a onda perfeita, deslizando pelo mar em uma crista interminável. É estimulante, assustador e realmente muda a vida.

Você me mudou, Mia. Não acredito mais que a mulher perfeita não existe, porque eu a conheci, fiz amor com ela e a venerarei da única forma que sei fazer.

Como você não me deu outra escolha, vou ser seu amigo e continuar a te lembrar do que poderia ser. Nove meses... estou contando. Até a próxima vez vou estar pensando em você. Te ligo em breve para saber se está bem.

*Quando estiver pronta, você tem a chave.
Lembre-se de mim.*

*Seu surfista que faz filmes,
Wes*

Segurei a carta contra o peito e chorei. Chorei por Wes, por mim, pelo que poderia ser. Pelo que esperava ter um dia. Se ele não fosse roubado por alguma outra mulher bonita antes disso. Mas eu tinha que deixá-lo viver enquanto continuasse a minha jornada. Saber que ele se importava, que queria que eu me lembrasse dele, que esperava que eu voltasse para ele, era tudo o que eu precisava para passar pelos próximos nove meses. Porém, como incentivei Wes a fazer, eu viveria. Não podia permitir que o sentimento que tinha ficasse no caminho do que eu estava fazendo, ou das experiências que prometi a mim mesma que teria.

Eu não tinha noção de aonde a vida me levaria nos próximos nove meses. Por mais que gostasse da ideia de jogar tudo para o alto e brincar com a sorte, deixar Wes pagar o agiota e correr para ele, eu tinha que fazer isso sozinha. Este ano seria aquele em que eu deveria decidir o que queria pelo resto da vida. Talvez fosse Wes, talvez não. Talvez fosse a Califórnia, talvez Tombuctu. Não importava quanto meu coração quisesse correr para ele, minha mente estava decidida. Pelos próximos nove meses, eu viveria a vida que queria enquanto salvava meu pai.

Eu me lembraria de Wes. Do tempo que passei com ele, da nossa amizade, do que temos quando estamos juntos. Alec me ensinou essa lição, e, pensando assim, eu amava Wes. Do meu jeito. Talvez, se o destino quisesse, daqui a nove meses seria o tipo de amor para sempre.

Mas hoje não.



Esta noite haveria a comemoração da grande expansão do Fasano para alimentos congelados. Chefs conhecidos, imprensa, donos de restaurantes, potenciais investidores e todo o clã Fasano seriam alguns dos presentes na filial local do restaurante. Ouvi dizer que editoras de livros de receitas e executivos de TV estariam lá. Eles queriam conversar com Tony sobre uma oportunidade na TV e com *mamma* Mona sobre um livro contendo as receitas originais da família Fasano. Era tudo emocionante e assustador ao mesmo tempo. Nesse evento nós iríamos anunciar o noivado. Avisei a Tony que a mídia poderia publicar alguma coisa maldosa sobre o fato de eu ter sido vista com outras duas celebridades nos últimos dois meses. Ele me garantiu que estaria tudo bem e sob controle. Tradução na minha cabeça: nada estava bem, a merda ia bater no ventilador e eu estaria presa no meio daquilo.

Angelina me disse que o restaurante inteiro tinha sido transformado em uma elegante área aberta. Todas as mesas foram transferidas para o galpão adjacente, ao lado do restaurante, e substituídas por mesinhas altas de coquetel. Havia cartazes avisando que o estabelecimento estava fechado para o público e reabriria no dia seguinte. Independentemente do que acontecesse, aquela seria minha última noite com os rapazes, e eu queria me divertir. Só esperava que conseguíssemos. Tony vinha agindo de um jeito incrivelmente estranho durante a semana. Quando eu entrava no ambiente, ele ficava nervoso e se perdia no meio da conversa. E passou tempo demais no escritório. Isso estava mexendo com Hector também. O cara parecia completamente perdido ao longo da última semana. Tivemos momentos maravilhosos no Dia de São Patrício, e, claro, os dois me pressionaram para que eu contasse tudo sobre Wes no dia seguinte, mas, depois disso, as coisas ficaram tensas. Tony estava atarefado e passava cada vez menos tempo com Hector e comigo. Ele estava agindo como alguém que guarda um enorme segredo.

Essa parte era o que mais assustava Hector. Ele disse que, durante todos os anos em que estavam juntos, os dois jamais guardaram segredos um do outro. Angie assegurou a ele que estava tudo bem no trabalho e que Tony estava, mais do que nunca, no controle das coisas. Sáfia bem cedo e chegava tarde, e Angie confirmou tudo isso. Não havia outra pessoa. Ele parecia preocupado com as mudanças no trabalho. Indiscutivelmente, os novos planos elevariam o Fasano de um bom local para comer a um lugar extremamente famoso. Quando um produto que costuma estar em mil e duzentos lugares passa a estar

disponível em todos os supermercados do país, é normal a pressão acompanhar o processo.

Hector concordou em dar um pouco de espaço a Tony e passou a semana comigo. Ele trabalhou normalmente, mas não entrava mais cedo nem chegava tarde em casa, como Tony. Fomos ao cinema, jogamos e bebemos vinho demais para ser considerado saudável. A história deles era fascinante, e Hector e eu tínhamos nos tornado amigos. Ele era alguém que faria parte da minha vida para sempre. Alguém como Gin, Maddy, Alec e Wes. Alguém com quem eu poderia contar. Meu grupo de amigos estava crescendo, e eu estava feliz por adicionar Hector a essa mistura eclética. Tony e sua irmã, Angelina, também. Mesmo que ele estivesse sobrecarregado desde a minha chegada, tivemos bons momentos, e eu gostei muito dele. Tony era um homem de trinta e um anos com uma grande carga na vida pessoal e profissional. Eu admirava sua postura e a necessidade de fazer todos felizes — todos menos a si mesmo e a pessoa que mais importava, Hector.

E Hector continuava ao lado dele.

— Se sacrificar durante um tempo — ele disse — é o que se faz quando se ama alguém. Você coloca as necessidades do outro acima das suas, e um dia o outro vai fazer o mesmo por você.

Vendo os dois juntos, mesmo sob pressão, era evidente que não havia falta de amor, compaixão ou confiança. Eles apenas estavam presos em uma situação estranha e tentavam fazer o melhor para passar por ela e encontrar o caminho novamente. Eu esperava, pelo amor que sentiam, que eles conseguissem. Não queria que eles perdessem algo tão bonito.

Eu estava arrumando a mala quando o telefone tocou.

— Alô?

— Bom dia, boneca. Está pronta para deixar a Cidade dos Ventos? — a voz suave de tia Millie soou na linha.

— Não muito. Gostei daqui. O Tony e o Hector são ótimos.

— O Tony e... o quê? Quem é Hector? — ela perguntou.

— O Hector é o parceiro do Tony.

— Anthony Fasano é gay? O lutador bonito com o corpo de um deus?

— O próprio. — Sorri e balancei a cabeça. Ela era como a fada madrinha dos caras gatos.

Minha tia estalou a língua.

— Bom demais para ser verdade. Quando coloquei os olhos na ficha dele, eu soube que havia algo de errado. Bem, parece que você não vai receber o pagamento extra este mês.

Eu ri.

— Você está sempre preocupada com dinheiro?

— O dinheiro é o rei, boneca. Neste momento, você sabe disso melhor do que ninguém. Por falar nisso, acabei de enviar por e-mail o seu próximo cliente. Você vai adorar esse. Combina perfeitamente com você.

— É mesmo? Por quê?

— Você vai para Boston, Massachusetts.

— Nunca estive lá. O que tem em Boston e por que eu vou adorar? — Além do fato de o melhor time de beisebol do mundo ser de lá.

— Homens, beisebol e cerveja. — Ela riu.

— Três das minhas coisas favoritas! — exclamei, dando uns pulinhos.

Eu amava um bom jogo de beisebol. Era uma das poucas coisas que o pops e eu fazíamos juntos. Mesmo que ele estivesse bêbado, sempre assistia aos jogos. O Red Sox era nosso time preferido. Inicialmente porque eu gostava do fato de eles usarem meias com o escudo do time, mas principalmente porque meu pai gostava deles e isso nos uniu. Era algo que nos manteve juntos. Aos dez anos, sem mãe, tentei me conectar ao meu pai com o que tinha disponível. Até a Maddy curtia os jogos e o time. Ela adoraria saber que eu iria para Boston.

— É, e calma que vai ficar melhor ainda!

— Sério?

— Está sentada?

Eu me virei e sentei na cama.

— Agora estou.

— Você vai ser a acompanhante do mais novo jogador celebridade do Boston Red Sox. Mason Murphy!

— Não acredito! Já ouvi falar dele. Ele está no ranking com a média mais alta de rebatidas e de home runs do ano.

Millie riu.

— E não é nada mal ele ser bonito. Um jovem irlandês, da sua idade, alto e feito para agradar uma mulher.

Lembrando do último jogo a que assisti, eu não poderia concordar mais. Lembro de ter passado algum tempo revendo a partida para espiar o traseiro dele naquela calça branca justa mais uma vez.

— Isso é incrível. Mas por que ele precisa de uma acompanhante?

— Algo a ver com o fato de que ter uma mulher ao lado o faz parecer mais comprometido com a equipe. É bom para a imagem dele. O relações-públicas dele acha que ter uma namorada no primeiro mês da temporada vai tirar a pressão de cima dele e mostrar aos patrocinadores que ele é um bom moço.

Eu me encolhi e franzi os lábios.

— Que seja. Estou animada. Vai ser fantástico! Me mande os detalhes do voo e tudo o mais. Devo ir pra lá mais cedo. Preciso fazer todas aquelas coisas de beleza com antecedência.

— Vou reservar um hotel para você pelos três dias em que estará na cidade antes de encontrar o sr. Murphy. Um hotel que tenha salão com serviço completo e spa. Você merece ter um tempo relaxando para ajudar a colocar a cabeça no jogo.

— Ha-ha, muito engraçado. Parece ótimo. Obrigada, tia Millie.

— Tudo para a minha garota. Nos falamos em breve, boneca.

— Tchau.



— Você está deslumbrante, Mia. — Tony me deu um abraço apertado quando Hector e eu chegamos. Hector ficou tenso a meu lado, a energia emanando dele em ondas.

— Obrigada. Sentimos sua falta hoje.

Tony umedeceu os lábios e olhou para Hector. Não só olhou como traçou cada centímetro do latino, seus olhos repletos de uma intensidade que só se tem pelas pessoas que se ama. Hector olhou para baixo e balançou a cabeça, um grande sorriso aparecendo no rosto.

— Hector — Tony disse suavemente. — Que perfeição, *papi* — sussurrou perto o suficiente para que apenas nós dois pudéssemos ouvir.

— Você está tão lindo que chega a doer — Hector disse a Tony, batendo em suas costas, num abraço viril. Eles se tocaram um pouco mais do que homens hétero se tocariam, e deram um abraço mais apertado, mas não o suficiente para causar desconfiância entre os convidados.

Mona Fasano nos observava do outro lado do salão. Algo parecia diferente na forma como ela se aproximou de mim. Mais fria, de um jeito que eu não tinha sentido nela desde que nos conhecemos. Ela me abraçou, mas não foi genuíno. Fez o mesmo com Hector, cujas sobrancelhas se estreitaram para mim no meio do abraço. Dei de ombros. Com Mona Fasano, eu nunca sabia o que esperar. Ela era um mistério para mim.

— Filho, você precisa conversar com algumas pessoas. Decidi que vamos fazer o livro de receitas. Precisamos falar com os responsáveis por isso.

Tony riu e Hector e eu ficamos alegres. Ele andara estressado a semana toda. Essa era a primeira vez, quando estávamos todos juntos, que Tony parecia ele mesmo. De alguma forma, parecia mais à vontade por ser quem ele era.

— Certo, Ma, vou estar lá num instante.

Mais uma vez, Mona olhou para mim, depois para Hector, e balançou a cabeça, suspirando. Então se afastou, resmungando baixinho.

— O que há com ela? — perguntei.

— Está infeliz.

— Isso é óbvio. Quer compartilhar com o resto da turma?

— Por enquanto não. Tudo vai ser revelado em breve. Vocês dois, peguem uma bebida e se misturem. Há um lugar lá na frente em que eu gostaria que vocês ficassem quando eu começar os anúncios. Certo? Prometam que vão ficar na frente com a família.

Hector se inclinou, para que apenas o namorado estivesse ao alcance de sua voz, além de mim:

— Amor, o que você precisar. Você sabe disso. Estou aqui por você.

— Pra sempre? — Tony perguntou, em um tom conspiratório.

Ele estava começando a me deixar encucada. Aquela noite estava estranha, embora Tony estivesse mais à vontade do que nunca. Era porque ele iria anunciar seu casamento para o público? Pela expansão da linha de alimentos? Por causa das negociações com o livro e o programa de TV? Tudo isso parecia mais trabalho e estresse, não menos. Mas Tony estava agindo como se tudo fosse muito fácil. E ainda tinha a sua mãe, claramente mal-humorada por alguma razão desconhecida, dirigindo esse sentimento a Hector e a mim.

— Pra sempre, você sabe disso — Hector prometeu. — Vamos ficar lá na frente. Agora vá fazer o que precisa, e saiba que... estou muito orgulhoso de você.

Tony esticou o braço e acariciou a mão de Hector. Algumas pessoas perceberam o movimento, mas ele se afastou antes que eu pudesse dizer algo.

— Ele está agindo de um jeito estranho, não está? — perguntei a Hector enquanto seu parceiro seguia para um grupo de pessoas com vestidos extravagantes e ternos.

— Sim, algo com certeza está acontecendo, só que ele não dividiu comigo. Se bem que isso não surpreende tanto. O Tony geralmente trabalha seus demônios e só depois compartilha comigo. Geralmente, pouco antes agir. Então, seja o que for, ele parece estar se sentindo melhor a respeito. Deve ter chegado a uma decisão de negócios que lhe permitiu voltar a ser ele mesmo.

— Fazer um carinho em você na frente de todo mundo é voltar a ser ele mesmo? A mãe dele olhando feio pra gente?

— Sim, nada disso é normal. Mas não há muito que possamos fazer a respeito. Vamos pegar uma bebida, encontrar a Angie e ver o que está acontecendo.

Passamos a meia hora seguinte tomando champanhe, conversando com o restante da família de Tony e, em geral, nos divertindo. Uma voz grave soou no microfone:

— Posso pedir para todos se aproximarem? — Tony disse do pequeno palco.

— É a nossa deusa. — Hector me levou até a parte da frente, onde a família estava reunida.

Tony estava no palco com um terno cinza-claro imaculado. Seu corpo era mais largo que o púlpito, e suas mãos cobriam o microfone. A multidão ficou em silêncio e se reuniu, focando nele.

— Eu gostaria de começar agradecendo a todos por estarem aqui. A expansão da rede Fasano para o setor de alimentos congelados era um sonho do meu pai, Joseph Fasano. Ele tocou a empresa com honestidade, orgulho e lealdade à marca. Minha mãe, minhas irmãs e eu vamos continuar o legado com esse novo empreendimento, garantindo que nossos produtos tenham qualidade e sejam acessíveis, ideais para as famílias. Algo com que sempre estivemos comprometidos.

A multidão aplaudiu e assobiou.

— Obrigado. Agora, a marca está considerando alguns investimentos adicionais. Um livro de receitas de Mãe Fasano. — Um rugido de aplausos soou. — O outro é um

programa de TV no canal de culinária. — A multidão foi à loucura. — O programa será uma aventura da família Fasano. Minha mãe, minhas irmãs e a pessoa que será minha companheira de vida vão fazer parte dele.

Brados, gritos e aplausos abafaram as expressões surpresas minhas e de Hector. Que raios ele quis dizer com “companheira de vida”? De modo algum ele me faria ficar a seu lado para ajudá-lo a enganar o público americano.

— E isso me leva ao principal anúncio da noite. Vocês já ouviram a parte profissional, agora vou falar sobre o lado pessoal. Quero apresentar ao público a pessoa que eu mais amo neste mundo. Aquela que esteve ao meu lado, enfrentando tudo comigo, e nunca me abandonou. Meu verdadeiro amor. Meu noivo... se ele me quiser.

Se ele me quiser? Ah, merda. Santa Mãe de Deus.

A meu lado, Hector estava com os olhos arregalados e cheios de lágrimas. Elas rolaram no momento em que Tony estendeu a mão para ele.

— Hector Chavez. Eu te amo e sempre vou te amar. Quero passar o resto da vida amando você. Este negócio e o meu sobrenome não são nada se você não aceitar compartilhá-los comigo.

E foi então que Tony se ajoelhou e abriu uma caixa de veludo vermelho. Uma fina aliança de ouro estava lá dentro.

— Quer casar comigo? Legalmente? Ter o meu sobrenome. Construir uma família comigo.

A sala ficou totalmente silenciosa. Nem mesmo um sussurro podia ser ouvido.

— Levante do chão. — Hector puxou Tony. — O meu homem não se ajoelha pra ninguém. Ele é orgulhoso, da mesma forma que eu tenho orgulho dele. Vai ser uma honra me casar com você e usar o sobrenome Fasano.

Tony abriu um sorriso enorme, puxou Hector para seu lado e se virou para o público. Flashes piscavam loucamente. O nível de barulho se transformou em rugido com o caráter definitivo do que estava acontecendo. Anthony Fasano, lutador, empresário e homem de família, tinha acabado de se assumir gay e de pedir a mão de seu namorado de longa data em casamento, pedindo que ele usasse seu sobrenome e tivesse filhos com ele.

Putá merda! Era um momento épico. Fiquei lá, observando cada membro da família de Tony. Começando do lado esquerdo, com Giovanna e seu marido.

— Giovanna, você aceita Hector como meu noivo e futuro cunhado?

Ela abriu um grande sorriso e acenou.

— Sim — sua voz soou rouca, mas eu podia ver a emoção nela.

— Isabella, aceita Hector como parte da família?

— Sim, sempre aceitei. E estou muito feliz por vocês. — Ela se virou e soluçou no pescoço do marido.

— Sophia...

Ele não precisou terminar.

— Finalmente você se assumiu — ela disse, e a multidão riu. Tony segurou Hector mais perto enquanto as lágrimas escorriam por sua pele cor de caramelo.

— Angie, aceita Hector como membro da família?

Em vez de responder, ela pulou no palco e os abraçou.

— Eu te amo, eu te amo — ela disse e beijou cada um deles na boca.

Os italianos doidos e seus beijos. Ela sussurrou algo para os dois. Os olhos de ambos se arregalaram e Tony a puxou de volta. Ele se ajoelhou, puxou a irmã para a frente e beijou a barriga dela, acariciando-a com cuidado. Seu sorriso largo revelava a todos o que estava acontecendo.

Olhei para Mona Fasano enquanto ela observava seus filhos. Lágrimas jorravam de seus olhos tão rapidamente como se uma torneira tivesse sido aberta.

— Minha irmã vai ter um bebê! Ela vem tentando há anos, e agora vai ter um bebê! — Tony gritou para a multidão. Todos aplaudiram e assobiaram.

Angie desceu do palco e correu para o marido, Rocco, se jogando em seus braços. Ele a pegou e a girou.

— Ma — Tony disse ao microfone —, temos sua bênção para fazer do Hector parte oficial da família? Eu sei que você queria que eu me casasse com uma boa moça católica e lhe desse netos, mas não é isso que vai me fazer feliz. O Hector e eu vamos ter esses bebês, Ma, com uma mãe de aluguel. Já conversamos sobre isso. — Hector assentiu freneticamente. — Sei que é difícil para você aceitar. Mesmo quando eu te contei, no início da semana, você já desconfiava. Sempre foi o Hector, Ma.

Mona concordou com a cabeça e colocou as mãos sobre a boca. Os soluços sacudiam seu corpo pequeno. Tony desceu do palco, com Hector logo atrás.

— Eu te amo, mãe. Mas também amo o Hector. Ele é o meu futuro, e eu não posso mais fingir. Não posso mais viver pelas regras de outras pessoas e sacrificar a minha felicidade e a do Hector. Não está certo.

Mona puxou o filho em seus braços.

— Ah, seu garoto tolo. Eu teria entendido com o tempo. Eu entendo o amor. Entendo quando alguém é o seu mundo. Era isso o que o seu pai significava para mim. Se é isso o que o Hector significa para você, nada que alguém pense ou diga deve impedir vocês dois de ficarem juntos. Eu te amo. — Ela se afastou. — Vocês dois. — E acariciou o rosto de Hector. — Agora você realmente vai ser meu filho, mesmo que sempre tenha sido, não é? — As lágrimas de Hector caíram mais uma vez e ela as enxugou. — Quero que os meus filhos sejam felizes — disse Mona, puxando-os num abraço apertado.

E foi isso. O restante da noite foi de celebração. De Hector e Tony, Angelina e Rocco, que finalmente teriam o bebê que tanto queriam. Conversando com Angie no fim da noite, descobri que Tony foi à casa de cada irmã na semana anterior e contou a elas, individualmente, que era gay, que estava apaixonado por Hector e pretendia pedi-lo em casamento. Aparentemente, elas já suspeitavam, mas respeitaram a privacidade do irmão

por todos aqueles anos, mantendo-se caladas em relação ao assunto. Então, quando apareci, nenhuma delas soube o que pensar.

Angelina tinha passado a semana trabalhando com Tony, correndo contra o tempo para garantir que aquela revelação não manchasse o nome Fasano. O guru de RP que contrataram estava divulgando uma campanha de “amor em todas as formas” para desviar qualquer visão preconceituosa sobre o restaurante, e os produtores do programa de TV adoraram a notícia. Disseram que o público-alvo se expandiria. Fariam um dia diferente para cada um dos irmãos e para a mãe. A produção ficou muito animada com o conceito e adorou a ideia de ter um dia em que Hector e Tony cozinhariam juntos, para oferecer alguma coisa nova à comunidade gay.

O amor havia vencido mesmo com todas as adversidades, e a família se fortaleceria com isso.



Bem cedo na manhã seguinte, arrastei minha bagagem para o elevador. Lembrei-me da noite anterior. Tinha sido bonita, terminando com todos animados com as possibilidades, a empresa indo melhor do que nunca, a família Fasano crescendo exponencialmente e falando sobre novas aventuras. Tony havia sido sincero a respeito do meu envolvimento, mas não revelou que eu era uma acompanhante. Em vez disso, usou o termo “amiga”. Após um mês compartilhando a vida com esses caras, isso era exatamente o que eles se tornaram: meus amigos.

Coloquei o bilhete ao lado da garrafa de Jameson que comprei na loja de bebidas no dia anterior, durante uma caminhada. Eu me inclinei, dei um beijo perto do meu nome e o li mais uma vez.

Tony e Hector,

Deixo vocês hoje com felicidade no coração e lágrimas nos olhos. Conhecer vocês dois abriu meus olhos para a plenitude que a vida tem a oferecer quando nos permitimos assumir riscos. Você os assumiu, Tony, e agora a sua vida vai ser sempre plena. Talvez, no futuro, eu seja capaz de fazer o mesmo. Obrigada por me mostrar o que é bravura.

Hector, vou sentir falta das nossas conversas, sessões de cinema e de ter você para me vestir. Sempre fico melhor quando você escolhe minhas roupas 😊. Falando sério agora, você é muito amoroso, e eu sou grata por ter dividido esse amor comigo... como amigo.

Obrigada a vocês dois por compartilharem sua vida comigo. Eu não poderia estar mais feliz por vocês. Mantenham contato. Espero um convite de casamento!

Sua amiga para todas as horas,
Mia

Era verdade. Eu aprendi muito com os dois. A não ter medo, a nunca deixar que outra pessoa escolha como minha felicidade deve ser. Eu gostaria de levar esse conhecimento comigo pelo resto da viagem, e deixar que ele me orientasse pelo caminho certo. Por ora, o caminho estava me levando a um avião direto para Mason Murphy, de Boston, Massachusetts.

NÃO PERCA O PRÓXIMO PASSO DA JORNADA DE MIA.

A
garota DO
CALENDÁRIO



ABRIL

CONHEÇA A SEGUIR O PRIMEIRO CAPÍTULO.



— E aí, gata — foram as primeiras palavras que saíram daquela boca muito sensual. Pena que, somadas à forma como seus olhos deslizaram sobre mim, elas fizeram minha temperatura subir... mas não de um jeito bom. Mason Murphy estava encostado na limusine. Usava óculos aviador, tinha cabelo castanho-acobreado e um sorriso que provavelmente deixava as fãs de beisebol derretidas. Felizmente, eu tinha estado rodeada de caras extremamente gostosos nos últimos meses, então não me impressionei.

Estendi a mão. Ele torceu os lábios e empurrou os óculos para o alto da cabeça, me apresentando com impressionantes olhos verdes. Eram escuros e bonitos como esmeraldas.

— Ué, nem um beijo?

Estreitei os olhos, apoiei o peso em uma das pernas e cruzei os braços.

— Sério? Você vai seguir por esse caminho?

Ele pegou os óculos e começou a morder uma das hastes no canto da boca. Mais uma vez, me olhou de cima a baixo.

— Atrevida... Eu gosto de mulheres que me oferecem um bom desafio.

Fechei os olhos e pisquei várias vezes, para me certificar de que não estava dormindo por causa do Benadryl que havia tomado no avião. Voar sempre me deixava nervosa. Mas nada parecido com o que eu estava sentindo agora.

— Você é um osso duro de roer, não é?

Seus olhos se arregalaram e um enorme sorriso surgiu em seu rosto esculpido. Maçãs do rosto salientes, queixo com covinha e olhos cintilantes, que pareciam travessos.

Ele se aproximou de mim, passou um braço ao redor do meu pescoço e beijou minha têmpora. Fiz um grande esforço para não me virar e lhe dar... um soco na cara.

— Tire o braço de cima de mim e se afaste. Você não tem modos?

Mason parou à minha frente e se inclinou, como se fosse sussurrar.

— Eu sei o que você é e está tudo bem pra mim. Muito, *muito* bem. Nós vamos nos divertir juntos.

Empurrei seu peito o suficiente para afastá-lo do meu rosto.

— Olha, sr. Murphy...

— *Sr. Murphy* — ele disse, sarcástico. — Ahhh, eu gosto disso.

Respirando fundo, cerrei os dentes. Se tivesse mordido a língua, eu a teria cortado ao meio, de tanto que esse cara me irritava.

— O que eu estava tentando dizer, antes de você me interromper, era que você está com uma ideia errada a meu respeito. Eu sou uma acompanhante. Isso significa que acompanho você aos lugares. Forneço companhia de forma amigável.

Mais uma vez ele se aproximou, segurou meus quadris e os puxou contra sua virilha.

— Não vejo a hora de ficar mais *amigável* com você. — E esfregou a pélvis na minha. Pude sentir o contorno de algo despertando para a vida.

Suspirei. Relevando a investida, empurrei-o novamente.

— Pegue as minhas malas, ok?

Ele assobiou para o motorista. Sim, assobiou. Como se o cara fosse um cachorro. Mason poderia muito bem ter dito “Vem cá, garoto. Bom motorista”. Eu me encolhi e saí do seu alcance.

— Não se preocupe, baby. Você vai pegar o jeito. — Ele fingiu balançar um taco de beisebol. Revirei os olhos e abri a porta da limusine, entrando. Ele moveu o corpo longitudinalmente para dentro do veículo espaçoso e bateu palmas. — Quer uma bebida?

Tenho certeza de que o encarei como se tivesse crescido um rabo nele.

— Não é nem meio-dia.

Ele encolheu os ombros.

— Em algum lugar do mundo já é — respondeu, com uma piscada atrevida.

Mason pegou uma garrafa de champanhe. Sua língua umedeceu o lábio inferior, carnudo. O espaço entre minhas pernas notou o movimento instantaneamente, formigando de maneira deliciosa. Balancei a cabeça e cruzei as pernas. Ele era um cretino, mas não pude deixar de notar que era bonito. Mason Murphy era alto, provavelmente um metro e oitenta e dois ou algo assim, e tinha um corpo que poderia aparecer em revistas — e já tinha aparecido, muitas vezes. Os músculos dos bíceps incharam deliciosamente e os quadríceps se flexionaram quando ele colocou a garrafa entre as pernas e removeu a tampa com um *plop*. Sem espuma. Muito bom, tive que reconhecer.

— Agora, gata, vamos esclarecer algumas coisas.

Arregalei os olhos, as sobrancelhas se erguendo em direção ao couro cabeludo. Ele me entregou uma taça. Mesmo sendo dez da manhã, peguei a bebida, imaginando que precisaria de algo para esquecer minha indignação.

— Você foi enviada pra cá para ser a minha namorada. Isso significa que, para que os meus fãs, os meus potenciais patrocinadores e a mídia acreditem, você e eu vamos ter que ficar *amigáveis* bem rápido. E, olhando pra você... — Ele lambeu os lábios novamente, enquanto seus olhos traçavam meu contorno, começando pelas botas, subindo pela calça jeans e parando diretamente em meus seios. Cafajeste. — ... vou aproveitar cada segundo disso.

Esse cara ia ser um desafio. Ele era presunçoso, sexy pra caramba, irritante, sexy pra caramba, absolutamente grosseiro, sexy pra caramba e imaturo. Esqueci alguma coisa?

Ah, sim. Sexy pra caramba.

Ele se recostou, exibindo o corpo no banco oposto ao meu. Sorrii e bebi o champanhe de uma só vez. Eu não deixaria esse idiota levar a melhor, então engoli a bebida de uma vez também. Suas sobranceiras se arquearam e os olhos brilharam de prazer.

— Uma mulher que pensa como eu. — E colocou a mão no peito, em um cavalheirismo simulado.

Eu me inclinei, peguei a garrafa e enchi novamente minha taça. Em seguida, fiz um gesto com o queixo indicando a dele. Mason a estendeu e eu a enchi também.

— Olha, nós precisamos acertar algumas coisas — falei.

Seu rosto indicou que ele estava prestes a fazer uma piada, mas cortei suas palavras, olhando feio em sua direção. Ele se recostou no banco e levantou o queixo.

Eu sorri, sabendo que havia ganhado esse round.

— Eu posso ter sido contratada para ser sua namorada durante este mês, mas não sou sua puta. — Suas sobranceiras se ergueram. — Transar com o cliente é opção minha, não faz parte do contrato. Você devia ter lido as letras miúdas, amigo, porque está prestes a descobrir como é passar um mês na seca.

Sua boca se abriu em uma expressão de choque.

— Você está de sacanagem? — ele deu um sorriso forçado.

Balancei a cabeça.

— Receio que não. Então é bom se acostumar com a mão aí embaixo — fiz um gesto em direção a sua virilha —, porque vai ter que usá-la muitas vezes. Se a imprensa te pegar com uma vagabunda qualquer que você consiga fazer te dar uma chance, eles vão saber que isso aqui — apontei de mim para ele — é uma farsa. E o esforço e os cem mil dólares que você está me pagando vão ser desperdiçados. — Mason passou a mão pelo cabelo. — Fora que os seus potenciais patrocinadores não enxergariam com bons olhos o fato de você não ser capaz de manter a sua linda namorada por mais de um dia. Lembre-se: o meu pagamento não é reembolsável.

Nesse ponto, eu me recostei no banco da limusine, cruzei as pernas e dei um gole no champanhe, deixando as bolhas amargas dançarem na língua e despertarem meus sentidos mais uma vez.

Mason olhou para mim, uma expressão não identificável no rosto bonito.

— E o que você propõe que a gente faça, gata? — Ele sorriu, os olhos em minhas pernas, seguindo pelos seios até, finalmente, pousar em meu rosto. As palavras eram boas, mas faltava sinceridade.

— Primeiro você vai parar de me chamar de gata.

Ele atalhou antes que eu pudesse continuar:

— Um cara não pode colocar um apelido na namorada?

Mordisquei o lábio para pensar no assunto. Talvez ele estivesse certo.

— Até pode, se a forma como você fala não soasse tão babaca.

Mason inclinou a cabeça para trás e riu. O som ecoou pelo carro e aliviou o clima. Se eu pudesse ouvir aquela risada todos os dias, talvez este mês não fosse um saco. Ele lambeu os lábios e, novamente, o espaço sensível entre minhas coxas, que ainda não tinha esquecido como era bom ter o rosto perfeito de um homem se esfregando em toda a carne macia, vibrou em resposta. *Calma aí, garota!* Eu queria dar uma bronca na minha libido. Desde meu encontro com Wes, duas semanas antes, eu estava necessitada, com um tesão do caramba e sem nenhuma esperança de alívio. E agora, com meu cliente atual definitivamente fora da lista de potenciais companheiros de cama, parecia que eu ficaria na seca com ele. Nem um pouco divertido.

— Olha, tudo bem. Imagino que o próximo passo seja descobrirmos um pouco mais um sobre o outro. Me fale de você.

Ele apoiou as mãos nos joelhos, sobre o jeans, e olhou pela janela.

— Não tem muito o que dizer. A minha família é irlandesa. Meu pai é gari, embora eu já tenha pedido pra ele parar de trabalhar. Ele não quer. É muito orgulhoso.

— Parece ser um bom homem. — Ao contrário do meu próprio pai. Bem, tecnicamente isso não é verdade. Ele tentou. Dadas as circunstâncias, depois de lidar com o golpe que foi ser abandonado pela minha mãe, ele se perdeu no caminho. Não tenho certeza de que alguém saiba realmente lidar com a perda do amor da sua vida.

Mason sorriu, revelando dentes brancos e quase todos retos. O canino era torto, apenas o suficiente para dar charme ao sorriso.

— Meu pai é demais, apesar de ser durão. Mas ele trabalha muito. Sempre trabalhou, querendo dar o melhor pra mim e os meus irmãos.

— Quantos irmãos você tem? — perguntei, achando aquela linha de conversa interessante.

Ele levantou três dedos enquanto bebericava o champanhe.

— Meus irmãos são todos uns cretinos malucos, mas eu amo os três — Mason disse, o sotaque de Boston vindo à tona. Sotaque sexy demais. Droga, seria difícil manter as mãos longe se ele se revelasse um cara legal.

Seus olhos se estreitaram para mim, o verde ficando escuro.

— Eles vão achar o máximo eu estar pegando uma gostosa que nem você. — E o babaca vem à tona mais uma vez. Balancei a cabeça e respirei fundo.

— Tudo bem, três irmãos. Mais novos ou mais velhos?

— Todos mais novos. O Brayden tem vinte e um, e o Connor dezoito. O caçula, Shaun, tem dezessete e ainda está no colegial.

Eu me curvei para a frente e coloquei a taça vazia no suporte.

— Uau, quatro homens.

Mason assentiu.

— É. O Brayden é barman e faz faculdade comunitária durante o dia. Engravidou uma garota assim que saiu da escola. — Fiz uma careta. — A vadia deixou a filha com ele e se mandou. — Meu queixo caiu e eu ofeguei. Como uma mulher pode abandonar seu próprio sangue? Bem, minha mãe fez o mesmo. Ainda assim, ouvir que isso aconteceu

com outra criança faz meu sangue ferver. — O Bray mora com o meu pai e a filha, Eleanor.

Eleanor.

— É um nome antiquado — falei.

Ele sorriu e olhou pela janela novamente.

— É, é em homenagem a nossa mãe.

— Seus pais são separados?

Ele balançou a cabeça.

— Não, minha mãe morreu faz dez anos. O câncer de mama a levou muito cedo.

Então somos só nós, homens, há bastante tempo.

Eu me aproximei e coloquei a mão em seu joelho.

— Sinto muito. Eu não deveria ter perguntado.

Com um movimento de mão, ele descartou o gesto.

— Foi há muito tempo. Não importa. O Connor está na Universidade de Boston, e o Shaun passa o dia todo atrás de xoxota adolescente.

Fiz uma cara feia e gemi.

— Que foi?

— Nada. — Preferi não mencionar que qualquer homem adulto que se refira às partes íntimas femininas como “xoxota” na presença de uma mulher demonstra falta de maturidade, uma vez que era uma batalha perdida. — Então, em que anúncios e patrocinadores você está interessado?



Quando chegamos ao seu “apê”, como ele o chamava, uma loira bonita e delicada nos recepcionou, o que me surpreendeu. Eu não sou uma mulher pequena, estou na média para vinte e poucos anos, mas aquela garota era magra como uma modelo. Parecia uma Barbie executiva, com o cabelo loiro puxado para trás em um coque retorcido, olhos brilhantes da cor do céu e a boca rosada perfeita. Era alta e usava um tailleur que vestia como uma luva seu corpo esguio. O visual ostentava sofisticação e profissionalismo, ideias totalmente contraditórias em relação à maneira como ela olhava para Mason.

— Hum, sr. Murphy. — A mulher levantou um dedo quando ele cruzou com ela, entrando no prédio. Seus lábios se transformaram em um beicinho no instante em que ele seguiu em frente sem lhe dirigir o olhar.

Eu me aproximei da mulher. Quando ela finalmente parou de olhar para a bunda de Mason enquanto ele caminhava pelo saguão do prédio, seus olhos fuzilaram os meus. Eu sorri.

— Ei, grosseirão, a loira bonita de terno está tentando chamar a sua atenção — falei para Mason, mantendo os olhos nela. — E você esqueceu de pegar as minhas malas. —

Balancei a cabeça e murmurei um “idiota”.

— Como é? — Ela quis se certificar de que havia ouvido direito.

Assenti e estendi a mão.

— Mía Saunders. Sou a namorada do Mason.

A loira fechou os olhos e respirou fundo, parecendo se preparar para a situação.

— Eu sei quem você é, Mía. Fomos nós que sugerimos que ele contratasse você. Sou Rachel Denton, a relações-públicas dele. Fui designada para trabalhar com vocês dois a fim de enganar o público. Normalmente o agente dele faria isso, mas eu me ofereci para ajudar. — Ela mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Bem, então imagino que nós vamos passar por isso juntas. Ele é uma figura e tanto. — Sorri quando Mason apareceu na porta.

— Se perdeu, gostosa? — O olhar era divertido, mas as palavras foram grosseiras. Revirei os olhos, segurei no ombro de Rachel e a trouxe para o meu lado.

Mason pareceu notá-la pela primeira vez, e, quando digo notá-la, quero dizer que ele a olhou de cima a baixo... duas vezes.

— Rachel, o que você está fazendo aqui? Achei que o Val ia trabalhar nisso.

Ela balançou a cabeça e ficou vermelha. Interessante.

— Não, o Val está ocupado fazendo o levantamento de patrocinadores e anúncios para você avaliar. Eu me ofereci. — Ela se ajeitou enquanto ele continuava a comê-la com os olhos.

— Não posso dizer que vou sentir falta do Val — ele respondeu, de uma forma que não soou condescendente nem repulsiva. Interessante também. Rachel deu uma risadinha. Sim, uma risadinha. Os olhos de Mason pareceram suavizar quando ele olhou no rosto dela e depois abriu a porta para que nós duas entrássemos.

— Hum... preguiçosos? As malas. — Apontei com a cabeça para o carro.

— Ah, certo. — Ele parou, olhou para Rachel, recuou, trombou na porta, que não havia sido fechada corretamente, e sorriu. — Eu só vou, hum, pegar as malas.

Olhei fixamente enquanto o babaca superconfiante e mulherengo se atrapalhava todo na presença de sua RP, que também não estava se saindo melhor em esconder o interesse nele. As bochechas de Rachel estavam avermelhadas, e seus dentes mordiam o lábio inferior.

Apontei com o polegar por cima do ombro.

— Tá a fim dele? — perguntei.

Ela assentiu em silêncio, e então seus olhos se arregalaram de repente.

— Não! O quê? Você teve uma impressão errada. Tenho uma relação estritamente profissional com o sr. Murphy. — Ela terminou seu discurso inflamado cruzando os braços e franzindo os lábios com força.

Falhando em disfarçar o riso, entrei no prédio.

— Se você diz... — Eu teria de escavar um pouco mais esse assunto depois, só para infernizá-lo. Se eu não ia ter nenhuma aventura durante esse trabalho, o mínimo que poderia ter era um pouco de diversão.

Mason deixou as malas no hall de entrada e nos conduziu até a sala de estar. Era um grande retângulo, o que fazia sentido para um prédio típico de Boston, com vários andares acima e, provavelmente, um abaixo. Eu mal podia esperar pelo grandioso tour.

No centro da sala havia um sofá preto de couro. Em frente, uma TV de tela plana pendurada na parede, com pelo menos sessenta polegadas. Havia memorabilia de beisebol aqui e ali — camisetas emolduradas e uma fila de bolas autografadas sobre o console da lareira, cada uma dentro de sua própria redoma de vidro ou acrílico. Sinal de que ele tinha cuidado com as coisas de que gostava. Talvez houvesse dois lados em Mason Murphy. Se eu tinha de passar um mês fingindo ser sua namorada, com certeza esperava que houvesse.

— O que te traz aqui, Rach? — ele perguntou, o corpo voltado completamente na direção dela, mesmo sem precisar. *Rach*. Ele usou um apelido, o que significa familiaridade ou certa intimidade.

Ela cruzou as pernas, a saia subindo pela coxa. Mason seguiu com os olhos o pequeno pedaço de tecido. Eu ri, mas nenhum dos dois me ouviu ou sequer prestou atenção no fato de eu estar na sala.

— Eu só queria ter certeza de que vocês dois estão cientes sobre amanhã. Vai ser a primeira aparição pública de vocês como um... — Ela limpou a garganta e colocou uma longa mecha de cabelo atrás da orelha. A mecha não parou no lugar, deslizando delicadamente até o seu queixo.

Novamente, os olhos de Mason se fixaram nela, naquela mecha de cabelo, como se quisesse tocá-la e, com isso, acariciar sua pele. As mãos dele se prenderam nas coxas.

— Como, hum... um casal — ela terminou. — Vocês precisam fazer parecer real. Ficar de mãos dadas quando estiverem fora do estádio, pequenos toques, sorrisos... e... — ela limpou a garganta e fez uma careta, como se estivesse sentindo dor — ... beijos. Esse tipo de coisa. Algum problema quanto a isso, srta. Saunders?

Eu a encarei com os olhos arregalados.

— Tem algum problema pra você? — perguntei, honestamente sem acreditar que estava assistindo àquilo. Era óbvio para mim (e olha que eu os tinha visto juntos por um total de dez minutos) que eles se queriam. O que é que os impedia de ficar juntos?

A cabeça de Rachel recuou, como se ela tivesse levado um soco.

— Como? — Ela colocou a mão no peito, ofegante. — Por que teria algum problema para mim?

— Sério? — Balancei a cabeça.

— O que a Mia deve estar tentando saber é se vai ser um problema para os patrocinadores ou para a agência se fizermos demonstrações públicas de afeto.

Não, não era nada disso que a Mia estava tentando saber. Em que planeta eu pousei quando descí daquele avião? Esses dois eram reais? Suspirei e decidi que era melhor jogar o jogo deles até descobrir o que estava acontecendo.

— Sim, é exatamente isso.

Os lábios de Rachel se contraíram e a tensão pareceu se esvaír de seus ombros. Era como ver uma flor se fechar para a noite. Relaxando lentamente, enrolando as pétalas para descansar até que o sol da manhã a trouxesse de volta — ou, nesse caso, uma acompanhante intrometida e meio sem noção de Las Vegas.

— A nossa equipe passou horas planejando isso. Nós entendemos que é uma abordagem pouco convencional, mas o público não está enxergando o sr. Murphy como um ídolo. Entre outras coisas, ele precisa parar com as brigas nos bares e com o excesso de bebidas. Nem o cigarro ocasional vai ser bem-vindo. A equipe acredita que a horda de mulheres com quem ele desfilou na última temporada, e nunca com a mesma mais de uma vez, não ajudou em nada a melhorar a imagem dele. Nós estamos empenhados em mudar essa situação, e você é o primeiro passo.

Finalmente arrisquei um olhar para Mason. Seus cotovelos estavam sobre os joelhos, a cabeça entre as mãos. Uma postura tipicamente derrotista. Eu me levantei e me sentei a seu lado, colocando uma mão em suas costas e esfregando-a para cima e para baixo. Ele virou a cabeça para mim.

— Cara, eu ferrei com tudo.

— Todos nós já fizemos isso. Pelo menos você contratou a Rachel, e a sua assessoria acredita que você pode virar esse jogo. — Continuei passando a mão em suas costas até que ele levantou a cabeça, arrumou os ombros, empurrando-os para trás, e estufou o peito.

— Tudo bem, você quer demonstrações públicas de afeto? — ele perguntou para Rachel. Ela assentiu. — Então você vai ter. — Ele se virou para mim com uma expressão feroz e um raio laser no olhar. — Vamos lá.

Quando vi, suas mãos estavam segurando as laterais da minha cabeça e seus lábios estavam colados nos meus. Ofeguei, abrindo a boca acidentalmente. Ele tomou isso como um convite. Inicialmente não era, mas o gosto do champanhe permanecia em sua língua quando ele tocou a minha, e eu não era beijada pelo que parecia uma eternidade, apesar de fazer apenas duas semanas. Some a isso o perfume delicioso que emanava de seu corpo... e já era. Eu me perdi em seu beijo. Sua língua entrou na minha boca, exigente, mas brincalhona. Eu retribuí, agarrei sua camiseta e o abracei, enquanto inclinava a cabeça em busca de mais. Mais de seu beijo, mais dele. Merda. Isso não fazia parte do plano.

Quando finalmente nos afastamos, ambos estávamos ofegantes, tentando recuperar o fôlego.

— Como foi? — Mason se virou para onde Rachel estava sentada, mas ela havia ido embora. Ouvi seus saltos batendo no chão. — Rachel? — ele gritou.

— Vejo vocês amanhã. Ótimo trabalho! — ela gritou, dois segundos antes de a porta se fechar.

Ele caiu contra o encosto do sofá.

— Que foda.

Balancei a cabeça e me inclinei para trás.

— Não vai acontecer. — Ele riu. — O que foi isso?

— Isso foi um beijo numa acompanhante muito gostosa. — Seus olhos brilharam com uma pitada de luxúria, mas eu sabia o que era. Um mecanismo corporal. Claro que ele era lindo de morrer, e eu não podia negar que o beijo me deixou excitada, mas atração e interesse real são coisas completamente diferentes.

— Você gosta dela — ofereci a bandeira branca.

Ele contorceu os lábios e fechou os olhos.

— Claro que gosto. Ela é legal e eu pago uma boa grana pra eles. Estamos todos felizes. Por que eu não iria gostar?

— Não é isso que eu estou dizendo, e você sabe.

— Olha, não sei você, mas eu estou com fome e você precisa se acomodar. Tem um monte de porcarías que a Rachel e o Val compraram como parte do contrato. Eu não guardei nada, só coloquei as sacolas em cima da cama. Pode ser pizza?

Ele se levantou rapidamente e começou a se afastar, mas deve ter pensado melhor. Então se virou e estendeu a mão.

— Obrigado por aceitar o trabalho — disse, me puxando para que eu ficasse de pé.

— O seu quarto é a primeira porta à direita, a menos que você deseje ficar no meu. — Ele mexeu as sobancelhas e forçou os quadris contra mim. Expirei rapidamente e balancei a cabeça. Quando comecei a andar, ele deu um tapa na minha bunda.

— Que traseiro poderoso, hein, Mia.

Parei, apoiei o peso em uma perna e coloquei a mão na cintura.

— Se quiser continuar a ter mão, vai ter que mantê-la longe da minha bunda.

Ele se afastou, as duas mãos para cima.

— Tudo bem, tudo bem. Estou só praticando pra amanhã. Sem dano, sem problema, certo?

— Guarde isso para o jogo. Você vai precisar. — Caminhei na direção da escada, pensando que tinha dado a última palavra, mas o ouvi responder assim que cheguei ao topo.

— Meu bem, você não sabe que eu sempre jogo pra ganhar?

Ah, cara.

AGRADECIMENTOS

A Sara Saunders, por dar a Mia o seu sobrenome e me ajudar a fazer dela uma mulher foda. Há muito de você na nossa garota, e eu adoro isso!

A minha editora, Ekatarina Sayanova, e à Red Quill Editing, LCC. Você entende a mim e às minhas histórias de uma maneira que eu nunca tinha experimentado com um editor. Você me faz uma escritora melhor a cada edição. Obrigada.

A Heather White, também conhecida como minha deusa assistente. Às vezes me pergunto o que fiz para merecer uma pessoa tão altruísta em minha vida. Estou muito feliz por ter você trilhando esta jornada comigo. Confie na jornada, querida!

A Ginelle Blanch. Você esteve comigo desde o início, nunca reclamou, sempre me apoiou, dividiu sua opinião e suas leituras beta de forma eficiente e pirou minha cabeça com os erros malucos que encontra. Você tem um olho incrível para detalhes. Obrigada por compartilhar seu dom comigo.

A Jeananna Goodall, a mulher que lê tudo o que eu escrevo antes mesmo que eu dê uma segunda lida. Eu te adoro. Você me faz querer escrever e acredita em cada história, às vezes mais do que eu. Obrigada por sempre me dar esperança.

A Anita Shofner, minha rainha do presente e do passado... Você impede que meus personagens viajem no tempo e faz com que meus manuscritos pareçam brilhantes. “Esperamos satisfação” é o seu slogan. Acho que vamos ter que ver aonde o ano levará a nossa Mia.

A Christine Benoit. Obrigada por garantir que o meu francês estivesse correto. Seu idioma é lindo. Gostei muito de tê-lo no meu livro.

Às Audrey's Angels: juntas nós mudamos o mundo. Um livro de cada vez. *Besos*, moças adoráveis.

A todas as leitoras do Audrey Carlan Wicked Hot Readers... Vocês me fazem sorrir todos os dias. Obrigada pelo apoio.

Por último, mas certamente não menos importante, a minha editora, a Waterhouse Press. Vocês são o *extra* no extraordinário. Eu não poderia estar mais feliz por vocês terem me encontrado e me dado uma casa para chamar de minha. Muito amor.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Março

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/livro/583672ED585283>

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Vídeo sobre a série no Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>